

Elizabeth Dias Lessa

DOUTA LOUCURA:

uma abordagem dos contos “O Alienista”, de Machado de Assis, e “O sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, de Edgar Allan Poe

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
MONTES CLAROS
Março/2017

ELIZABETH DIAS LESSA

DOUTA LOUCURA:
uma abordagem dos contos “O Alienista”, de Machado de Assis, e “O sistema do Doutor Alcairão e do Professor Pena”, de Edgar Allan Poe

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Jardim

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
MONTES CLAROS
Março/2017

L638d Lessa, Elizabeth Dias.
Douta loucura [manuscrito] : uma abordagem dos contos “O Alienista”, de Machado de Assis, e “O sistema do Doutor Alcatrão e do professor Pena”, de Edgar Allan Poe / Elizabeth Dias Lessa. – Montes Claros, 2017.
105 f. : il.

Bibliografia: f. 101-105.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Jardim.

1. Literatura brasileira. 2. Tradição e modernidade. 3. Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839 - 1908. 4. Allan Poe, Edgar, 1809 - 1849. 5. “O Alienista”. 6. “O sistema do doutor alcatrão e do Professor Pena”. 7. Loucura. 8. Positivismo. I. Jardim, Alex Fabiano. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: Uma abordagem dos contos “O Alienista”, de Machado de Assis, e “O sistema do Doutor Alcatrão e do professor Pena”, de Edgar Allan Poe.



Dissertação de Mestrado intitulada “**DOUTA LOUCURA: uma abordagem dos contos “O Alienista”, de Machado de Assis, e “O sistema do Doutor Alcairão e Professor Pena”, de Edgar Allan Poe**”, de autoria da mestranda em Letras – Estudos Literários **ELIZABETH DIAS LESSA**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim – Orientador (Unimontes)

Prof. Dr. Alex Sander Luiz Campos – (IFNMG)

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva – (Unimontes)

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários

Montes Claros, 03 de maio de 2017.

Dedico esta dissertação à Maria Alice Dias Lessa,
primeira incentivadora do meu gosto pela Literatura.
Dedico, também, a Marcus Vinícius Lessa Bueno,
pela alegria de sua existência.
Estarei sempre em Q.A.P.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sem ordem de prevalência.

Ao meu orientador, Dr. Alex Fabiano Correia Jardim.

À Dra. Alba Valéria Niza e ao Dr. Osmar Oliva, pela gentil e valiosa colaboração em minha banca de qualificação.

Aos professores que contribuíram para minha formação.

Ao professor Dr. Anelito de Oliveira, pela sugestão do título desta dissertação.

Aos meus familiares, que ~~suportaram~~ entenderam meu distanciamento e mau humor em ~~vários~~ alguns momentos.

Aos amigos, pelos momentos de alegria.

Aos amigos-colegas da PCMG, sobretudo a Ricardinho, pela colaboração e compreensão.

Aos amigos-colegas do mestrado, pelo auxílio constante.

“E aqueles que foram vistos dançando
foram julgados insanos,
por aqueles que não podiam escutar a música.”
(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

O presente estudo pretendeu analisar em que medida Joaquim Maria Machado de Assis e Edgar Allan Poe compartilham, entre si, a perspectiva crítica frente à ciência positivista do século XIX, ao se aproximarem da abordagem ficcional da loucura como instrumento de classificação dos indivíduos e de “denúncia” dos excessos cometidos em prol da ciência – “cega” pela crença no extremismo das incipientes doutrinas – presente nos contos “O Alienista” e “O Sistema do Doutor Alcatrão e do professor Pena”. Numa época em que o conhecimento psiquiátrico ainda era gestado, Machado e Poe “imprimiram” nos *corpora* analisados, com a pena da jocosidade irmanada à crítica cáustica – que em nada relativiza a seriedade da questão –, importantes discussões acerca da temática abordada, tais como a instrumentalização da medicina psiquiátrica, como forma de alcance e de manutenção do poder, e a subjetividade dos critérios para o diagnóstico e o tratamento da loucura.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Tradição e Modernidade. Joaquim Maria Machado de Assis. Edgar Allan Poe. “O Alienista”. “O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”. Loucura. Positivismo.

ABSTRACT

The present study intended to analyze in which extent Joaquim Maria Machado de Assis and Edgar Allan Poe share between themselves the critical perspective on the positivist science of the nineteenth century, when it approximates to the fictional approach of madness as a tool for classification of individuals and “denunciation” of the excesses committed in favor of science – “blind” by believing in extremism of incipient doctrines - these tales in “The Alienist” and “The System of Doctor Tarr and Professor Fether”. At a time when the psychiatric knowledge was still created, Machado and Poe “printed” in the analyzed *corpora*, with the writing of a combined jocosity to the caustic criticism – which in nothing relativized the seriousness of the issue - important discussions about the selected theme, such as instrumentation of psychiatric medicine as a way to reach and maintain power and the subjectivity of the criteria for the diagnosis and treatment of madness.

Key-words: Brazilian Literature. Tradition and Modernity. Joaquim Maria Machado de Assis. Edgar Allan Poe. “The Alienist”. “The System of Doctor Tarr and Professor Fether”. Madness. Positivism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1- PARADIGMA CIENTÍFICO DO SÉCULO XIX	14
1.1 Breve consideração sobre a representação da loucura na literatura	15
1.2 Modernidade	17
1.3 Positivismo	19
1.4 Manicômio	24
1.5 Poder psiquiátrico.....	30
1.6 O intuito modernizador dos hospitais psiquiátricos	34
1.7 A loucura e as mulheres	36
1.8 Alguns loucos na literatura.....	42
CAPÍTULO 2- FORTUNA CRÍTICA	44
2.1 “O Alienista”	45
2.2 “O sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”	64
CAPÍTULO 3- CONSIDERAÇÕES EXTRA E INTRA-LITERÁRIAS	82
3.1 A Revolução Francesa e os <i>corpora</i>	83
3.2 Banquete.....	85
3.3 Carnavalização	89
3.4 O elogio da loucura	93
3.5 O louco criminoso	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

Difícil empreitada não se deixar seduzir pela representação da loucura na literatura. Não sendo possível a clara distinção entre razão e desvario, o que se espera do projeto científico de Simão Bacamarte, que pretendia delimitar, com precisão “cirúrgica”, o âmbito dos “loucos” e dos “normais”? O que se espera da narrativa de um obcecado médico que, em busca da aplicação do inovador método “suave” na psiquiatria, depara-se com o anacrônico método de tortura e humilhação, empregado pelo “lunático” cientista Maillard? Ambos os projetos já se apresentam viciosos desde a concepção. Por esse fulcro, qual a análise possível das narrativas que contêm médicos psiquiatras que passam da condição de assistente para a de assistido/internado? A tentativa de se obter uma resposta a essas questões norteou essa pesquisa. Pretendeu-se analisar de que maneira Joaquim Maria Machado de Assis e Edgar Allan Poe ficcionalizaram a abordagem da loucura nos *corpora*.

Tendo o diagnóstico da loucura, bem como os métodos de “cura”, variado substancialmente ao longo do tempo, a psiquiatria parece ter se constituído como um poder, bem antes de se constituir como um saber, conforme a análise de Foucault. Logo, ter um diagnóstico de louco e, por isso, ser excluído da sociedade dependerá, tão somente, da perspectiva de quem detém o poder de julgar.

Nesta dissertação, pretendemos analisar a abordagem ficcional da loucura nos contos “O Alienista”, de Joaquim Maria Machado de Assis, e “O Sistema do Dr. Alcatrão e do Professor Pena”, de Edgar Allan Poe. O escritor brasileiro, possivelmente, se inspirou no conto do autor estadunidense para compor sua narrativa. Para embasar tal hipótese, recorreremos aos estudos críticos de Ivan Teixeira e de Luzia de Maria ao longo deste trabalho.

Machado e Poe parecem compartilhar, entre si, a postura crítica frente à ciência extremada, produto do cientificismo positivista do século XIX. As personagens dos médicos, Dr. Bacamarte e Sr. Maillard, respectivamente, dos contos “O Alienista” e “O Sistema do Dr. Alcatrão e do Professor Pena”, representam a postura irascível do cientista positivo, constituindo-se em “legítimos” representantes do incipiente saber médico psiquiátrico, campo de conhecimento ainda gestado no período oitocentista.

Objetiva-se analisar de que forma Machado e Poe imprimiram os discursos de suas épocas na literatura, acerca da abordagem ficcional da loucura: classificação, encarceramento e métodos de cura. Por um viés comparatista, ancorados nos estudos de Tânia Franco Carvalhal, analisaremos os *corpora*, buscando identificar a intertextualidade presente nas obras, bem como a postura cética dos autores frente ao alienismo científico que, subserviente aos princípios positivistas de manutenção da ordem e progresso da sociedade, destinava-se à “formatação” do sujeito.

Discorreremos sobre o espaço de internamento ficcionalizado nas obras, buscando-se evidenciar a instrumentalização desse escopo como forma de poder. Em concordância com a filosofia de Auguste Comte, a desejada evolução do homem e do seu meio só se efetivariam por meio do progresso. A busca pela “verdade”, algo possibilitado apenas pela ciência e seus métodos de observação, constituía o fundamento do médico alienista do século XIX. Dessa forma, o zoológico de humanos se legitima pelo poder que emana da figura do médico, aquele que detém a “Verdade”, a “Razão”.

Os autores analisados parecem questionar a validade da busca pela “verdade” científica, criticando os desvarios contidos na “Razão” e os abusos perpetrados em nome desse dispositivo iluminista. Nesse sentido, quando Machado e Poe problematizam a “Razão” que estrutura uma sociedade moderna, eles problematizam a dinâmica de poder nas relações sociais, pois, na sociedade moderna, ter saber é ter poder.

Numa sociedade pretensamente moderna, era preciso confinar os indivíduos improdutivos – os “loucos” – transgressores da norma positivista – ao passo que possibilitava o avanço da ciência, sinônimo de modernização. Nesse sentido, o manicômio prestava-se à função de “laboratório” do alienista, que pouco (ou nada) visava à cura, prestando-se, pragmaticamente, à estratégia eugênica de controle social e higienizante do espaço urbano. O manicômio reduzido a sua “verdade de jaula”, como postula Foucault em *História da Loucura*, e palco “da tragédia existencial humana”, como elabora Pessotti em *O século dos manicômios*, irão pautar nossa análise sobre esse espaço de clausura, deslindando a importante função social do manicômio no século XIX positivista.

O pretense controle da esfera mental, “possível” pelo avanço dos estudos da medicina psiquiátrica e posteriormente da psicologia, desterritorializava o poder religioso que antes era detentor da cura para os “males” da alma. Por esse fulcro, buscaremos evidenciar, nos textos literários, a internação como prática instrumentalizada pelo positivismo, ensejando em domínio e controle social.

Para demonstrar o caráter incipiente e histriônico da medicina psiquiátrica do século XIX, analisamos a frágil classificação dos tipos de “loucura” e seus duvidosos métodos de “cura” ficcionalizados nos *corpora*, pontuando que, “em nome da razão”, a ciência tudo pode.

Ainda que haja muitos estudos críticos sobre “O Alienista”, a análise conjunta do conto machadiano com o conto de Poe, “O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, parece ter sido pouco explorada, fato que motivou a realização desta pesquisa que, embora não tenha pretendido esgotar a temática, tem vistas à contribuição para o amplo da fortuna crítica dos contos. Numa perspectiva comparatista, Patrícia Lessa Flores da Cunha, em sua obra *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*, elabora que Machado pode ser visto como “duplo” de Poe. Detendo-se na análise dos contos do escritor brasileiro, Flores da Cunha afirma que, para além da tradução do poema *O corvo* e leitura da obra do autor estadunidense, Machado teria se inspirado em Poe para compor sua obra contística: tanto do ponto de vista estrutural como do temático. Sobre os *corpora* dessa dissertação, a pesquisadora pontua que Machado elabora um “tratado próprio” sobre a loucura, a problematização de uma temática que fora apenas tangenciada por Poe em seus “comentários sutis ou indiretas mal-disfarçadas, eventualmente percebidas por um leitor mais culto”. (FLORES DA CUNHA, 1998, p. 139). Dessa forma, pretendemos aprofundar essa discussão, a fim de percebermos a aproximação e o distanciamento das elaborações desses autores, acerca da abordagem ficcional da loucura, nos *corpora*. Para tal intento, utilizamos o método dedutivo-bibliográfico e adotamos o seguinte plano de trabalho.

No primeiro capítulo, tecemos algumas considerações sobre o “Panorama científico do século XIX”. Tal estruturação visa ao deslindamento das condições de produção dos *corpora*, o século XIX, já que o conto de Poe foi publicado pela primeira vez no *Graham's American Monthly Magazine of Literature and Art*, em

1845; e em 1881¹, também em folhetim – *A Estação*–, a narrativa machadiana foi publicada. Sendo o Positivismo a corrente filosófica predominante na época, fizemos uma breve exposição da doutrina comteana, bem como de seu produto filosófico: o cientificismo. A partir disso, discutimos a função social do manicômio e a importância do poder psiquiátrico nesse contexto.

Analisamos os *corpora* no segundo capítulo dessa dissertação, com vistas a identificar nos textos literários a “representação” das discussões expostas no primeiro capítulo, além de apresentar a fortuna crítica de Poe e Machado, relativa às obras estudadas.

No terceiro capítulo, analisamos, por um viés comparatista, as questões já explicitadas em Machado e Poe, de forma a identificar possíveis divergências e convergências quanto à problematização da loucura e suas implicações sociais e existenciais. Esperamos ter conseguido explicitar possíveis temáticas em comum nas duas obras. Há vestígios da temática da Revolução Francesa nos *corpora*, sendo mais explorada por Machado do que por Poe. A simbologia do banquete também é ricamente explorada pelos autores, para metaforizar a “insurreição” da loucura. Outro conceito explorado neste capítulo é o da carnavalização. Para além do evidente “mundo às avessas” mimetizado pelos autores, buscamos evidenciar nos *corpora* alguns indícios característicos da carnavalização: fecundidade, fertilidade e abundância, em suma, o caráter propiciatório desse fenômeno. *O elogio da loucura*, de Erasmo de Roterdã, constitui obra seminal, a nosso ver, para a composição dos *corpora*. Em seguida, abordamos a questão do “louco criminoso”, elemento que reforçou a legitimidade de criação dos manicômios, conforme entendimento de Foucault.

Por fim, traremos nossas considerações finais, com o ímpeto de ter alcançado os objetivos já delineados, expondo nossos resultados.

¹ A publicação do conto “O Alienista” ocorreu nos anos de 1881 e 1882 – de 15/10/1881 a 15/03/1882, totalizando onze publicações.

CAPÍTULO 1
PARADIGMA CIENTÍFICO DO
SÉCULO XIX

1.1 Breve consideração sobre a representação da loucura na literatura

Segundo Nádia Maria Weber Santos, médica psiquiatra e doutora em História pela UFRGS, em seu texto “Psiquiatria e História Cultural: a literatura como fonte e a loucura como objeto”, desde a década de 80 do século XX ocorre o alargamento das fronteiras da História Cultural e, conseqüentemente, uma revolução da escrita da História, abrangendo uma pluralidade de temas e campos de pesquisa, vistos sob uma nova perspectiva. Nesse sentido, a loucura e a história da Psiquiatria são rediscutidas por meio do conceito de “representação”, englobando a noção de “simbólico” e integrando o “imaginário” que consiste no “sistema de ideias e imagens de representações coletivas” (SANTOS, 2010, p. 254).

Outra noção privilegiada pela História Cultural é a de “sensibilidade”, maneira pela qual a experiência humana é percebida e traduzida em “práticas sociais, discursos, imagens e materialidades, tais como espaços e objetos construídos” (SANTOS, 2010, p. 254). Nessa perspectiva de diálogo entre a ciência e as artes, possível pela interdisciplinaridade e comunicabilidade típicas da História Cultural, torna-se possível a investigação do discurso que fala do “real” no imaginário. Nas palavras da psiquiatra historiadora, temos:

Assim, a HC assume a concepção do imaginário como função criadora que se constrói pela via simbólica, e que expressa a vontade de reconstruir o real num universo paralelo de símbolos. Partimos da definição de que imaginário refere-se a um conjunto de imagens, isto é, ele constitui um depósito de imagens, um conjunto de representações. E, assim, re-colocamos (sic) esta conceituação dentro de novas fronteiras, que parecem pertinentes ao estudo multidisciplinar sobre a questão do simbólico, elemento intrínseco ao imaginário. (SANTOS, 2010, p.256-7).

Nesse sentido, Weber Santos pontua duas formas de se perceber o imaginário: o “desde dentro” e o “desde fora”. A primeira forma revelaria a construção do imaginário de maneira espontânea pelo indivíduo, algo que tomaria “corpo” no mundo exterior, por meio de imagens. Sinteticamente falando, teríamos, nessa

percepção de imaginário, o “louco” falando de sua própria “loucura”, alguém que constrói o imaginário de sua própria condição, algo relacionado ao inconsciente. O escritor carioca Lima Barreto exemplificaria essa maneira, já que percebemos em *Diário do Hospício*², por exemplo, a construção do imaginário da loucura pela via do ficcionista-paciente, portador do diagnóstico da loucura, no início do século XX.

A segunda maneira de se perceber o imaginário, o “desde fora”, refere-se ao sujeito que, mesmo não estando implicado, diretamente, na situação, constrói o imaginário por meio do simbólico, situação possível graças à sensibilidade típica dos grandes autores. Essa construção consciente do imaginário da loucura pode ser, primorosamente, verificada em Joaquim Maria Machado de Assis e Edgar Allan Poe nos *corpora* selecionados.

Os ficcionistas ora analisados medeiam a construção do pensamento de uma época sobre a medicina psiquiátrica: exclusão, formas de tratamento e punição, por meio do discurso sensível – próprio da literatura – que transborda e critica, severamente, o discurso científico dogmático, como demonstraremos ao longo da pesquisa.

Segundo Weber Santos, as “duas vertentes do imaginário, possivelmente, não vivem uma sem a outra. E, ao discutirmos as representações e as sensibilidades da loucura a partir de textos literários (...) estamos mesclando em análise estas duas concepções de imaginário” (SANTOS, 2010, p. 258). Em suma, o que a psiquiatra historiadora nos evidencia é que, ao analisarmos o imaginário da loucura representado nos textos literários, temos acesso tanto ao aspecto externo da representação da loucura (manicômios, exclusão, estereótipos), quanto ao aspecto interno dessa representação (a sensibilidade do sujeito acerca da loucura). Sobre a importância da sensibilidade nos estudos da História Cultural, temos:

Outra noção muito pertinente aos atuais estudos de HC (...) é a de sensibilidade. Esta é colocada como uma outra forma de apreensão do mundo, para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução do mundo que brota não do racional ou das construções mentais mais

²*Diário do Hospício*, esboço do romance inacabado *Cemitério dos Vivos*, constitui-se importante fonte literária para a compreensão do “desde dentro” (relato do sofrimento vivido pelo paciente manicomial), e do “desde fora” (paradigma da psiquiatria brasileira do início do século XX que buscava explicar a causa da loucura em teorias racistas).

elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do interior de cada indivíduo. (SANTOS, 2010, p.259).

Nesse sentido, podemos inferir que o ficcionista constrói a representação do imaginário da loucura a partir do “desde fora” (pela observação consciente do aspecto externo da loucura) e também pelo “desde dentro” (quando dá voz à sensibilidade da loucura percebida pelo próprio sujeito, voz essa que seria silenciada pelo discurso científico). Por esse fulcro, depreende-se a importância da representação artística dos excluídos, por devolver a identidade do sujeito violentado/silenciado pelo discurso científico, possibilitando sua materialização/manifestação, ainda que considerada ilógica pela ciência. “Estes objetos do sensível, ou evidências do sensível têm sua materialidade em textos (literatura, história, memória), imagens (pintura, cinema, fotografia), espaço (paisagem, arquitetura), práticas sociais (comportamento e valor)” (SANTOS, 2010, p.261). É o discurso da sensibilidade (subjetividade) sobrepondo-se ao discurso científico (objetivo).

Conforme o entendimento de Weber Santos, “na literatura utilizada como fonte histórica, revela-se o conjunto de pressupostos da História Cultural, isto é, podemos perceber onde e de que forma as representações, o imaginário, e as sensibilidades estão atuando” (SANTOS, 2010, p. 269). Com base nessa assertiva, buscaremos evidenciar de que maneira a loucura é representada nos *corpora*, bem como analisaremos as implicações existenciais e sociais dessa representação.

1.2 Modernidade

O século XIX, notavelmente, é marcado pela mentalidade científica. As grandes navegações ocorridas no século XVI teriam dado início a essa modernidade. Marshal Berman, na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, afirma que a modernidade corresponde ao conjunto de transformações sociais, políticas, econômicas, artístico-culturais ocorridas no início do século XVI até o final do século XX, no ocidente. Segundo Berman, a modernidade pode ser dividida em três fases. A primeira fase abrangeria o período compreendido entre o século XVI até o

fim do século XVIII. Essa fase corresponderia à experimentação da modernidade, mas em estado de “semicegueira” (*sic*), tateando o desconhecido. A segunda fase teria início com a onda revolucionária de 1790. Os vários movimentos revolucionários, entre os quais se destaca a Revolução Francesa, propiciam o surgimento de uma sociedade moderna, abruptamente. “Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política.” (BERMAN, 2013, p. 26). Já a terceira fase se iniciaria no século XX e é marcada pela expansão do processo de modernização, “a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo” (BERMAN, 2013, p. 26).

Iremos nos ater à segunda fase da modernidade, conforme a classificação de Berman, período correspondente à produção das obras analisadas. No período em questão, observou-se um grande desenvolvimento das ciências naturais, bem como das ciências humanas, que preservaram o método científico daquelas, o empirismo. Em franco crescimento tecnológico, o ser humano é, cada vez mais, pressionado pelo sistema capitalista. A sociedade positivista passa a conceber o sujeito de acordo com seu potencial produtivo, logo, seu valor positivo. Se o sujeito fosse capaz de produzir, contribuindo para o progresso da sociedade, ele estaria dentro da “normalidade”. Caso o sujeito fosse improdutivo, ele deveria ser proscrito do meio social, para que ele não “contaminasse” a sociedade ordeira.

Maria Rita Kehl³ afirma: “autores como Maupassant, Poe, Tchekhov, Lima Barreto e Machado de Assis não precisaram de Freud para entender o sofrimento mental produzido pela rígida racionalidade burguesa, que então se afirmava ao preço da segregação das sensibilidades desviantes”. Segundo Luzia de Maria, nesse panorama de industrialização e de progresso técnico-material, a realidade é altamente propícia à alienação humana, visto que “a mesma ordem que possibilita ao homem o acesso ao conforto e aos bens materiais, também o aliena de sua própria natureza e o mecaniza, afasta-o dos valores intrínsecos à sua realidade mais profunda” (MARIA, 2005, p. 73-74).

Nos grandes centros urbanos, esse homem “alienado” ao qual Luzia de Maria se refere está indistinto na multidão – caracterizada pela ideia de massa –, “de

³ Orelha do livro *Os melhores contos de loucura*, organizado por Flávio Moreira da Costa (2007).

coletivo disforme e compacto, no interior da qual o individual não existe. Fenômeno próprio da modernidade, que absorve as singularidades e estratifica o social” (DIWAN, 2015, p. 33). É nesse homem “alienado” e alienista, ficcionalizado por Machado e Poe, que iremos nos deter nessa pesquisa.

1.3 Positivismo

A teoria positivista, tendo seu expoente em Auguste Comte, fundamenta-se no conceito de progresso. Comte estabelece a inteligência humana a partir de estágios lineares de evolução; de um organismo simples e primitivo ao estágio avançado e racional. Esse entendimento valia tanto para o indivíduo como para o processo histórico-social. Homem e sociedade estariam em constante evolução. O requisito básico para esse processo evolucionista era, necessariamente, o progresso. Pela “lei dos três estados”, Comte orienta-nos que a ciência e o espírito humano possuem três níveis de desenvolvimento: o teológico, o metafísico e o positivo.

Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro, o método teológico, em seguida o método metafísico, finalmente, o método positivo. Daí três sortes de filosofia, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição. (COMTE, 1978, p.35-36).

No estado teológico, a imaginação desempenha papel importante. Sendo o número de observação dos fenômenos restrito, o homem somente poderia explicar a diversidade da natureza por meio da crença em deuses e espíritos. Segundo Comte, esse estado de desenvolvimento fundamentaria a vida moral. A forma política correspondente ao estado teológico seria a monarquia militarizada.

O estado metafísico de desenvolvimento caracteriza-se pela dissolução do estado teológico. Assim como o estado anterior, o metafísico buscava a explicação da “natureza íntima das coisas”. Porém, o abstrato ocuparia o lugar do concreto, e a imaginação cederia lugar para a argumentação. Na forma política, os juristas substituiriam os reis, e o Estado se basearia na soberania do povo.

No terceiro e último nível, que corresponderia ao estado positivo de desenvolvimento, a argumentação e a imaginação estariam restritas à observação. Todo enunciado positivista deveria corresponder a um fato observável. Segundo Comte, os fenômenos, tanto os psicológicos quanto os físicos, possuíam relações imutáveis, devendo o espírito positivo pesquisá-las. Teoria e prática coexistiriam mais produtivamente no estado positivo de desenvolvimento. A partir da análise das relações constantes nos fenômenos, o homem poderia prever o futuro. Esse princípio da previsibilidade, “ver para prever”, impulsiona o homem positivo.

O espírito positivo, segundo Comte, instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil. Nos domínios do social e do político, o estágio positivo do espírito humano marcaria a passagem do poder espiritual para as mãos dos sábios e cientistas e do poder material para o controle dos industriais. (GIANNOTTI, 1978, p.22).

Auguste Comte percebia a Sociologia como “o fim essencial de toda a filosofia positiva” (COMTE, 1978, p. 31). A Sociologia comteana se fundamentaria em categorias científicas, especialmente nas ciências biológicas – pelo princípio da fisiologia, e não em categorias teológicas e metafísicas. Essa fundamentação condiz com o estado positivo de desenvolvimento. As palavras norteadoras do discurso de Comte eram: “ordem” e “progresso”. Segundo Giannotti,

O aspecto fundamental da sociologia comteana é a distinção entre a estática e a dinâmica sociais. A primeira estudaria as condições constantes da sociedade; a segunda investigaria as leis de seu progressivo desenvolvimento. A ideia fundamental da estática é a ordem; a da dinâmica, o progresso. Para Comte, a dinâmica social subordina-se à estática, pois o progresso provém da ordem e aperfeiçoa os elementos permanentes de qualquer sociedade: religião, família, propriedade, linguagem, acordo entre poder espiritual e temporal, etc. (GIANNOTTI, 1978, p.23).

Por esse fulcro, a Física Social⁴comtiana apregoa a desigualdade natural entre os homens, tendo como base dessa distinção o paradigma biológico do século XIX. Nesse contexto histórico de progresso científico-material, a burguesia surge como detentora do mais alto posto social, suplantando a nobreza, com o respaldo da ciência. Vários fatores legitimaram a ascensão social da classe burguesa, representante ideal de uma classe positiva. Conforme a pesquisadora Pietra Diwan,

Do ponto de vista social, a burguesia se inspirará na biologia e nas teorias incertas sobre a hereditariedade para consolidar o poder econômico recém-conquistado, reabilitando o direito de sangue, não mais em aspecto religioso como a nobreza pregava até então, mas do ponto de vista biológico e científico. Os burgueses tornaram-se os mais capazes, os mais fortes, os mais inteligentes e os mais ricos. Será pela meritocracia que o método natural substituirá o sangue azul. A superioridade hereditária burguesa fará contraponto também com a inferioridade operária e formará uma hierarquia social em que a aristocracia perderá sua primazia. O triunfo burguês afasta a nobreza e os pobres com o respaldo da ciência. A partir de então, além da raça, etnia e cultura se tornarão sinais da natureza que indicarão superioridade ou não, e tais sinais justificarão a dominação de um grupo sobre o outro. (DIWAN, 2015, p.33).

Segundo Elton Corbanezi (2015), em 1881 – ano de início da publicação do conto “O Alienista” em folhetim, é fundado, no Rio de Janeiro, o Apostolado Positivista, importante para a difusão do positivismo no Brasil. Em maio desse mesmo ano, surge a Igreja Positivista do Brasil, sob o comando de Miguel Lemos, “discípulo” de Pierre Laffitte, sucessor de Auguste Comte na França. Há a criação do Deus-ciência em substituição ao Deus-cristão. Somente a Ciência era a Verdade, satisfazendo assim a busca positiva pela verdade absoluta.

Pela perspectiva de Comte, a Revolução Francesa foi importante para que ocorresse a reforma das instituições sociais e políticas que, na pré-revolução, ainda estavam no estado teológico. Contudo, segundo o filósofo, a Revolução não ofereceu pressupostos para a reorganização das instituições, apresentando-se como um episódio de base negativa e metafísica. A filosofia positivista, então, seria o

⁴ Segundo Comte, a física social (estudo do desenvolvimento coletivo da espécie humana) é um ramo da fisiologia. Nesse sentido, por meio do conhecimento da história natural do homem teríamos a compreensão da história da civilização humana.

instrumento que possibilitaria a reforma intelectual do homem e a reorganização da sociedade.

O lema “O Amor por princípio e a Ordem por base, o Progresso por fim”, registrado no frontispício do Apostolado Positivista, denota a influência dessa doutrina no meio cultural, intelectual e político da época. Tal influência verifica-se inclusive num dos símbolos nacionais, a bandeira. Segundo Corbanezi, “foram gravados no dístico de nossa bandeira nacional – por sugestão de Benjamin Constant, célebre positivista, considerado o ‘fundador da República’ – os princípios norteadores da filosofia comteana: ‘Ordem e Progresso’”. (CORBANEZI, 2015, p. 4).

Na contramão do que era consenso na época, houve quem discordasse e criticasse o positivismo, ou melhor, a nova epistemologia, ponto falível da filosofia positivista. De acordo com Paulo Arantes, “a própria secura do ambiente ia se encarregando de enxugar as ambições epistemológicas em proveito das promessas de redenção social que se encerrava” (ARANTES, 1998, p. 185), ou seja, os pressupostos do positivismo no Brasil seriam “transplantes descalibrados da doutrina francesa para um país liberal-escravista de origem colonial” (ARANTES, 1998, p. 185).

Acerca dessas considerações epistemológicas no século XIX, Corbanezi identifica, no conto de Machado, uma elaboração crítica à nova filosofia positivista:

Ora, é contra essa nova epistemologia – sem deixar de considerar que na epistemologia está implicada a política – que o conto machadiano pode incidir de forma irônica e crítica. Portanto, em vez da adesão ao contemporâneo enaltecimento dos princípios positivistas, como nossa história dá a ver, a sentença “positivamente o terror” pode manifestar outra recepção do positivismo, encarnado na figura do alienista Simão Bacamarte. Em vez do aspecto positivo de uma filosofia considerada útil e concreta no século XIX, depreende-se da fórmula machadiana a depreciação do positivismo como sistema filosófico e científico. Por meio da ironia e da dissidência em relação ao fascínio de seus contemporâneos pela ciência, Machado de Assis pode realizar, em *O alienista*, uma crítica social que questiona os limites entre a loucura e a normalidade, os quais emergem do discurso científico positivista do século XIX. (CORBANEZI, 2015, p.4).

Para a fundamentação da Física Social, que sustenta a noção de progresso social, Comte recorreu ao domínio da Frenologia⁵, parte integrante da fisiologia do século XIX. Por esse viés, as faculdades humanas teriam base orgânica no cérebro.

A descoberta da Frenologia consistia em dois princípios fundamentais: o inatismo das faculdades mentais e a demonstração da pluralidade dessas faculdades, distintas e independentes umas das outras. Segundo essa perspectiva, o cérebro humano não seria um órgão, mas um aparelho constituído por diversos e simétricos órgãos, os quais, em sinergia, teriam por função a inteligência humana, representada pelo aparelho cerebral. E é a explicação da inteligência humana pela Frenologia que interessava a Comte, pois, a partir dela, tornar-se-ia possível atribuir o caráter positivo à natural desigualdade entre os homens, bem como suas disposições naturais à obediência. (CORBANEZI, 2015, p.11).

Nesse sentido, a natural distinção entre pessoas, arrogada por Comte, adquire caráter científico, com base na fisiologia. Este ramo científico prevê a existência de seres mais aptos e menos aptos intelectualmente. Algumas pessoas, grupos étnico-sociais, teriam áreas do cérebro mais estimuladas e desenvolvidas. Esses poucos privilegiados seriam dominantes, por estarem mais bem preparados biologicamente. O centro primitivo do cérebro, área mais volumosa na espécie humana, que corresponde aos lobos médio e posterior do crânio, é a área responsável pela afetividade. Já a parte frontal do cérebro, a menor parte da massa encefálica, estaria responsável pelas funções intelectuais. Os indivíduos que possuíssem essa pequena área do cérebro mais bem estimulada fariam parte da “elite intelectual humana” (CORBANEZI, 2015, p. 12).

Como já exposto, a maior área do cérebro – o centro primitivo –, relaciona-se à afetividade. Por esse caráter ordinário, acreditava-se que a maioria das pessoas eram regidas pelo centro primitivo, “razão pela qual a maioria dos seres humanos ficará sempre mais restrita às funções afetivas, provenientes da porção mais animal do cérebro” (CORBANEZI, 2015, p. 12). Acerca dessa explicação frenológica, Corbanezi afirma:

⁵ Segundo Corbanezi, “a frenologia de Broussais foi fundamental na teoria positiva de Comte. Broussais foi o fundador de uma patologia positiva, uma teoria que liga as perturbações vitais às variações e lesões de órgãos ou tecidos.” (CORBANEZI, 2015, p. 11).

Simão Bacamarte seria aquele que justificadamente pertenceria à elite da humanidade, em sua capacidade de modulação e domesticação dos hábitos dos outros a seu bel-prazer, ou seja, por existir nos homens uma disposição natural à obediência, a partir da submissão da faculdade frenológica predominante – a afetiva –, a qual Bacamarte explicitamente não compartilha com a humanidade, o alienista é, se considerados os pressupostos positivistas e frenológicos, o único portador, em Itaguaí, da “pérola que compõe a vasta concha do espírito humano”, a razão, que fundamenta seu poder médico. (CORBANEZI, 2015, p.13).

A partir desse excerto, a falta de afetividade em Bacamarte encontra explicação científica (frenológica). Da mesma forma, não identificamos traços de afetividade desenvolvidos na elaboração do personagem Sr. Maillard, de Edgar Allan Poe. Em suma, os fundamentos fisiológicos/frenológicos, caros ao positivismo, parecem embasar a caracterização das personagens médicas ficcionalizadas em Machado e Poe, visto que desempenham, na narrativa, “papel” dominante nos respectivos meios: Bacamarte em Itaguaí, e Maillard na *Maison de Santé*. Essa dominação implica, obviamente, o subjugo das personagens regidas pelo centro primitivo do cérebro, conforme a teoria científica da época.

1.4 Manicômio

Os antigos leprosários teriam uma nova utilidade: segregariam aqueles que não se enquadrassem na norma social. Antes que a psiquiatria se firmasse como especialidade médica, o manicômio já cumpria seu papel de controle e tentativa de normatização da sociedade. Uma das funções do manicômio era a da higiene pública.

Segundo Isaías Pessotti, no livro *O século dos manicômios*, “a psiquiatria se institui, como especialidade clínica e como área específica do saber médico, no alvorecer do século XIX” (PESSOTTI, 2001, p. 17), tendo como paradigma o positivismo, calcado na observação e experimentação dos fenômenos. Por esse viés, surgem laboratórios para observação do comportamento humano, os manicômios.

Os manicômios contribuíram para a constituição do saber médico psiquiátrico, sendo “o núcleo gerador da psiquiatria como especialidade médica” (PESSOTTI, 2001, p. 9). Para Pinel, o manicômio não seria apenas um asilo para os loucos, seria

um “instrumento de cura”, já que “o método para ordenar a multiplicidade caótica dos sintomas é a observação demorada da conduta dos pacientes” (PINEL apud PESSOTTI, 2001, p. 71), referindo-se à importância da nosografia⁶ na nascente psicopatologia⁷.

Esse laboratório humano permitia a observação do fenômeno pesquisado. Essa relação de objetividade somente poderia se efetivar num ambiente que oferecesse condições adequadas à ciência, ou seja, um ambiente com ordem, distribuição de tempo, espaço e objetos (humanos). Foucault pondera que não há de se falar em indivíduos, e sim na “distribuição dos corpos, dos gestos, dos comportamentos, dos discursos” (FOUCAULT, 2012, p. 05), em referência à tentativa de normatizar e classificar os pacientes, tal como já acontecia nas pesquisas biológicas, com as espécies da flora e da fauna.

Essa ordem imanente ao asilo é perpassada por um poder ilimitado e não recíproco, o poder médico. Nesse sentido, Foucault orienta-nos:

Essa instância interior ao asilo é ao mesmo tempo dotada de um poder ilimitado, que nada pode nem deve resistir. Essa instância, inacessível, sem simetria, sem reciprocidade, que funciona assim como fonte de poder, elemento da dissimetria essencial da ordem, que faz com que essa ordem seja uma ordem sempre derivada de uma relação não recíproca de poder, pois bem, é evidentemente a instância médica que, como vocês vão ver, funciona como poder muito antes de funcionar como saber. (FOUCAULT, 2012, p.05).

Para que essa dinâmica asilar se efetive, é necessário haver a disposição tática para que o poder se exerça, já que, para Foucault, o “poder nunca é aquilo que alguém detém, tampouco é o que emana de alguém (...) só há poder porque há dispersão, intermediações, redes, apoios recíprocos, diferenças de potencial, defasagens, etc.” (FOUCAULT, 2012, p. 07). Dito isso, passemos aos integrantes da rede asilar que possibilitam a efetivação do poder naquele local.

Os vigilantes representariam o “olhar não armado”, “não científico”, uma espécie de “canal ótico através do qual vai se exercer o olhar científico”

⁶ Termo da área médica. Tratado que contém a descrição/explicação das doenças.

⁷ Segundo Pessotti, “somente a partir da obra de Pinel, o termo psicopatologia pode ser tomado como sinônimo cabal de teoria da loucura” (PESSOTTI, 2001, p. 67).

(FOUCAULT, 2012, p. 07). Os vigilantes devem municiar o médico com informações necessárias à constituição do saber científico. A constituição física desse funcionário deve ser compatível à exigência de sua função: “uma estatura de corpo bem proporcionada, músculos cheios de força e vigor, uma postura ativa e intrépida, (...) deve ser de uma impropriedade severa, costumes puros (...) e uma docilidade absoluta às ordens do médico” (FOUCAULT, 2012, p. 07).

Outra categoria importante na rede de poder do asilo é a categoria dos serventes. Os serventes devem estar a serviço dos vigilantes e a serviço do paciente. Os vigilantes devem ser “grandes, fortes, probos, inteligentes, limpos em sua pessoa e em sua roupa” (FOUCAULT, 2012, p. 08). Estabelece-se assim o sistema de poder que funciona no interior do asilo. Este sistema é assegurado pela “multiplicidade, pela dispersão, pelo sistema de diferenças e de hierarquias” (FOUCAULT, 2012, p.09).

No início do século XIX, a caracterização da loucura se dará a partir da “insurreição da força” (FOUCAULT, 2012, p. 10) no louco, uma força indominável que pode assumir as seguintes formas:

- * A força pura – o louco furioso;
- * A força que se aplica aos instintos e às paixões – chamada de mania sem delírio;
- * A loucura que se aplica ao domínio geral das ideias, tornando-as incoerentes – chamada de mania;
- * A loucura que se aplica a uma ideia particular, inscrevendo-se no comportamento de forma obstinada – chamada de melancolia ou monomania.

Acerca da classificação retromencionada dos tipos de “loucos”, Machado evidencia esse ímpeto classificatório na narrativa: “De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espírito” (ASSIS, 2007, p. 258).

Como vimos, era necessário compartimentar as espécies de “loucura” de forma que se pudesse conhecer o domínio no qual a “força” iria insurgir. Nesse sentido, a prática terapêutica para Pinel era: “a arte de subjugar e de domar, por assim dizer, o alienado, pondo-o na estreita dependência de um homem que, por suas qualidades físicas e morais, seja capaz de exercer sobre ele um império irresistível e de mudar a

corrente viciosa das suas ideias” (PINEL *apud* FOUCAULT, 2012, p. 11). Esse homem mencionado por Pinel é o médico, claro. A encarnação do poder asilar na figura do médico possibilita o entendimento de que esse poder dissimétrico se constitui a partir de um saber.

No século XIX eram possíveis dois tipos de intervenção para o tratamento da loucura: a prática propriamente médica (medicamentosa) e o tratamento moral. A prática médica foi mais amplamente utilizada no período de 1800-1830. Nesse momento, a medicina psiquiátrica se inscreve no interior do saber médico, segundo Foucault (2012). Após esse período, privilegiou-se o “tratamento moral”, definido inicialmente pelos ingleses e posteriormente difundido na França.

Para Foucault, o essencial na relação psiquiatra/louco não é a regularidade da instituição, mas sim o desequilíbrio de poder que se configura no asilo. Na ausência de critérios claros para a definição de sanidade, ou falta dela, a dissimetria de poder justificaria o débil diagnóstico. Nesse sentido, o manicômio não seria apenas um asilo para os loucos, seria parte de um “tratamento”, já que “o método para ordenar a multiplicidade caótica dos sintomas é a observação demorada da conduta dos pacientes” (PINEL *apud* PESSOTTI, 2001, p. 71).

Numa época em que a ordem e o progresso eram requisitos de modernização, todo fator impeditivo, seja de ordem animada ou inanimada, deveria ser realinhado à lógica positivista. O “valor” do indivíduo era medido conforme sua capacidade de produção. Por isso, aqueles que não se adequavam às normas de “boa conduta social” deveriam ser banidos do meio comum. Os asilos assumiam o duplo papel – moralizante e didático – àqueles que não se enquadrassem ao modelo positivo de civilização.

Para que o asilo assumisse sua função didática, era necessário que se localizasse a certa distância dos centros urbanos – o que diminuiria o risco de “contágio” da população “de bem” pela “loucura” –, mas não podiam estar localizados em lugares inacessíveis – cumprindo assim a função de atemorizar os indivíduos que não desejavam ter a mesma sorte. O hospício, assim, adquiriria a “verdade de jaula” segundo Foucault em *História da Loucura*.

Fodéré “queria que esses hospícios fossem construídos em florestas sagradas, em lugares solitários e escarpados” (2012, p. 23). Dentro desse asilo ideal deveriam

reinar a ordem, a lei e o poder. Nesse sentido, o asilo ideal preconizado por Fodéré, em 1817, é assim descrito por Michel Foucault:

No interior desse cenário, claro, reina a ordem, reina a lei, reina o poder. No interior desse cenário, **no castelo protegido por esse cenário romântico e alpino**, nesse castelo inacessível a não ser usando máquinas complicadas e cujo aspecto deve surpreender os homens comuns, dentro desse castelo reina, antes de mais nada, simplesmente uma ordem, no sentido simples de uma regulação perpétua, permanente, dos tempos, das atividades, dos gestos; uma ordem que envolve os corpos, que os penetra, que os trabalha, que se aplica à superfície deles, mas que também se imprime até mesmo nos nervos e no que um outro chamava de “fibras moles do cérebro”. Uma ordem, portanto, pela qual os corpos não são mais que superfícies a atravessar e volumes a trabalhar, uma ordem que é como uma grande nervura de prescrições, de sorte que os corpos sejam assim parasitados e atravessados pela ordem. (FOUCAULT, 2012, p. 25. Grifo nosso).

A definição do manicômio ideal de Fodéré assemelha-se à *Maison de Santé* descrita por Poe: “saindo da estrada principal, entramos por um atalho que (...) nos levou para dentro de uma floresta espessa aos pés de uma montanha. E através daquela mata densa e sombria andamos cerca de duas milhas, até avistarmos a *Maison de Santé*.” (POE, 2007, p. 202). O “castelo fantástico e meio decadente”, de estilo romântico e inspiração gótica – atmosfera bem explorada na obra de Poe, localizado numa floresta do sul da França, está em conformidade com a prescrição asilar de Fodéré, mencionada por Foucault. Fora do ambiente europeu, já em terras brasileiras, o aspecto da Casa Verde também “surpreende os homens comuns”, por se tratar de grandiosa construção, jamais vista na pacata cidade de Itaguaí. “A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa”. (ASSIS, 2007, p. 257).

Para que a observação dos fenômenos se efetivasse de maneira mais “positiva”, recorreu-se à estrutura do panóptico. “O Panopticon é um multiplicador; é um intensificador de poder dentro de toda uma série de instituições. Trata-se de tornar a força do poder mais intensa, sua distribuição melhor, seu alvo de aplicação mais certo.” (FOUCAULT, 2012, p. 92). Originalmente, o panóptico pensado por Jeremy Bentham (2000) era uma construção aneliforme, com celas que se comunicam com o interior da construção, por uma porta de vidro. Cada cela deveria conter uma janela

no outro extremo, de forma que a luz pudesse atravessar o espaço, possibilitando a visibilidade do sujeito enclausurado. Há também uma galeria permitindo a circulação interna do vigilante, e uma torre no ponto central dessa construção. Tudo era pensado de forma que se viabilizassem a vigilância e o controle, diuturnamente. “O panóptico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem, a distribuição individual pelo agrupamento específico e o rei pela maquinaria de um poder furtivo” (FOUCAULT, 1997, p. 168).

Com algumas adaptações, é esta a estrutura dos manicômios. O princípio de vigilância fora preservado. Segundo Foucault, “em vez do panóptico circular, preferiu-se outro sistema, que devia proporcionar no entanto uma visibilidade igualmente grande: é o princípio da arquitetura pavilhonar” (FOUCAULT, 2012, p. 128). No conto de Poe, visualizamos aspectos da arquitetura pavilhonar panóptica: “observei que aquela dependência formava uma das alas do *château*, e assim as janelas ocupavam três dos lados do paralelogramo, situando-se a porta no quarto lado; não havia menos de dez janelas ao todo” (POE, 2007, p. 206). A descrição da arquitetura do manicômio é referida também na narrativa de Machado: “uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes” (ASSIS, 2007, p. 257).

Um indício de que, possivelmente, Machado de Assis conhecia os textos de Bentham, não somente o que versava sobre o panóptico – como foi suposto no parágrafo anterior –, mas também o que trata de sua doutrina filosófica denominada “utilitarismo”, encontra-se na narrativa, no capítulo II. Simão Bacamarte externa ao boticário seu interesse pelo estudo da loucura e sua motivação em erigir a “Casa Verde”: “Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade” (ASSIS, 2007, p. 258).

Bentham estabeleceu como princípio que o interesse e o prazer constituem a mola da conduta humana para elaborar uma moral utilitarista: do ponto de vista moral, a utilidade é o principal critério da atividade humana. As ações, boas ou más, são assim consideradas do ponto de vista de suas consequências, e o objeto de uma boa ação, de acordo com os princípios do utilitarismo, é promover em maior grau o bem geral. (CHASSOT, 2004, p.76).

Baseando-se na crítica ao Direito Natural, Bentham apregoa a reconciliação entre indivíduo e sociedade, ainda que se fossem sacrificados os direitos humanos. Para Bentham, o homem somente era digno dos seus direitos se suas ações contribuíssem para o bem estar geral da sociedade. Diante disso, fica clara sua concepção antagônica à declaração dos Direitos Humanos, durante a Revolução Francesa, vista como algo individual e egoísta. Chassot (2004) orienta-nos que as consequências das ações humanas é que deveriam ser avaliadas – entre boas ou más –, pelo princípio de “utilidade”; não importando o sofrimento que a implantação dessas ações pudessem causar. Por esse fulcro, percebemos um Simão Bacamarte utilitarista que, movido pelo interesse de suposto progresso e bem estar geral da sociedade – do ponto de vista da utilidade –, não contabilizava o sofrimento causado por tal empreitada.

1.5 Poder psiquiátrico

A figura do médico psiquiatra, instância de poder dissimétrico e ilimitado no interior do asilo, é assim estabelecida por Esquirol no texto *Das Doenças Mentais*, publicado em 1818, citado por Foucault em *O Poder Psiquiátrico*:

Um belo físico, isto é, um físico nobre e másculo, talvez seja, em geral, uma das primeiras condições para ter sucesso na nossa profissão; ele é indispensável em contato com os loucos para se impor. Cabelos castanhos ou branqueados pela idade, olhos vivos, um porte altivo, membros e um peito que anunciam força e saúde, traços salientes, uma voz forte e expressiva: são essas as formas que produzem em geral um grande efeito sobre indivíduos que se crêem acima de todos os outros. Sem dúvida, o espírito é o regulador do corpo; mas não se o vê logo de início, ele necessita das formas exteriores para arrastar a multidão (ESQUIROL *apud* FOUCAULT, 2012, p. 06).

Pelo excerto transcrito, percebemos que o médico psiquiatra é essencialmente um corpo, bem caracterizado e formado. Antes de se reconhecer um psiquiatra pelo saber, deveriam ser reconhecidas, na apresentação física do médico, as qualidades que se esperava de uma ciência, pretensamente, moderna. Essa presença física do

psiquiatra já deveria simbolizar a dissimetria do poder vigente nas instituições, já que, para Foucault, a psiquiatria se estabelece como poder, antes mesmo de se estabelecer como um saber.

Simão Bacamarte é assim representado no conto “O Alienista”⁸: “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (p. 255), “par de olhos agudos como punhais” (p.268), olhos feitos de “metal, duro, liso, eterno” (p. 261), “fronte quieta como a água de Botafogo” (p. 255), “olhar inquieto e policial” (p.263), “homem de ciência, e só de ciência” (p. 262), “frio como um diagnóstico” (p. 271), “o mais alto espírito de Itaguaí, e seguramente do reino” (p. 285), “grande homem austero” (p. 289), “corpo majestoso” (p.287), “cabeleira [que] cobria-lhe uma extensa e nobre calva” (p. 297), “pés (...) proporcionados ao vulto” (p. 297).

Percebe-se que a descrição do corpo e espírito da personagem machadiana aproxima-o do médico ideal pensado por Esquirol. Da mesma forma, o personagem médico de Poe, Dr. Maillard, assemelha-se ao padrão de um psiquiatra idealizado por Esquirol⁹, já que era “um verdadeiro cavaleiro de outros tempos: bela presença, de aspecto nobre, maneiras polidas e certo ar de seriedade, dignidade e autoridade que cativava simpatia e impunha respeito” (POE, 2007, p. 202). A postura altiva e nobre é percebida nas caracterizações de ambas as personagens. Isso parece demonstrar a importante apresentação física do médico, impressão que seria extensiva, por contiguidade, à ciência psiquiátrica que se pretendia onipotente.

Para Foucault, “o asilo é o corpo do psiquiatra, alongado, distendido, levado às dimensões de um estabelecimento, estendido a tal ponto que seu poder vai se exercer como se cada parte do asilo fosse uma parte do seu próprio corpo, comandada por seus próprios nervos” (FOUCAULT, 2012, p. 227). A Casa Verde de Simão Bacamarte, construção nova e imponente, condiz com a descrição física do alienista. A *Maison de Santé*, do Sr. Maillard, apesar de possuir aspecto externo de decadência, apresenta elementos que denotam erudição em seu interior. Ou seja, a estrutura física do manicômio parece assemelhar-se à estrutura física do antigo diretor, agora

⁸ Todas as citações deste parágrafo foram extraídas da edição de 2007, referenciada em campo próprio.

⁹ Segundo José Arthur Giannotti, o médico Jean-Etienne Esquirol (1772-1840) frequentou o curso de Filosofia Positiva ministrado por Comte, iniciado em 1826, com publicação do trabalho integral em 1830.

paciente. E como já foi abordada a importância dessa apresentação física (do médico e da instituição), “é a esse corpo (do psiquiatra) que o doente deve ser submetido” (FOUCAULT, 2012, p. 227).

A figura do médico deve sempre prevalecer no interior do asilo. Ainda que ele possua ajudantes na gestão do manicômio, a figura precípua de poder deverá ser a do alienista. “é o médico que terá a principal responsabilidade e que será finalmente o diretor, tendo ao lado dele alguém que será encarregado, mas sob o seu controle e, até certo ponto, sob a sua responsabilidade, das tarefas de gestão e intendência” (FOUCAULT, 2012, p. 229). Assim, a imprescindível figura do médico se explica de forma incontestável, “por que o médico? Resposta: porque ele sabe”. (FOUCAULT, 2012, p. 229). Machado parece ter plena consciência da logística de um manicômio, como pode ser verificado nesse trecho da narrativa de “O Alienista”: “Simão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e, aceitando essa ideia ao boticário Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu”. (ASSIS, 2007, p. 260).

Ainda recorrendo a Foucault, “o que há de essencial em todo poder é que seu ponto de aplicação é sempre, em última instância, o corpo. Todo poder é físico, e há entre o corpo e o poder político uma ligação direta” (FOUCAULT, 2012, p.18-19). Essa assertiva é basilar para o entendimento da manifestação do poder psiquiátrico. Para o alcance do poder político, se faz necessário dominar o corpo. O exercício físico dessa força desequilibrada faria parte de um jogo racional pelo exercício do poder.

O poder tal como se exerce no asilo é um poder meticuloso, calculado, cujas táticas e estratégias são perfeitamente definidas; e, no interior mesmo dessas estratégias, vê-se muito exatamente quais são a posição e o papel da violência, se se chamar de violência o exercício físico de uma força inteiramente desequilibrada. Tomado em suas ramificações últimas, em seu nível capilar, onde ele toca o próprio indivíduo, o poder é físico e, por isso mesmo, violento, no sentido de que é perfeitamente irregular, não no sentido de que é desenfreado, mas, ao contrário, no sentido de que obedece a todas as disposições de uma espécie de microfísica dos corpos (FOUCAULT, 2012, p. 19).

Dois discursos pretendiam-se garantidores da medicina psiquiátrica no século XIX: o nosológico¹⁰ e o anatomopatológico¹¹. Foucault (2012) afirma que, embora a psiquiatria tenha se valido desses discursos, essa artimanha ocorre apenas para garantir a “verdade” da nova ciência. Porém, as práticas asilares não se baseavam nesses discursos, e sim na autônoma autoridade científica constituída na figura do médico.

As distribuições asilares, a maneira como os doentes eram classificados, como eram repartidos no asilo, como lhes era dado um regime, como lhes eram impostas tarefas, como se declarava que eles estavam curados ou doentes, que eram curáveis ou incuráveis, no fundo, não levavam em conta esses dois discursos. Esses dois discursos eram simplesmente espécies de garantias de verdade de uma prática psiquiátrica que queria que a verdade lhe fosse dada de uma vez por todas e não fosse mais questionada. (FOUCAULT, 2012, p. 166).

Na esteira da análise de Foucault, Simão Bacamarte, bem como Sr. Maillard, eram detentores da “verdade” da ciência psiquiátrica. Não se deveria questionar esse estatuto de poder conferido aos psiquiatras, pois a “ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. (...) porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes” (ASSIS, 2007, p. 278), disse Simão Bacamarte à multidão de rebeldes que queria o fechamento da Casa Verde. Também em Poe, percebemos a “verdade” da psiquiatria. Quando o jovem estudante de medicina questiona a existência do sistema terapêutico adotado na *Maison de Santé*, já que não tinha conhecimento daquele método, o senhor Maillard responde aviltado: “Será que eu ouvi direito? O senhor não pretendeu dizer, hein, que nunca ouviu falar nem do renomado Dr. Alcatrão nem do célebre professor Pena? (...) Sr. Maillard, o senhor realmente conseguiu que eu sentisse vergonha de mim mesmo” (POE, 2007, p. 213). Em suma, o psiquiatra é detentor, “senão da verdade em seu conteúdo, pelo menos de todos os critérios da verdade” (FOUCAULT, 2012, p. 166).

¹⁰ Discurso da descrição das espécies de doenças.

¹¹ Discurso de correlação orgânica: manifestação da doença e órgão afetado.

1.6 O intuito modernizador dos hospitais psiquiátricos

Conforme o escritor e psiquiatra Cleto Pontes, o primeiro hospital psiquiátrico fora construído em 1409, em Valência, na Espanha. Com base na experiência mulçumana do hospital Bimaristã, localizado em Granada, fundado em 1367, construiu-se na Espanha unificada um hospital aos moldes cristãos “onde os loucos inocentes poderão ser acolhidos de forma cristã, e não sejam largados às sarjetas, recebendo danos dos transeuntes” (PONTES, 2010, p. 15). Esse empreendimento denotava o intuito de modernização e progresso, já que “um hospital psiquiátrico com uma arquitetura renascentista seria um ícone ideal a se lançar para o futuro” (PONTES, 2010, p. 15). Da Europa para a América, é fundado no México, em 1521, o Hospital Santo Hipólito, destinado aos cuidados dos loucos. “Desde então, onde havia uma cidade ou uma capital a ser modernizada, o hospital psiquiátrico proliferou, tal o desejo de modernidade” (PONTES, 2010, p. 16).

No que diz respeito ao Brasil, a capital brasileira da época, a cidade do Rio de Janeiro, até a metade do século XIX não dispunha de hospital psiquiátrico. Nesse período de ausência de assistência médica específica, os loucos tinham dois destinos possíveis: recolhimento aos porões da Santa Casa de Misericórdia ou encarceramento em prisões pelo delito de perturbação da ordem pública. Os médicos higienistas criadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a partir de 1830, preconizavam a construção de um asilo que pudesse oferecer tratamento àquele que fosse considerado louco.

Em 18 de julho de 1841, dia da coroação de D. Pedro II, foi baixado o decreto de fundação do Hospício D. Pedro II, que viria a ser inaugurado em 1852. Tratava-se de uma importante medida para a consolidação do perfil monárquico no Brasil, já que o empreendimento demonstrava capacidade administrativa e interesse social, além de proporcionar o desenvolvimento da ciência, sinônimo de modernização. Para além dessa obviedade, Ivan Teixeira observa a disputa velada pelo poder e controle sobre os indivíduos, empreendida pelos representantes do “Altar” e do “Trono”. Chancelada pelo poder imperial, a incipiente medicina psiquiátrica brasileira – inspirada no sistema terapêutico francês de Pinel e Esquirol – tateava o terreno antes

ocupado pela Igreja, a esfera espiritual (mental). O entendimento de Teixeira sobre o decreto é:

De fato, o documento sugere que, a partir de então, a ciência médica, particularmente a “Medicina Psychica” (DE-SIMONI, 1839, p. 242), substituindo a exclusividade de funções tradicionais da Igreja, seria aliada do novo governo, responsabilizando-se, em parte, pelo conforto espiritual das pessoas. Programada na Regência, a intervenção sistemática e oficial da Medicina na organização da sociedade consolida-se no Brasil no início do Segundo Reinado (TEIXEIRA, 2010, p. 17).

Segundo Jurandir Freire Costa, a direção do Hospício D. Pedro II, inicialmente, fora delegada aos religiosos da Santa Casa de Misericórdia. Somente com a criação da cadeira “Doenças Nervosas e Mentais”, em 1881, é que um médico generalista assumiu a direção do asilo, o Dr. Nuno de Andrade. Em 1886, o primeiro médico-psiquiatra assume a direção daquele estabelecimento, Dr. Teixeira Brandão, e passa a ministrar a disciplina de psiquiatria aos médicos residentes. Considerando que o conto “O Alienista” fora publicado em 1882, percebemos o quanto Machado de Assis estava atento às questões de seu tempo, ao ficcionalizar a Casa Verde dirigida por um médico, que buscava se especializar em psiquiatria¹², na pequena Itaguaí, fora dos domínios da corte, elevando o *status* daquele local, graças ao poder modernizador da ciência que implicava esse empreendimento.

Esse ímpeto pelo progresso e desenvolvimento da ciência está bem representado por Machado de Assis em “O Alienista”, já que Simão Bacamarte pretendia tornar-se bastião da saúde da alma, a “ocupação mais digna do médico” (ASSIS, 2007, p. 256), avalia Bacamarte. “Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada” (ASSIS, 2007, p. 256). A fim de que tal projeto se realizasse, fazia-se necessário a criação de um laboratório particular, para que o cientista desenvolvesse sua ambiciosa pesquisa. Com esse intuito, a “Casa Verde” fora implantada em Itaguaí. “Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às

¹² Segundo Jurandir Freire Costa (2006), somente em 1912 a Psiquiatria tornou-se uma especialidade médica autônoma.

cerimônias, que duraram sete dias” (ASSIS, 2007, p. 257), na voz do cronista narrador.

Também em Poe, essa representação de modernidade se faz presente, já que a *Maison de Santé*, no sul da França do século XIX – país irradiador da ciência, ainda reverberando a revolução intelectual iluminista do século XVIII – recebia estudantes que desejavam conhecer o sistema inovador vigente naquele estabelecimento. “Tinham-me dito em Paris que o estabelecimento do Sr. Maillard obedecia a um preceito conhecido vulgarmente como ‘sistema suave’” (POE, 2007, p. 202), relata o jovem residente de psiquiatria no conto de Poe, em clara referência ao método de Pinel¹³.

Porém, essas construções que pretendiam simbolizar a modernidade – via progresso da ciência médica psiquiátrica, mostram-se contraditórias por simbolizarem anacronicamente o retrocesso, como poderá ser verificado na análise do papel social que essas instituições representam nos *corpora*.

1.7 A loucura e as mulheres

O constructo de “normalidade” admitido pelos obstetras e ginecologistas do século XIX apresentava-se extremamente excludente, em relação ao gênero feminino. Segundo Ana Paula Vosne Martins, “todos os fenômenos fisiológicos relacionados à sexualidade feminina e à capacidade reprodutiva foram considerados por eles como predisponentes às condições patológicas” (MARTINS, 2010, p. 27). Nessa medida, mesmo em estado de “normalidade”, acreditava-se que a mulher, exclusivamente pela determinação do gênero, estaria mais suscetível do que os homens a desenvolverem estados patológicos, sobretudo estados de alterações comportamentais. Esse entendimento aponta para a seguinte afirmação: “mesmo na normalidade de suas funções o corpo feminino era doente ou potencialmente doente” (MARTINS, 2010, p. 27).

Por essa perspectiva, é compreensível que o narrador machadiano relacione a “total extinção da dinastia dos Bacamartes” (ASSIS, 2007, p. 255) a problemas

¹³Philippe Pinel (1745-1826), médico francês reconhecido por inovações na psiquiatria moderna.

fisiológicos de D. Evarista, visto que: mesmo estando “nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo” (ASSIS, 2007, p. 255).

À luz do conhecimento científico do século XIX, surge a teoria da ação reflexa. Os cientistas acreditavam que os estados fisiológicos como: menstruação, gravidez, parto e menopausa, ainda que não evoluíssem para estados patológicos, estariam na base dos problemas físicos e psíquicos das mulheres. Segundo Martins, “a menstruação foi considerada como uma das principais fontes de perturbações e doenças nervosas” (MARTINS, 2010, p. 29), bem como a gravidez, o parto e a menopausa.

Por esse modelo determinista, que atrelava a saúde mental da mulher aos seus órgãos sexuais e alterações hormonais naturais, a manifestação da sexualidade feminina adquire um caráter patológico, conveniente à suposta moralidade da sociedade oitocentista. Conforme Martins, “os comportamentos femininos considerados inadequados passaram a ser vistos concomitantemente como sintomas de doença mental e ginecológica” (MARTINS, 2010, p. 32). Acreditava-se que qualquer mulher poderia desenvolver problemas mentais, dada sua frágil constituição física e especificidades naturais concernentes ao gênero.

Quase todos os comportamentos femininos associados à autonomia e à manifestação livre do desejo sexual foram tratados pelos médicos como sintomas de doença e de perversão. Categorias como hipersexual, ninfomaníaca, masturbadora, delinquente sexual, psicopata sexual, entre outras, eram recorrentes tanto na formulação de diagnósticos quanto na casuística. São vários os casos narrados em publicações médicas da segunda metade do século XIX e de boa parte do século XX que sustentam a imagem de uma sexualidade feminina mórbida, de um desejo feminino insaciável, descontrolado e ameaçador para a sociedade por ser capaz de disseminar vícios e perversões. Daí a necessidade de controlar as mulheres. (MARTINS, 2010, p. 32).

Conforme a tese da pesquisadora Madeleine Prudence Morgan (2011), o estado de “normalidade” da sexualidade feminina era o de desinteresse pelo prazer sexual, a

“anestesia sexual feminina”, defendia pelo Dr. William Acton¹⁴, teórico escopo da pesquisa de Morgan. A pesquisadora nos revela que, pela perspectiva do alienista Acton, “aquilo que os homens sentiam” – referindo-se ao desejo sexual –, raramente atingia as mulheres. Se isso acontecesse, a mulher receberia o diagnóstico de ninfomania, carecendo de tratamento médico. No século XIX, acreditava-se que, em estado de “normalidade”, o instinto materno anulava o instinto sexual. Portanto, a mulher que sentisse desejo e/ou prazer sexual era considerada “anormal”.

O sexo deveria ser praticado apenas com o fim da concepção. Não se admitia a existência do desejo e do prazer sexual feminino como “normalidade”. Assim, pesquisadores do século XIX, como Lombroso, acreditavam que “o amor feminino nada mais é do que um aspecto secundário da maternidade e todos os sentimentos de afeto que ligam a mulher ao homem não nascem do impulso sexual, mas são instintos de sujeição e devoção adquiridos por adaptação” (LOMBROSO apud MARTINS, 2010, p.34).

Há no texto machadiano em questão, possivelmente, uma crítica a esse entendimento, já que D. Evarista mostrou-se insatisfeita na relação conjugal. Após a abertura da Casa Verde, o cientista dedicou-se exclusivamente à ciência, podendo-se depreender um distanciamento entre eles, inclusive de ordem sexual, por meio do seguinte fragmento:

A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou: - Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... (ASSIS, 2007, p. 261).

Percebe-se, no trecho citado, a submissão da mulher ao seu “senhor”, pois D. Evarista mantinha-se calada, não podia queixar-se da suposta falta de relações sexuais, exercendo, assim, protocolarmente, seu “papel” feminino consoante à

¹⁴ Dr. William Acton (1813-1875): médico britânico. Dedicou-se aos estudos sobre a prostituição e distúrbios sexuais femininos.

moralidade esperada. Quando “atreveu-se” (ASSIS, 2007, p. 261) a dizer como se sentia, D. Evarista limitou-se a falar que se sentia tão viúva como antes. Aliás, a escolha linguística de Machado de Assis (“atreveu-se”) para esse trecho, que revela a insatisfação da mulher de Bacamarte – na voz do narrador cronista –, demonstra o entendimento da época que, sendo a mulher um sujeito desprovido de sexualidade, tal comentário era de cunho tenebroso.

Essa libido feminina deveria ser reprimida. Para isso, o tratamento moral e a terapêutica “alternativa” eram empregados. Segundo Martins,

Alguns médicos defenderam os tratamentos morais para a sexualidade feminina patológica, como a proibição da leitura de romances, o controle sobre as companhias e amizades e em alguns casos a vigilância restrita do comportamento, especialmente para aquelas que foram diagnosticadas como ninfomaníacas. Esse tipo de tratamento não dispensava algumas formas de terapêuticas mais localizadas, com o uso de purgantes, escaldapés, banhos frios, aplicação de sanguessugas nos genitais e o uso de ventosas. (MARTINS, 2010, p. 35).

O cérebro feminino dominado pelo útero, premissa do alienismo oitocentista, explorada por Mary Del Priori, no capítulo “A perigosa sexualidade feminina”, incluso na obra *História do amor no Brasil*, foi objeto de estudo do Dr. Rodrigo José Maurício Júnior¹⁵. Na impossibilidade de acessarmos a tese do alienista *in situ*, recorreremos à transcrição do fragmento que descreve as prováveis “vítimas” de distúrbio de sexualidade, conforme o entendimento da época, feito por Del Priori: “As mulheres nas quais predominar uma superabundância vital, (...) olhos vivos e negros, lábios de um avermelho escarlata, boca grande, dentes alvos, (...) estão também sujeitas a sofrerem dessa neurose” (MAURÍCIO JÚNIOR *apud* DEL PRIORI, 2005, p. 212), referindo-se à histeria¹⁶. Embora a personagem de D. Evarista tenha pouca adjetivação física no texto de Machado, “os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, – negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora” (ASSIS, 2007, p. 261), revela um dos traços da mulher histérica estabelecida por Maurício Júnior.

¹⁵ Médico alienista brasileiro. Concentrou suas pesquisas em histeria feminina, tendo apresentado sua tese à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1838.

¹⁶ Acreditava-se, no século XIX, que a histeria era a manifestação de “problemas” no útero, *hystera* em grego. O termo histeria foi utilizado, *a priori*, por Hipócrates, sendo mais tarde difundido por Jean Martin Charcot, no século XIX.

Em Poe, o olhar de uma personagem também é digno de descrição por parte do narrador. É o olhar da jovem Eugenie Salsafette. “Moça bonita”, aspecto melancólico e vestida em luto fechado, “havia nos seus olhos certo brilho intermitente que me induzia quase a acreditá-la louca” (POE, 2007, p. 203). Durante o banquete, quando todos os convivas dão vazão às suas manias, Salsafette revela o provável motivo de sua internação: a anormalidade do ponto de vista comportamental, de fundo sexual. Embora se apresentasse de forma “decente”, a moça despia-se quando, supostamente, era acometida de histeria. Segundo o narrador,

era uma mulher moça e formosa, ar modesto e melancólico, que achava indecente o modo comum de se vestir e gostava sempre de se vestir saindo, e não entrando para dentro da roupa. É uma coisa fácil de se fazer, você precisa apenas de fazer isso, e depois isto e depois isto e depois isto... – *Mondieu! Mademoiselle* Salsafette! – exclamaram umas duas vezes ao mesmo tempo. – O que está fazendo? Pronto! Chega! Já vimos como se pode fazer isso! Chega! Chega! – E algumas pessoas se levantaram para evitar que mademoiselle Salsafette se pusesse em traje da Vênus de Milo (POE, 2007, p. 210).

No excerto reproduzido acima, temos a *mademoiselle* Salsafette, a jovem enlutada que, no momento do banquete, representa o delírio de uma paciente que possuía a “mania” de se despir. Assim como D. Evarista – também viúva, a repressão sexual feminina parece estar problematizada nessas personagens. A única mulher jovem internada na *Maison de Santé* era Salsafette, conforme nos orienta o narrador. Num primeiro contato, a jovem se apresenta elegantemente vestida com trajes de “luto pesado”, algo conveniente para uma mulher de seu estado civil. Quando se apresenta para o jantar em outros trajes, considerados inadequados pelo narrador, há a seguinte apreciação: “admirei-me de vê-la ataviada a um enorme vestido de anquinhas, uns sapatos de saltos altos e uma touca velha de rendas de Bruxelas (...) O vestido de luto pesado, com o qual eu a vira antes, lhe caía incomparavelmente melhor”. (POE, 2007, p. 206). Nem mesmo a variação do vestuário, conforme o que lhe apetecia, era visto como normalidade. A nova aparência da jovem viúva fora descrita com depreciação, indiciando um juízo de valor, por parte do narrador, de vulgaridade e impertinência.

Eugénie Salsafette do conto de Poe, a bem-nascida, que possui origem nobre, como seu nome indica, remete à D. Evarista do conto de Machado, a melhor de todas, a Eva criada para o primeiro homem da terra. Ambas são viúvas, frustradas em suas sexualidades, e possuem o mesmo desfecho, embora apresentem trajetórias distintas. Salsafette torna-se paciente manicomial, possivelmente, pela inadequação de sua conduta àquela sociedade moralista, que não tolerava a manifestação da sexualidade feminina. D. Evarista, viúva de um juiz de fora, contrai seu segundo matrimônio aos vinte e cinco anos. O narrador nos indicia que a jovem mulher não estava sexualmente realizada, mesmo estando casada, visto que D. Evarista “se considerava tão viúva como dantes”. (ASSIS, 2007, p. 261). Como Simão era avesso à sentimentalidade, a solução seria enviá-la à corte para tentar agradá-la e amenizar a insatisfação da esposa. Contudo, após o retorno de D. Evarista a Itaguaí, Simão Bacamarte não titubeia a interná-la, alegando mania sumptuária. A indecisão entre um colar de granada e um de safira levou-a para a clausura. Para Bacamarte, até mesmo a característica vaidade feminina era tida como “loucura”, extravagância.

Voltemos ao conto de Poe. Outras informações que nos são fornecidas na narrativa expõem o entendimento da época sobre a suscetibilidade das mulheres à loucura, “sempre ouvi dizer que a maioria dos loucos pertencia ao belo sexo”, e ainda “pelo menos dois terços dos convivas eram de senhoras (...). Muitas delas, que não tinham menos de 70 anos” (POE, 2007, p. 206), na fala do jovem narrador médico, compatível com o que se postulava na ciência do século XIX. Possivelmente a referência à idade das pacientes (convivas, até então) loucas deve-se à ocorrência da menopausa, fenômeno que a ciência acreditava ser causador de perturbação mental nas mulheres. Sobre esse perfil de paciente, Sr. Maillard externa: “Esta senhora, minha velha e particular amiga, madame Joyeuse, é tão normal quanto eu. Ela tem lá suas excentricidades, claro, como, você sabe, *todas as mulheres de idade são mais ou menos excêntricas!*” (POE, 2007, p. 212, grifo nosso).

Pelo que foi exposto, os dois autores estudados abordam, ainda que tangencialmente, a temática da loucura da mulher, de forma condizente com o que a ciência preconizava na época: a mulher como um organismo potencialmente doente e mais suscetível às perturbações mentais, devido às alterações fisiológicas, hormonais.

1.8 Alguns loucos na literatura

O homem como “centro e medida de todas as coisas”, fundamento do antropocentrismo renascentista, implica, nas manifestações artísticas, a observação da figura humana em seu meio natural. Já no século XIV, o “resgate” dos princípios humanistas das civilizações grega e romana afasta autores como Dante, Petrarca e Boccaccio do simbolismo religioso e misticismo da literatura medieval.

Durante a Idade Média, era comum a entrega de loucos – desajustados de vária ordem – a um marinheiro, para que os conduzissem a lugar distante. Nesse sentido, a presença da “nave dos loucos” é recorrente nas criações artísticas renascentistas. Segundo Luzia de Maria, nos séculos XV e XVI – período do Renascimento –, a “loucura desponta como um campo de possibilidades aberto à exploração do pensamento” (MARIA, 2005, p. 52).

Hieronymus Bosch, pintor holandês, nascido por volta de 1450, foi um dos artistas que se dedicaram à exploração da temática. Em sua tela *Nau dos loucos*, Bosch “traduziu nas formas e cores, com extraordinário realismo, a bestialidade que se pode colher nas fisionomias insanas” (MARIA, 2005, p. 20).

Em 1494, Sebastian Brant compõe *Das Narren Schyffen* ou *A nau dos insensatos*, inspirado no embarque de loucos. Como já mencionamos, essas embarcações continham, além dos considerados loucos, vagabundos, desocupados, miseráveis, em suma, os indesejados. Luzia de Maria analisa a composição de Brant da seguinte maneira: “o poema de Brant procurou traçar o retrato dos passageiros dessa viagem, desmascarando as fraquezas humanas e apontando nos poderosos a bestialidade e a selvageria escondidas sob a aparência de pessoa de bem ou gente de juízo”. (MARIA, 2005, p. 21). Dedicado aos livros e aos sábios, a edição de 1497, segundo Luzia de Maria (2005), apresenta uma ilustração de um mestre em uma cátedra, com vários livros amontoados, tendo a sombra de um capuz de louco projetada a partir do seu peculiar chapéu de doutor.

Miguel de Cervantes (1547-1616) elabora seu *Dom Quixote*, paródia da sociedade espanhola da época, texto ainda profícuo para a crítica literária contemporânea. “Dom Quixote, mergulhado no seu sonho louco, luta pelo passado de glórias e recusa-se a enxergar sua realidade prosaica” (MARIA, 2005, p. 63).

Numa comparação entre Dom Quixote e Simão Bacamarte, Silviano Brandão pontua: “Bacamarte tem a mesma persistência de Dom Quixote para lutar contra os moinhos de vento da loucura, não se dando nunca por vencido, fiel a seus desígnios, até se internar na Casa Verde, seu asilo de loucos, como o único louco de Itaguaí” (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 83).

A loucura também é tema amplamente explorado por Machado de Assis e Edgar Allan Poe, no século XIX. Em Machado de Assis, nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. Edgar Allan Poe apresenta os loucos em sua obra contística. Personagens pervertidas e degeneradas expõem a débil condição humana na obra de Poe. Pela impossibilidade de abarcar toda essa variedade, iremos nos deter na análise da temática apenas nos contos selecionados para essa dissertação.

CAPÍTULO 2

FORTUNA CRÍTICA

2.1 “O Alienista”

Para Frosch, a temática da loucura na obra madura de Machado de Assis transborda o trato patético dos românticos sobre a questão, constituindo-se em *conditio humana*, ou seja, algo inerente ao homem moderno, “num universo aparentemente confuso, constituído por ‘determinismos [...] volúveis e contraditórios’, o descarrilamento psíquico é uma das reações possíveis do indivíduo; o ‘espetáculo da loucura humana’” (FROSCH, 2006, p. 282).

Essas “rabugens de pessimismo”, expressão utilizada por Benedito Nunes ao se referir à escrita machadiana, se manifestam na perspectiva narrativa – instância da qual se depreende o lugar social e a ideologia de quem narra os acontecimentos – conotando um Machado em estado de “emigração interior”. O nosso autor, nas palavras de Augusto Meyer, é um “doente na penumbra, uma sombra falando, dentro da grande sombra do mundo, para ao menos ouvir o eco das suas palavras” (MEYER, 2008, p.84).

O cronista irônico, anônimo e tendencioso do conto “O Alienista” narra os fatos com status de onipresença. O uso do vocábulo “universo” de Itaguaí, constante na narrativa, poderia conotar algo tomado em escala universal – o mundo como um grande asilo. Por outro lado, a escolha do vocábulo poderia representar um sistema fechado, a amostra perfeita para o experimento científico de Bacamarte. Luís Augusto Fischer, ao analisar a verossimilhança no texto de Machado, pontua que “frequentemente a narração alude a ‘crônicas’ antigas, relatos de tipo histórico que aparentemente afiançam a verdade do que vai sendo dito” (FISCHER, 2008, p. 198).

Segundo Frosch, “a alienação, como entendida por Machado, não seria tanto um fenômeno clínico, sintoma de uma doença mental, mas antes produto da reificação¹⁷ e do estranhamento no sentido social e humano” (2006, p. 283). Essa

¹⁷Segundo Georg Lukács 1885-1971, alargando e enriquecendo um conceito de Karl Marx 1818-1883, reificação é um processo histórico (inerente às sociedades capitalistas) caracterizado por uma transformação experimentada pela atividade produtiva, pelas relações sociais e pela própria subjetividade humana, sujeitadas e identificadas cada vez mais ao caráter inanimado, quantitativo e automático dos objetos ou mercadorias circulantes no mercado. Processo pelo qual uma realidade social ou subjetiva (de natureza criativa e dinâmica) assume características de automatismo, fixidez e passividade – próprias dos organismos inorgânicos–, perdendo, assim, sua autoconsciência e autonomia.

possibilidade de leitura da novela reforça nosso entendimento sobre a acuidade de Machado de Assis, acerca das questões de seu tempo, a saber: profundas transformações no panorama histórico-social e seu impacto na conformação de uma sociedade.

Para Luis Costa Lima, versando sobre a técnica do texto palimpsesto, a narrativa machadiana apresenta dois níveis de significação: “Sua primeira camada é de aparência aguada e insossa. As entrelinhas entretanto contrabandeiam pequenos indícios da camada borrada, o texto-palimpsesto” (LIMA, 1991, p. 254). Antonio Candido define esses níveis de significação do texto de Machado como um “universo mais complicado e por vezes turvo” sob a superfície despreziosa do texto, de onde emerge o “mundo paradoxal” (CANDIDO, 1977, p. 23-25).

Inicialmente, a publicação de “O Alienista”¹⁸ ocorreu entre outubro de 1881 e março de 1882 no folhetim de *A Estação*. Nesse mesmo ano, o conto foi publicado no livro *Papéis Avulsos*. Na narrativa analisada, o tópos do mundo às avessas é ricamente explorado. Conforme o entendimento de Roberto Vecchi, o texto é “uma alegoria que questiona e destrói o fundamento próprio da nosologia psiquiátrica do tempo, elidindo, no desajuste das teorias médicas modernas com a realidade brasileira, a segurança de qualquer fronteira entre razão e desrazão” (VECCHI, 1998, p. 116).

O conto machadiano trata da dinâmica dos poderes em sociedade, bem como veicula a crítica ao extremismo da ciência positivista, “encarnada” na personagem do médico Simão Bacamarte: “homem de ciência até a medula, conseqüente até o ridículo” (BOSI, 2007, p. 88). Alfredo Bosi observa que em “O Alienista”, primeiro conto de Machado de Assis em sua fase madura, ocorre “a sátira ao cientificismo aplicado ao estudo da loucura” (BOSI, 2007, p. 88). No entanto, o crítico pondera que o conto não pode ser reduzido a essa perspectiva, pois acredita se tratar de uma “situação de força” (BOSI, 2007, p. 88), referindo-se à dinâmica dos poderes: religioso, social e político. Acerca dessa tensão, Bosi afirma:

¹⁸ Segundo Frosch, “a designação profissional é um anacronismo. O termo francês *aliénist* data do ano 1848, como derivação de *aliénism*. Em português, a palavra alienista é pela primeira vez documentada em 1871.”

Bacamarte não é, absolutamente, o tipo do cientista maluco, marginal, entregue à irrisão dos bem-pensantes. Filho da nobreza da terra, ele traz para a colônia a nomeada de maior médico de Portugal e das Espanhas. Protegido pelo rei, fora convidado para reger a Universidade de Coimbra ou, se preferisse, despachar os negócios da Monarquia. Ele pode executar os projetos da ciência que o obseda. Seu status de nobre e portador do valimento régio transforma-o em ditador da pobre vila de Itaguaí. A população sofre os efeitos de um terrorismo do prestígio de que as relações entre médico e doente, psiquiatra e louco, são apenas casos particulares. O eixo da novela será, portanto, o arbítrio do poder antes de ser o capricho de um cientista de olho metálico. (BOSI, 2007, p. 89).

Ivan Teixeira corrobora a visão crítica de Bosi acerca das várias perspectivas de análise do conto, pontuando também a existência de uma tensão ocasionada pela dinâmica dos poderes. Sobre esse entendimento, afirma-se:

A tradição crítica tem-se concentrado no assunto da demência, interpretando-a como instrumento de sátira ao autoritarismo da ciência do século XIX, mais especificamente ao Positivismo. Por ironizar a autoridade inconsequente de Simão Bacamarte, a novela seria também uma denúncia contra a centralização do poder, que se fortalece pelo mito da razão e do estudo. A figura da loucura e seu correlato político são, com certeza, uma das linhas de força de “O Alienista”, mas não a única. [...] Assim, apoiado no motivo da loucura, o tema central da novela seria a disputa pelo poder no processo de formação da cidade. (TEIXEIRA, 2010, p. 19).

Visando ao recorte que nos interessa, ou seja, à crítica ao extremismo da ciência positivista, Ivan Teixeira pontua a presença, no conto, da crítica à ciência irascível e absoluta, mimetizada na figura do médico, e analisa a instrumentalização da medicina psiquiátrica como estratégia de alcance e/ou de manutenção do poder na cidade de Itaguaí, onde ciência, religião, política e povo travariam um embate para o domínio da população, por meio do controle dos critérios para a classificação da insanidade, logo, o controle sobre a *pólis*. Para o autor,

[...] o Alienista promove galhofa contra o excesso de convicção na ideia de que a ciência pudesse solucionar o problema da loucura e que um hospital viesse a trazer benefícios efetivos aos doidos da cidade. Enfatiza, sempre de forma insinuante, que os loucos acabam por se transformar em

instrumento de concentração de poder, visto que o direito de classificar as pessoas, promovendo sua reclusão ou liberdade, associa-se diretamente à organização do contingente humano na cidade. Por isso, todas as instâncias administrativas se esforçam por deter o controle sobre o conceito de loucura ou simplesmente sobre os loucos. (TEIXEIRA, 2010, p. 292).

O controle do poder, via controle dos insanos, constitui-se em importante fator no conto de Machado, tendo em vista o papel “social” do manicômio, que servia aos propósitos da ordem e do progresso positivista. Atento aos discursos de sua época, Machado de Assis privilegia, em sua narrativa, o espaço da Casa Verde, constituindo o cenário em torno do qual se discutirão os limites e os “usos” da ciência médica psiquiátrica, ainda gestada no século XIX. Acerca da instrumentalização desse espaço de internamento, Bosi afirma: “o hospício é a Casa do Poder, e Machado de Assis sabia disso bem antes que o denunciasse a antipsiquiatria” (BOSI, 2007, p. 89).

Versando sobre o extremismo da ciência positivista satirizado na novela, Bosi evidencia os preceitos normatizantes e o caráter segregante da abordagem totalitária da ciência quando analisa a invariabilidade dos critérios para a classificação da insanidade:

de um extremo ao outro, dos alucinados ao sábio, o critério permanece o mesmo, metodicamente o mesmo: é preciso apartar do convívio público todo aquele que se diferencia, de algum modo, da norma instituída, da aparência dominante. Esta é a única ciência, niveladora e eficaz. (BOSI, 2007, p. 92).

Luzia de Maria analisa a crítica machadiana ao discurso de autoridade da medicina psiquiátrica, ficcionalizado no discurso de Simão Bacamarte, visto que esse campo de conhecimento ainda se mostrava incipiente, mas, mesmo assim, possuía grande alcance social e político, apesar de se mostrar contraditório ao bom senso. É o discurso científico sobre a loucura tangenciando a própria loucura: “mais do que questionar a loucura, Machado questiona as dimensões do poder do discurso médico, as abrangências desse discurso, procedendo a uma inversão, vislumbra o que se pode constatar como a loucura da ciência”. (MARIA, 2005, p. 150).

O início do conto machadiano fornece-nos a descrição do homem de origem nobre e de alto saber científico, que subsiste no protagonista Simão Bacamarte: “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.” (ASSIS, 2007, p. 255)¹⁹. Contudo, contrariando a descrição nobiliárquica fornecida no texto, esse nome representaria a imprestabilidade, a vulgaridade, aquilo que “há de mais anacrônico e velho”²⁰, já que é a designação de uma antiga arma de fogo com sistema de municionamento de antecarga, cuja pontaria é imprecisa. A partir desse raciocínio, percebemos a ironia machadiana presente até mesmo no nome da personagem, já que o desfecho da “experiência” de Bacamarte mostrou-se condizente com o significado do seu nome, por não ter apresentado os avanços que se esperam de uma pesquisa científica.

Para a dedicação exclusiva à ciência, Bacamarte elege Itaguaí como seu laboratório, assim “ele pode executar os projetos da ciência que o obseda” (BOSI, 2007, p. 89). O rigor do método científico influenciou Bacamarte até mesmo na escolha da sua esposa, visto que “D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhes filhos robustos, sãos e inteligentes” (p. 255). Os critérios utilizados para a escolha da esposa evidenciam-nos a tônica de Simão Bacamarte: a ciência em primeiro lugar. A origem do nome latino Evarista – a melhor de todas, pessoa movida pelo interesse de transformar tudo para melhor, conota a ironia de Machado, pois frustra o plano científico-matrimonial de Bacamarte de procriação e perpetuação de uma espécie positiva. A escolha do nome para a personagem, esposa do cientista, revela a crítica machadiana dirigida ao extremismo dos métodos científicos, já que os critérios utilizados pelo alienista para contrair o matrimônio não satisfizeram a expectativa do médico: “D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos” (p. 255). Segundo Luiza de Maria (2005), a ironia pode ser percebida para além do que foi narrado, inclusive no comentário do narrador acerca da falibilidade de perpetuação da espécie de Bacamarte: “mas a ciência tem o infável dom de curar todas as

¹⁹ Doravante, iremos referenciar apenas a página nas citações, devido ao fato de que a mesma obra aparecerá repetidas vezes neste texto.

²⁰Vide dissertação de Gilson Neves, referenciada em campo próprio.

mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina” (p. 255).

A menção textual ao filósofo árabe Averróis na narrativa do Alienista incita Frosch a afirmar, amparado na leitura de textos de Toso Rodinis, que: “Averrois interpreta o êxtase e as revelações transcendentais como formas espiritualizadas do ato sexual” (FROSCH, 2006, p. 294); e isso tornaria compreensível a obsessão do cientista pelo estado contemplativo de suas reflexões científicas, já que “esse detalhe colocaria dentro de um contexto inesperado, mas bastante lógico, os problemas matrimoniais de Bacamarte e seus esforços frenéticos deles decorrentes de penetrar os mistérios do psiquismo” (Ibidem, p. 294). Essa análise contraria a parcialidade do narrador de *O Alienista* que, ao mencionar a inclusão de carne de porco na dieta alimentar de D. Evarista – prescrita por Bacamarte, como forma de aumentar a fertilidade da possível genitora, poderia sugerir ao leitor a acreditar que a “esterilidade” do casal resulta da inaptidão do cônjuge feminino em gerar filhos. Aliás, considerando a agudeza de Machado de Assis, esse detalhe revela-se interessante, por se tratar de um texto com várias referências ao islã e, paradoxalmente, recomendar o consumo de carne de porco²¹ – sabidamente proscrito da dieta islâmica – para o alcance da fertilidade e purificação do corpo de D. Evarista.

Ao se dedicar aos estudos psíquicos que, para Bacamarte, constituíam “a ocupação mais digna do médico” (p. 256), temos a fundação da “Casa de Orates”, em Itaguaí. Antes da fundação do hospício, o texto nos informa que “cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua.” (p. 256). Nesse panorama, é possível relacionarmos essa citação à questão

²¹ “O Islã permite aos muçulmanos ingerir carne pura e não proíbe nem estimula ninguém a converter-se em vegetariano. Alguns argumentam que se o porco é alimentado com nutrientes sãos, pode-se, então, consumir sua carne. A resposta para esta controvérsia é a seguinte: pode-se alimentar um porco com uma lavagem saudável, mas não se pode mudar sua natureza, um porco é um porco, não pode sofrer variantes por meio de enxertos, como uma planta. O porco é, por natureza, preguiçoso e indulgente no sexo. Desgosta-lhe a luz do sol e ele carece de energia para lutar. Come quase tudo o que encontra ao seu redor, sejam excrementos ou qualquer imundice. De todas as carnes de animais, o porco constitui-se no principal receptor de germes daninhos e é o principal reservatório para a infecção humana.” Disponível em: http://www.ibeipr.com.br/noticias.php?id_noticia=444 Acesso em 15 set 2016.

dos loucos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista (anterior ao recolhimento desses aos porões da Santa Casa) que, abandonados à própria sorte, perambulavam pelas ruas.

A ideia de agrupar os loucos no mesmo espaço gerou desconfiança na população itaguaiense acerca da própria sanidade do cientista. O padre Lopes, vigário da cidade, que, segundo Luzia de Maria (2005), representa a voz do povo nesse trecho, interpelou D. Evarista, a fim de que pedisse ao marido para viajar e para se descontrair um pouco, visto que “isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo” (p. 256), algo quixotesco. Para Luzia de Maria, a figura do Padre é invocada para representar o clamor da sociedade ao poder Divino, pois, “acima do poder supremo terreno, restam as súplicas à intercessão divina, marca de um povo católico e cristão” (MARIA, 2005, p. 158), referindo-se à impotência da sociedade que estava sob o jugo da ciência.

A aprovação de um projeto na Câmara que viabilizasse a construção do sanatório fora possível devido ao poder discursivo de Bacamarte. Na ocasião, os vereadores instituíram um imposto que subsidiaria as despesas do tratamento dos insanos: “a matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí” (p. 257). Instalada a “Casa Verde” – nome alusivo à cor das janelas da imponente construção e que, segundo Gilson Neves (2011), poderia simbolizar o islamismo, já que, simbolicamente, essa cor é alusiva à salvação dos mulçumanos que adentrariam o reino sagrado sob a forma de aves verdes –, Bacamarte mandou gravar na fachada uma inscrição inspirada no trecho retirado do Corão: “Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem” (p. 257). Porém, temendo a ira do padre e do bispo, atribui a citação a Benedito VIII, demonstrando certa temeridade de se indispor com o poder religioso dominante naquela sociedade, o católico.

Acerca da presença de supostas heresias no conto machadiano, Neves analisa: “referências diretas e indiretas também são crescentes na primeira parte de ‘O Alienista’ em relação a Bacamarte, ao seu comportamento e às suas ideias, que podem ser, no contexto histórico, apontadas como heresias” (NEVES, 2011, p. 93). Além dessa possibilidade para a interpretação da escolha da cor verde para a Casa Verde de Machado aventada por Neves, há de ser considerado o surgimento de asilos

na cultura árabe no século VII. A menção textual ao médico e filósofo Averróis (1126-1198) é indicativa de que Machado conhecia a cultura árabe. Outra possibilidade de análise para a escolha da cor verde é a de que indicava algo ainda imaturo, que não estava “maduro” suficientemente, tal qual a medicina psiquiátrica.

Atinente ao propósito da instalação da “Casa Verde”, Bacamarte explica ao boticário Crispim os motivos que o levaram a tal empreendimento, ensejando uma proveitosa aproximação entre a medicina e o farmacêutico (conhecimento específico e conhecimento prático), pois, segundo Luzia de Maria, “a única fala que parece fazer eco à proposta de Simão Bacamarte é a do boticário Crispim Soares, mais pelo desejo de agradecer que por concordar com a idéia” (MARIA, 2005, p. 151).

O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. – Um excelente serviço, corrigiu o boticário. – Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos (ASSIS, 2007, p. 258).

Com a chegada dos insanos ao hospício, o narrador evidencia: “eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espírito” (p. 258), demonstrando a variedade de loucos que seriam “tratados”. Como desejava se dedicar integralmente ao estudo da loucura e da sua respectiva cura, o alienista delegou a administração do hospício a terceiros, incluindo dois sobrinhos do boticário. Isso, a nosso ver, parece demonstrar uma certa política de conveniência entre médico e farmacêutico.

Cada dia mais absorto nas pesquisas da loucura, o casamento de Bacamarte entrava em crise. D. Evarista sentia-se tão viúva quanto antes. O médico tratou de planejar uma viagem para a esposa, de modo que a deixasse menos insatisfeita com o matrimônio, ao passo que registrava, cientificamente, as observações feitas no caso da própria consorte. A ciência já havia ultrapassado a esfera da atividade profissional e inseria-se na vida particular do médico, consistindo-se numa atividade extremada que traria sérias consequências. A expressão de Bosi, “olhar metálico”, para definir o

aficionado Bacamarte parece apropriada, dado o caráter obtuso e calculista das ações do cientista, o que remete às características físicas dos metais: rigidez e frieza.

No âmbito econômico, a atividade do alienista demonstrava-se muito lucrativa. Bacamarte mostrou os rendimentos à sua esposa e, dessa forma, D. Evarista pareceu “entender”, ou pelo menos aceitar, a dedicação do marido à ciência:

E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro. Deus! Eram montes de ouro, eram mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulência. Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérfida das alusões: – Quem diria que meia dúzia de lunáticos... D. Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação: – Deus sabe o que faz! (ASSIS, 2007, p. 262).

A postura inquisitória do alienista já era sentida pela sociedade de Itaguaí, pois “todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando com as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heróicos” (p. 263). Por suspeitar de que havia mais loucos do que supunha, Bacamarte inteirou o boticário da sua suspeita, explicando a nova teoria calcada na experimentação, ou seja, nos dados recolhidos durante o convívio social, inclusive o familiar: “trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (p. 263).

A postura extremista do homem positivo torna-se evidente. Até mesmo o “amigo” boticário pensa se tratar de extravagância do cientista, mas, influenciado pela admiração que nutria pelo doutor, declara a ideia sublime, “caso de matraca”²² (p. 264), no intento de tornar público o “grande passo” científico para a sociedade de Itaguaí, algo que modificaria a estrutura social daquele lugar, digno de divulgação, dada a relevância da matéria. Sobre a relação do boticário com o alienista, Luzia de Maria analisa: “os papéis se tornam mais claros e definidos. De um lado está Simão Bacamarte, representando o saber da ciência, que não admite réplicas; de outro, o

²² Aparelho utilizado para a divulgação de notícias. Parece demonstrar o entendimento de Machado sobre a importância da imprensa.

boticário, assumindo metonimicamente o lugar de representante do vulgo, do leigo, com sua subserviência e bajulação em relação ao discurso científico” (MARIA, 2005, p. 151).

A obsessão de Bacamarte em tentar separar os insanos dos “normais”, embasado em teorias irascíveis, ou, segundo Alfredo Bosi, de “separar o reino da loucura do reino do perfeito juízo” (BOSI, 2000, p. 90), demonstra o autoritarismo do cientista imbuído de princípios positivistas extremados: “supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, e só insânia” (p. 265). Para Bacamarte, a pérola, ou a razão humana – tida como algo raro e precioso – seria passível de extração do espírito humano, semelhante à concha, que mesmo tendo o potencial de gerar pérolas, não é algo facilmente encontrado. Ou seja, nem toda concha (humana) possui a pérola (da razão).

Bacamarte, ao externar a nova teoria ao padre Lopes, que declarou não a entender, por se tratar de “uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução” (p. 265), indicia o descompasso entre a crença científica e a teológica. Acerca desse episódio, o narrador evidencia o poder de convencimento do discurso médico: “a ciência contentou-se em estender a mão à teologia – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução” (p. 266). No excerto transcrito, fica evidente o paradoxo entre ciência e religião, pois, sabidamente, determinados estudos científicos contradizem a explicação divina dos fenômenos, constituindo-se, assim, uma “ameaça” à soberania do poder religioso.

Não satisfeito com a internação dos que possuíam algum desvio da norma, o alienista alarga os critérios para o diagnóstico da insanidade, e passa a enclausurar os cidadãos virtuosos. Já não havia parâmetros bem delimitados para a internação. Todos que não se enquadrassem na noção de “normalidade”, na concepção do cientista, seriam internados. A essa seção do conto, deu-se o título de “O terror”.

À medida que o prestígio do médico crescia naquela sociedade, não pela lisura do seu comportamento, mas sim pelo arrojo de suas ações “científicas”, o boticário demonstrava vaidade em ser amigo de Bacamarte. A postura do farmacêutico

evidencia a frivolidade das relações humanas baseadas no interesse, já que, intimamente, Crispim não compartilhava da perspectiva de Bacamarte e via, no endosso à atitude do cientista, alguma possibilidade de ganho, sobretudo o prestígio de ser tão próximo ao expoente da cidade. “Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos atônitos, era para ele uma consagração pública. Não havia dúvidas; toda a povoação sabia enfim que o privado do alienista era ele” (p. 268).

Diante dos desmandos do alienista em internar pessoas que eram consideradas exemplares, de boa conduta, pelo senso comum, várias possibilidades para a postura do alienista foram aventadas, e, com isso, a crença no homem da ciência estava abalada. Os habitantes de Itaguaí estavam aterrorizados. Ninguém se considerava livre do olhar inquisidor e do totalitarismo do cientista. Todos estavam passíveis de serem considerados insanos: “o terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido [...] Positivamente o terror” (p. 273), menção crítica, a nosso ver, à filosofia positivista vigente no século XIX. Elton Corbanezi aponta a impossibilidade de se interpretar a sentença “positivamente o terror” como uma “inconsequente *contradictio in adjecto*” (CORBANEZI, 2015, p. 3). Estando o substantivo (que por definição sugere algo negativo) qualificado positivamente pelo adjetivo, permite a interpretação de que há uma “referência precisa do narrador machadiano ao positivismo de Auguste Comte” (Ibidem).

À medida que o terror crescia, um prenúncio de rebelião tomava corpo. Surge um líder para a revolta, o barbeiro Porfírio. Ironicamente, este nome latino significa púrpura. A simbologia dessa cor remete-nos à origem nobre, visto que o pigmento que nomeia a cor era raro e, por esse motivo, na Roma antiga, apenas o imperador tinha o direito de usar vestimentas tingidas com púrpura. Ademais, conforme informações de João Bosco, em artigo publicado na página “História da Medicina”²³, os barbeiros, os quais se ocupavam de pequenas cirurgias, de amputações, de extrações de dentes e de sangrias, além dos cuidados aos pelos corporais, no período medieval cristianizado e com o consequente fechamento das escolas de medicina, eram considerados os “médicos dos pobres” até o século XVI, quando ocorre a formação de conselhos profissionais e as especificações das funções médicas e

²³Disponível em: <http://medicineisart.blogspot.com.br/2010/08/os-barbeiros-cirurgioes-na-arte.html>. Acesso em: 28 out. 2015.

odontológicas. Nesse sentido, o barbeiro Porfírio parece reclamar para si um poder do qual, historicamente, seus iguais eram detentores, mas que, com o passar do tempo e as especificações científicas, se viram desprestigiados.

Denotando aparente legitimidade de suas ações revoltosas, o barbeiro Porfírio, ainda que lucrasse com a aplicação de sanguessugas nos pacientes da Casa Verde, queria a derrubada do médico tirano. Segundo Porfírio, “o interesse particular [...] deve ceder ao interesse público” (p. 274). Estando aliado a cerca de trinta pessoas, o barbeiro redigiu um documento e o levou à Câmara, pois queria a interferência do poder público nas atitudes tresloucadas do médico. Acerca da recusa dos políticos em agirem, e evidenciando a distância entre o movimento de iniciativa popular, a política e a ciência, o narrador revela: “a câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua” (p. 275).

Os revoltosos, ao tomarem conhecimento de que o alienista não mais recebia pelos serviços prestados no manicômio, abrandaram os ânimos, dizendo que o médico não incorria em erro por ganância, e sim por interesse exclusivo da ciência. Esse despreendimento mercantil do cientista poderia resultar na pacificação do movimento popular, não fosse a frase de motivação do barbeiro Porfírio que, ouvida de um poeta local, sintetizava o ideal do movimento: “não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde, ‘essa Bastilha da razão humana’” (p. 274). O movimento teve um tímido apoio político pela figura de Sebastião Freitas, vereador que “tinha o dom da palavra” e que demonstrou ser favorável ao movimento dos canjicas (apelido familiar do barbeiro que nomeou a revolta). Acerca da irônica referência histórica contida no texto de Machado de Assis, Gilson Neves (2011) nos informa que a Queda da Bastilha, ocorrida em 14 de julho de 1789, na França, marca o início da Revolução Francesa, quando a população revoltosa invade a prisão da Bastilha para libertar os intelectuais e os nobres que lá eram mantidos, opositores ao regime monárquico e/ou à religião católica, por força dos “ataques de loucura de D. Maria I” (NEVES, 2011, p. 78).

Mesmo com o tumulto na cidade, Bacamarte mantinha-se impassível. Esta atitude do médico parece demonstrar a frieza e a objetividade inerentes à ciência positivista. O narrador nos indicia, quando Bacamarte é interpelado pela esposa sobre

o tumulto que se formava em frente à residência do casal, mais um traço do comportamento obsessivo do médico que, antes de receber os manifestantes, tratou de ajeitar um livro que estava torto na estante: “como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante” (p. 278). Ao se deparar com a postura serena e convincente do alienista, a multidão ficou atônita. O discurso do alienista, que procurava embasar a legitimidade e a importância de suas ações, ao passo em que se fazia nítida distinção entre ciência e senso comum, foi assim referido pelo narrador:

– Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes. (ASSIS, 2007, p. 279).

A razão, derivada e defendida por meio do sistema do alienista, era algo pertinente apenas aos homens científicos, nesse caso, apenas ao Dr. Bacamarte. Aos leigos, não seria aceitável a interferência em matéria tão específica e ordenada. Diante do impasse, as forças armadas (os dragões) interviram no tumulto. Era preciso conter aqueles que não foram dissuadidos pelo discurso do médico e que ameaçavam destruir a Casa Verde. Com alguns mortos e feridos de ambos os lados, o capitão da guarda declarou-se vencido.

O capitão estava de um lado, com alguma gente, contra uma massa compacta que o ameaçava de morte. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro. A revolução triunfante não perdeu um só minuto; recolheu os feridos às casas próximas, e guiou para a câmara. Povo e tropa fraternizavam, davam vivas a el-rei, ao vice-rei, a Itaguaí, ao “ilustre Porfírio”. Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se ela fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A vitória cingia-lhe a fronte de um nimbo misterioso. A dignidade de governo começava a enrijar-lhe os quadris. (ASSIS, 2007, p. 280).

As supostas “origens nobres” do barbeiro, dadas as simbologias do nome e da profissão já mencionadas, parecem reforçadas nesse episódio. Um homem simples e anônimo tem o seu momento de glória, ainda que passageiro. O tratamento utilizado no texto, “ilustre Porfírio” (entre aspas), contido na citação acima, intensifica a ironia. Até mesmo a postura corporal do barbeiro modifica-se para compatibilizá-lo com o desempenho de tão nobre função: libertar o povo do despotismo do alienista, tal qual o povo parisiense na tomada da Bastilha. Entretanto, o barbeiro que, *a priori*, parece ser movido pela intenção de conter o autoritarismo do médico, revelou-se tão adepto do despotismo quanto o cientista – guardadas as devidas proporções e os interesses – ao liderar o “golpe” contra a câmara de vereadores:

Daí a nada o barbeiro, acompanhado de alguns de seus tenentes, entrava na sala da vereança e intimava à câmara a sua queda. A câmara não resistiu, entregou-se, e foi dali para a cadeia. Então os amigos do barbeiro propuseram-lhe que assumisse o governo da vila, em nome de Sua Majestade. Porfírio aceitou o encargo, embora não desconhecesse (acrescentou) os espinhos que trazia; disse mais que não podia dispensar o concurso dos amigos presentes; ao que eles prontamente anuíram. O barbeiro veio à janela, e comunicou ao povo essas resoluções, que o povo ratificou, aclamando o barbeiro. (ASSIS, 2007, p. 281).

O exercício do poder por aquele homem humilde parece tê-lo “cegado”, desvencilhando-o do objetivo principal. Mais uma vez, temos a instabilidade humana (moral e ética) mimetizada na personagem machadiana. O barbeiro tratou de fazer alianças para se garantir no poder, inclusive as improváveis. Essa política de conveniência parece continuar sendo explorada amplamente na contemporaneidade, evidenciando, novamente, o caráter atemporal de interpretação dessa obra, além do ceticismo machadiano no trato das relações humanas. Em busca da conjunção entre o poder político e o religioso, Porfírio recorre ao padre Lopes, como o narrador nos informa:

O barbeiro fez expedir um ato declarando feriado naquele dia, e entabulou negociações com o vigário para a celebração de um *Te Deum*, tão convincente era aos olhos dele a conjunção entre o poder temporal com o espiritual; mas o padre Lopes recusou abertamente o seu concurso. – Em todo caso, Vossa Reverendíssima não se alistará entre os inimigos do governo? Disse-lhe o barbeiro dando à fisionomia um aspecto

tenebroso. Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder: – Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos? (ASSIS, 2007, p. 282).

No excerto transcrito, evidencia-se, na fala do padre, o caráter autoritário do governo de Porfírio, aquele que pretendia livrar Itaguaí do autoritarismo do médico alienista. O Padre Lopes, que não tinha interesse em se coadunar com “o novo tirano”, visto que nada mudaria na ordem das coisas, senão o detentor do monopólio do poder (por meio do controle dos “loucos”), embora não tenha oferecido resistência à revolução de Porfírio, também não compactuou com o golpe, mantendo postura “neutra” frente à questão. Além de tentar estabelecer aliança com o poder religioso, Porfírio trata de se aproximar do alienista, até então, seu maior desafeto. O barbeiro revela-se um excelente estrategista, visto que não desconsiderava a influência do discurso médico científico na sociedade. Segundo Luzia de Maria, “o saber médico aparece no texto de Machado como o grande e implacável tirano” (MARIA, 2005, p. 153), dado o seu caráter discursivo incontestável.

Sem saber da intenção amistosa do barbeiro, o boticário supõe que corre perigo de ser preso, tendo em vista a proximidade e certa cumplicidade com o alienista. Em demonstração de seu caráter duvidoso, Crispim declara apoio a Porfírio, por conveniência, e não por ideologia, sustentado pelo seguinte pensamento: “ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver” (p. 283), justificando a sua ruptura com o alienista.

Ao procurar o médico alienista para propor aliança, o barbeiro argumenta que o governo não possui legitimidade para tratar ou para classificar a loucura, já que isto era da alçada científica, na medida em que, com a aliança, o seu poder político aumentaria, visto que os poderes (político e científico), atuando conjuntamente, beneficiariam a ambos os lados. O cientista continuaria pesquisando a loucura, mas com algumas prerrogativas impostas pelo governo. Tudo estaria sob controle, na perspectiva do barbeiro.

A generosa revolução que ontem derrubou uma câmara vilipendiada e corrupta, pediu em altos brados o arrasamento da Casa Verde; mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la?

Também não; é matéria da ciência. Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer. Um dos alvitres aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles enfermos que estiverem quase curados, e bem assim os maníacos de pouca monta, etc. Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância e benignidade. (ASSIS, 2007, p. 285).

O barbeiro Porfírio sabia que o governo não conseguiria abarcar os assuntos científicos do tratamento da loucura, mas não desprezava o fato de que a Casa Verde constituía-se em importante instrumento de poder na sociedade. Diante disso, propôs aliança ao alienista para que pudesse controlar a loucura, indiretamente, pela figura do médico, já que não possuía requisitos (por ser leigo) para controlar a matéria científica em si.

Simão Bacamarte julgou a questão pelo viés científico, e não pelo político, comportamento já esperado pelo leitor. Sendo assim, o narrador pontua: “os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são *positivos*. Quanto à toleima dos que o aclamaram não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. – Dois lindos casos!” (p. 286, grifo nosso), em referência à falta de coerência comportamental do barbeiro e à conduta impensada da população em apoiar o golpe. Diante dessas constatações, o alienista dedicou-se a deslindar a nova questão científica que se mostrava, sem ceder à conveniência do governo, por julgar que a ciência estava acima de qualquer interesse humano particular:

Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente, nas ruas, que o Porfírio estava “vendido ao ouro de Simão Bacamarte”, frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. Porfírio, vendo o antigo rival da navalha à testa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes frases, que o ato de Porfírio era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois caía Porfírio ignominiosamente, e João Pina assumia a difícil tarefa do governo. (ASSIS, 2007, p. 286).

No excerto transcrito, fica evidente a falta de estabilidade de um governo ditatorial que, por não ter sido instituído de fato e de direito, estaria sujeito a outro golpe. Porfírio desagrada parte da população quando tenta se aliar a Bacamarte. Ciente de que precisa de sólido apoio popular para se manter no governo local, ainda que a tomada deste tenha sido por força de golpe, o barbeiro Porfírio tenta reverter a situação, sem êxito. Nesse governo local fragilizado, surge a nova liderança, o colega de profissão de Porfírio, João Pina. Tentando uma aproximação com o que já foi relatado acerca da profissão do antigo líder da revolta, analisamos a possível referência à semelhança do sobrenome do barbeiro João Pina à figura do médico francês Philippe Pinel, considerado o “pai da Psiquiatria”, por ter sido o primeiro médico a se ocupar em descrever e em classificar algumas perturbações mentais, segundo Isaiás Pessotti (2001). Novamente, temos um barbeiro, um “médico dos pobres”, com alguma referência nobre no nome, tentando dominar aquela sociedade por meio do controle dos loucos.

Era preciso que o poder real interviesse na questão e garantisse a ordem e a unidade em Itaguaí. Nessa intervenção, o poder real não somente estava aliado ao alienista (ciência), mas também endossava as ações do médico:

Nisto entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem. O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio, e bem assim a de uns cinquenta e tantos indivíduos, que declarou mentecaptos; e não só lhe deram esses, como afiançaram entregar-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro, que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião. Este ponto de crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe. (ASSIS, 2007, p. 287).

Nesse panorama, já não havia limites para o cientista, o qual, agora, estava “chancelado” pelo poder real. A captura de internos tornou-se ainda mais vigorosa: “Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia [...] ninguém escapava aos emissários do alienista” (p. 288). A falta de critérios para o estabelecimento da insanidade parece ser alvo de crítica na

novela de Machado, pois, segundo o narrador, “não havia regra para a completa sanidade mental” (p. 288).

Nem mesmo a esposa do alienista foi poupada da internação. Por ficar indecisa entre o uso de um colar de granada e um de safira durante evento oficial, o caso da esposa pareceu ao alienista como: “mania sumptuária, não incurável, e em todo caso digno de estudo” (p. 289). Padre Lopes tentou interceder junto ao médico por D. Evarista, sem êxito. Isso sugere a elevação da ciência sobre o poder espiritual, o qual não necessitava prestar contas, por já estar “ungido” pelo poder Real. Para Luzia de Maria, “fica evidente a dimensão do poder médico, suplantando todos os outros poderes da comunidade” (MARIA, 2005, p. 156).

Guiado por princípios científicos, estatísticos e experimentais, Bacamarte decide rever a sua teoria. Tendo o pressuposto de que a loucura é o desvio da normalidade e que, portanto, deveria afetar a menor parte da população, ou seja, a exceção, o médico, constatando que a maioria da sociedade de Itaguaí estava enclausurada e que, de acordo com os princípios matemáticos, essa maioria de “insanos” estabeleceria a regra, a normalidade, ficando a exceção composta pelas pessoas “sãs”, estas é que deveriam ser recolhidas ao hospício, em contrapartida à liberação dos “doidos”. Simão Bacamarte tratou de oficialiar à Câmara o seu “decreto” que, entre outros achados “científicos”, versava sobre a descoberta de uma nova “doutrina”.

A partir do que fora publicado em documento da Câmara, e consonante à nova doutrina, apenas as pessoas que se encontrassem em perfeito juízo seriam recolhidas à Casa Verde, pois faziam parte da exceção, e não da regra da população de Itaguaí, na perspectiva do alienista. Sendo assim, desde o padre Lopes, que sempre demonstrou bom senso em criticar, ainda que sutilmente, a classificação e o internamento dos “insanos”, até o vereador Galvão, que, ao votar pela não concessão de “imunidade da vereança”, sujeitando os vereadores às pesquisas do alienista – por entender se tratar de matéria científica, diversa da política –, demonstrando admirável bom senso, foram recolhidos ao manicômio. Acerca do internamento dos virtuosos, temos: “Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de

tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc.” (p. 294).

Findado o prazo de um ano de concessão à experiência do alienista, estipulado pela Câmara de vereadores, o narrador informa que irá tratar, no capítulo final do conto, de “um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana” (p. 295), ao se referir ao desfecho do próprio Bacamarte.

Tendo se dedicado a corromper todas as qualidades morais dos internos, para que pudesse reintegrá-los à sociedade em estado de “normalidade”, ou seja, vis e moralmente depauperados, o que, a nosso ver, demonstra o ceticismo de Machado frente à sociedade do século XIX, Bacamarte colhe os frutos de sua “proveitosa experiência”. Com o objetivo de ressocialização, “cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida” (p. 296). Esta era a “terapêutica” do alienista.

Com o alcance da “cura” do último interno da Casa Verde, um novo dilema se impôs ao alienista: “não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria” (p. 297). Com o objetivo de estabelecer, enfim, a “última verdade” (p. 297), o alienista aventou: “eu não posso ter a pretensão de haver-lhes inculcado um sentimento ou uma faculdade nova; uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam” (p. 298), ao relativizar a “cura” alcançada nos pacientes recém-libertados, por acreditar que ele não poderia inculcar uma faculdade a alguém que já não a possuísse em estado de latência.

Demonstrando a postura presunçosa do cientista positivista de “olhar metálico”, expressão cunhada por Bosi, Simão Bacamarte conclui que ele próprio era o único ser em Itaguaí que gozava de perfeitas condições psíquicas e que reunia, em si, as qualidades humanas desejáveis, constituindo-se, portanto, na exceção, ou seja, no desvio da norma, no louco. “Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto” (p. 298).

Diante de tal descoberta, não havia outro meio: Bacamarte deveria se autointernar para pesquisar sua mazela e para alcançar a desejada “cura”. “Recolheu-se à Casa Verde [...] – A questão é científica, dizia ele, trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e prática [...] entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo (p. 299).

A postura do médico, “cego” pela iluminação excessiva da ciência, parece mimetizar a percepção crítica de Machado de Assis frente à ciência positivista irascível e extremada do século XIX. Segundo o psicanalista Antônio Quinet, que analisou a personagem Bacamarte em seu livro *Psicose e laço social*, “a proximidade entre conhecimento paranóico e conhecimento científico é assim exemplificada por Machado de Assis de maneira irônica e inteligente” (QUINET, 2009, p. 113).

A inutilidade desse tipo de ciência pode ser inferida na fala final do narrador: “dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada” (p. 299). E, para sintetizar o prestígio que essa mesma ciência gozava no século XIX, tem-se: “seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade” (p. 300), pois, ainda que o “trabalho” perpetrado pelo cientista não tenha alcançado resultados “positivos” naquela sociedade, nenhum progresso almejado, nada além de perturbação, terror e revolta, a cidade se pôs a reverenciar a morte do “ilustre” detentor do saber científico.

2.2 “O sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”

Durante levantamento realizado para esta pesquisa, acerca da fortuna crítica do conto de Poe “O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, percebemos se tratar de *corpus* pouco explorado pela crítica literária brasileira. Sabidamente, esse conto é um dos poucos de humor escritos por Poe, mestre insuperável dos contos de horror e de mistério.

No conto “O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, temos um ingênuo visitante, curioso estudante de psiquiatria, em visita a um manicômio isolado no Sul da França. Sobre a ambientação europeia do conto do autor norte-americano, Carolina Nabuco pontua: “Poe quase não se caracteriza como americano. Seus

contos em geral não trazem indicação sobre o local da ação, mas os que trazem alguma parecem de ambiente europeu” (NABUCO, 2000, p. 51). Ao ambientar seu conto na França do século XIX, Poe demonstra a pertinência desse recurso, já que problematiza a psiquiatria em seu “berço”. “Na França, onde nasce a psiquiatria, bem como em toda a Europa, havia asilos para alienados, já muito antes da Revolução de 1789” (PESSOTTI, 2001, p. 17).

O motivo da curiosidade do visitante dava-se pela adoção do método de brandura (*the soothing system*) vigente naquele estabelecimento, que consistia em satisfazer as fantasias (delírios) dos internos, os quais gozavam de certa liberdade e de convívio social. Sr. Maillard, diretor do manicômio, é tido como louco e passa da condição de assistente para a de assistido. Aproveitando-se da liberdade característica desse sistema de brandura, o novo interno lidera uma revolta. Juntamente com os outros maníacos, assume o controle do estabelecimento e enclausura os funcionários responsáveis por aquele local. O método tradicional de confinamento passa a vigorar tendo como “inovação” o método de tortura conhecido como *tar and feather*. Segundo Ivan Teixeira, esse método “consistia em besuntar o corpo da vítima com alcatrão e depois revesti-lo com penas. Em seguida, era aplicado jato de água para liberar as penas coladas” (TEIXEIRA, 2010, p. 320).

Buscando embasar cientificamente a prática adotada pelo Sr. Maillard, expoentes fictícios da ciência médica psiquiátrica são invocados, *Dr. Tarr* e *Prof. Fether*, dando credibilidade ao método. Do nome desses inventores, com a pequena modificação de *feather* (pena) para Fether (sobrenome), da mesma forma que ocorre a modificação de *tar* (alcatrão) para Tarr (sobrenome), temos menção ao título “O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, em clara referência ao método punitivo adotado no tratamento dos insanos. Segundo Ivan Teixeira, “para legitimar semelhante prática, o diretor do hospício filiou-se à doutrina do Dr. Tarr e do Prof. Fether, sábios imaginados por sua mente alucinada” (TEIXEIRA, 2010, p. 320).

Esse método brando, do qual os insanos tiraram proveito da relativa liberdade que possuíam para a realização do motim, remete à postura do médico parisiense Phillippe Pinel (1745-1826), ícone da medicina psiquiátrica que previa o tratamento terapêutico dos insanos, a classificação e a distinção dos diversos “tipos” de loucos, como se consistindo num tratamento direcionado e específico denominado como

práxis humanizante, em contraponto à simples reclusão e ao encarceramento dos doentes mentais. Isaias Pessotti, em *O Século dos Manicômios*, explica a reforma psiquiátrica proposta por Pinel:

Foi justamente a reforma de Pinel que introduziu alguma racionalidade na acomodação dos pacientes em locais diversos, segundo as peculiaridades da patologia. A nova situação física do paciente tem, portanto, algumas características fundamentais para o trabalho terapêutico: o paciente, agora, está limpo, alimentado adequadamente, diagnosticado e tratado em seus distúrbios de saúde física. Está em ambientes amplos, sem aspectos téticos, e se locomove no interior da instituição. Encontra a cada momento pessoas diversas, com as quais desenvolve relacionamentos afetivos, ou sociais. Mais duas condições fundamentais: a equipe médica, agora, tem por norma tratar os pacientes com cortesia e bondade, ou com autoridade sempre que necessário; e, ademais, o médico passa a viver boa parte de seu dia entre os pacientes. Com isso, se institui (*sic*) a relação terapêutica médico-paciente, o cerne da psiquiatria nascente. (PESSOTTI, 2001, p. 165).

A narrativa construída pela perspectiva do visitante ao asilo, que testemunha os acontecimentos com espanto e curiosidade, demonstra a ingenuidade de quem não entende o que ocorre naquele local, o que é um forte dispositivo técnico do conto. O leitor é levado a concluir exatamente o contrário do que é narrado pelo visitante. Enquanto este permanece obliterado da dinâmica irônica dos fatos até o desfecho narrativo, o leitor, já no início do conto, percebe se tratar de um relato duplo, o qual se alterna entre o delírio e a razão. Ivan Teixeira orienta-nos nesse sentido:

O interesse do conto, tomado como objeto multifacetado, funda-se na duplicidade do modo narrativo, rigorosamente irônico, tomado o termo no sentido tradicional de dizer uma coisa e insinuar o seu contrário. O fermento da mudança ou da catástrofe, que converte o drama em comédia, estando em plena maturação e já em ponto de explodir desde o início do texto, é ignorado pelo narrador, que não o percebe por falta de domínio sobre o cenário e as pessoas que o compõem. Assim, a evidência da loucura sendo apreendida muito cedo pelo leitor será plenamente notada pelo narrador no momento crucial do óbvio, quando se estabelece o princípio de leitura segundo o qual o humor do conto emana de dois pontos diferentes: primeiro, da excentricidade dos loucos; depois, da patetice do narrador, que os percebe como se fossem pessoas aceitáveis pelo código de juízo. (TEIXEIRA, 2010, p. 321).

Mesmo sendo narrado em primeira pessoa, é possível distinguir, no conto de Poe, “três espécies de voz: a do narrador, a das personagens e a do leitor” (TEIXEIRA, 2010, p. 321). A voz das personagens está presente nos numerosos diálogos do texto, nos quais cada demente explicará o seu próprio delírio, atribuindo o feito à outra pessoa. Teixeira pontua que “esses eventos assumem relativa autonomia com relação à voz do narrador” (TEIXEIRA, 2010, p. 322), já que aquilo que está sendo narrado por ele não condiz com o que está sendo percebido pelo leitor por meio da significação da fala das personagens. Acerca dessa diversidade e autonomia de sentidos, Ivan Teixeira afirma:

Além de reproduzir as múltiplas vozes das personagens, que funcionam como casos intercalados na estória central, a voz do narrador dialoga com a voz hipotética do leitor, produzindo não só a impressionante variedade rítmica da narrativa, mas também a diversidade da estrutura e a polivalência do sentido. Assim, o núcleo da significação irônica do texto decorre da disparidade entre o que o narrador observa e aquilo que o leitor entende a partir da interpretação das observações dele. (TEIXEIRA, 2010, p. 322).

Ainda de acordo com o estudo crítico de Ivan Teixeira, infere-se que o foco narrativo concentrado num hospício isolado do Sul da França, no meio de uma densa floresta e, portanto, isolado do contexto social, possui a função de “problematizar o conceito de sanatório e ridicularizar, por meio do ambiente fechado do asilo, os métodos abertos de punição física do século XVIII, conhecidos como *tarring and feathering*” (TEIXEIRA, 2010, p. 324).

Com relação à crítica de Poe aos métodos de cura ficcionalizados no conto, Odair José da Silva Lima orienta-nos que, devido à falha no método de cura adotado no manicômio, se encadeou a rebelião, demonstrando, assim, a falibilidade da ciência frente ao tratamento da loucura naquela época. Buscando manter a ordem no manicômio, por meio do método, ocorre o caos, a desordem. De acordo com Odair,

[...] o personagem se sente instigado a conhecer os detalhes do *system of soofthin*, ou “sistema de apaziguamento”, um método liberal onde (*sic*) os loucos são livres e perambulam por onde querem. Esse método resulta, por fim, em uma desordem, pois os loucos se revoltam e prendem os funcionários utilizando nessas pessoas o método do Doutor Alcatrão e do

Professor Pena. No conto, o personagem Maillard apresenta ao narrador-personagem o Doutor Alcatrão e o Professor Pena como pessoas que idealizaram esse novo método. (LIMA, 2011, p. 17).

Corroborando a perspectiva de Ivan Teixeira, Odair José da Silva Lima (2011) vincula a crítica explícita no conto de Poe aos métodos “terapêuticos” punitivos adotados no recinto fechado do manicômio, ensejando mais em prática segregante dos indivíduos do que em tratamento medicinal.

No conto de Poe, ambientado no Sul da França, “durante o outono de 18...” (POE, 2007, p. 201)²⁴, narrado em 1ª pessoa, a *Maison de Santé*, sanatório particular, é descrita pelo narrador visitante como um local de grande prestígio, do qual havia tido excelentes referências em Paris, no meio médico.

No decorrer de certa viagem, juntamente com um amigo, o narrador, que se encontrava próximo da instituição, decidiu que seria uma boa oportunidade de conhecer o renomado sanatório. Ao propor o empreendimento ao amigo e companheiro de viagem, este prontamente declinou da proposta dizendo que “tinha horror verdadeiro e muito comum na presença de um lunático” (p. 201). O narrador, obstinado, não consegue se livrar de sua curiosidade e decide levar adiante o seu plano, ainda que fosse ao asilo sozinho.

Acerca da dificuldade de acesso ao local narrada no conto, infere-se a bem delimitada separação entre o sítio dos insanos e o resto da sociedade, já que, para se aproximar do manicômio, o narrador deve sair da estrada principal e se aventurar na mata densa, que, a nosso ver, se constitui em efetiva forma de isolamento do local, como podemos comprovar no excerto: “saindo da estrada principal, entramos por um atalho que, em cerca de meia hora, nos levou para dentro de uma floresta espessa aos pés de uma montanha. E através daquela mata densa e sombria andamos cerca de duas milhas, até avistarmos a *Maison de Santé*” (p. 202). Michel Foucault afirma que o isolamento dos asilos era prática comum na França do século XVIII para evitar que o “mal” se propagasse e contaminasse os “homens de bem”:

²⁴ Doravante, utilizaremos apenas a página para referenciar as citações, devido ao fato de que o mesmo texto aparecerá muitas vezes ao longo deste trabalho.

Em 1776, um decreto do conselho de Estado nomeia uma comissão que deve ocupar-se “do grau de melhoramento de que são suscetíveis os diversos hospitais franceses”. Logo Viel será encarregado de reconstruir as acomodações de Salpêtrière. Começa-se a sonhar com um asilo que, conservando suas funções essenciais, será organizado de tal maneira que nele o mal poderá vegetar sem nunca se difundir. Asilo onde o desatino seria inteiramente contido e oferecido em espetáculo, sem perigo para os espectadores, onde o desatino teria todos os poderes do exemplo e nenhum dos riscos do contágio. Em suma, asilo restituído à sua verdade de jaula. (FOUCAULT, 2012, p. 357).

Ao se aproximar da instituição, o narrador nos descreve sua impressão do local: “era um castelo fantástico e meio decadente e, a se julgar pela deterioração externa, devia ser quase inabitável” (p. 202). A partir da descrição física do local, o leitor já é inserido no clima de mistério da obra. O próprio visitante, diante do sentimento que lhe foi causado pelo aspecto decadente do local, hesita em prosseguir com o plano de sua visita e se envergonha disso, haja vista que um homem da ciência não deve temer a exploração do desconhecido, como percebemos em: “o seu aspecto me inspirou tal sentimento de pavor que estive a ponto de não seguir em frente, e retornar. Mas envergonhei-me da minha própria fraqueza, e segui” (p. 202).

Ao ser recepcionado no asilo pelo diretor do local, Sr. Maillard, o narrador externa a sua impressão preliminar: “Era o próprio Sr. Maillard, um verdadeiro cavalheiro de outros tempos: bela presença, de aspecto nobre, maneiras polidas e certo ar de seriedade, dignidade e autoridade que cativava simpatia e impunha respeito” (p. 202). Nesse momento, o homem da ciência, o importante médico alienista é descrito de forma compatível com o que o leitor espera de uma autoridade científica. Poe conduz ambos, leitor e narrador, a depositarem credibilidade na figura do doutor. Credibilidade que será logo refutada, ao menos no entendimento do leitor, no decorrer da narrativa.

Já no interior da instituição, na presença de Dr. Maillard, o narrador descreve um cenário com elementos indicadores de vasta cultura, condizente à figura respeitável do diretor, impressão oposta àquela de decadência, quando do primeiro contato do narrador com o aspecto externo da construção: “Logo o diretor me fez entrar numa pequena sala elegantemente mobiliada, onde se viam, entre outros indícios de um gosto refinado, grande quantidade de livros, desenhos, vasos de flores e instrumentos musicais” (p. 202). Percebemos, nesse trecho, a investida narrativa de

Poe, na voz do narrador, para “neutralizar” a primeira impressão que o leitor teve do local, ao passo que contribui para a concepção valorosa do leitor sobre a personagem do médico.

Nessa sala, ao fundo, estava “uma moça bonita, vestida de luto fechado e sentada ao piano”, e que “cantava uma ária de Bellini. Levantou-se quando entramos e veio me receber com uma cortesia cheia de graça” (p. 202). A descrição dessa moça, que denota uma postura respeitável e o comportamento esperado para uma moça “normal”, com gosto apurado, reforça o recurso narrativo de Poe em conduzir narrador e leitor à crença nas aparências que, até então, estão acima de qualquer suspeita.

Ao se lembrar dos comentários ouvidos em Paris, de que naquela instituição adotava-se o “sistema suave”, ou seja, o sistema de tratamento no qual se evitava “o sistema de castigos, a reclusão era pouco empregada e os doentes, vigiados secretamente, gozavam aparentemente de perfeita liberdade, podendo até mesmo, a maior parte deles, circular por todo o prédio e pelo jardim, como se fossem pessoas de pleno juízo” (p. 203), o narrador trata de se manter precavido, de não externar sua dúvida em relação à sanidade daquela moça, até que a desconhecida fosse abalizada pelo doutor como pessoa “normal”. Essa precaução do narrador é inferida no trecho “cuidei das minhas palavras na presença da moça de luto porque nada me garantia que ela tivesse o juízo perfeito” (p. 203). Embora a impressão do narrador sobre a moça tenha sido narrada de forma impressionante e aparentemente “normal”, a desconfiança desse visitante em acreditar piamente no que estava vendo é percebida pela primeira vez no conto.

Durante a conversa com a moça, em tom analítico, o narrador reconhece que, embora ela tenha dado respostas coerentes e sensatas, que denotassem um bom nível de organização mental, ainda não seria possível firmar um “diagnóstico” sobre a condição da moça de luto, visto que “um longo estudo sobre a metafísica da mania havia-me ensinado a desconfiar de semelhantes evidências de saúde mental, e continuei a usar a prudência durante toda nossa conversação” (p. 203). A partir desse trecho, é possível perceber a crítica de Poe à relatividade dos critérios para a caracterização da insanidade, haja vista que se trata da mera impressão de quem julga, baseada em estudos de uma área ainda em consolidação na época.

Logo que possível, o visitante curioso lança um olhar de interrogação ao Sr. Maillard que, percebendo a dúvida do narrador sobre a condição psíquica da moça, responde: “Ah, não!... Ela é da minha família... minha sobrinha, uma senhora perfeita” (p. 203), deixando o narrador constrangido por ter desconfiado da sanidade de um parente do ilustre médico, até então, pessoa de conduta ilibada e portador do mais alto grau de sanidade, dado o seu importante título científico.

O narrador se desculpa pelo equívoco com o diretor sem, em nenhum momento, desconfiar dele, o que, a nosso ver, mimetiza o poder do discurso médico. Sr. Maillard agradece a descrição do visitante, que não deixou transparecer sua desconfiança à moça, referindo-se a diversos episódios supostamente já ocorridos naquele local, causados pela “irreflexão dos visitantes” (p. 203) que, não tendo a mesma descrição do narrador, confrontaram a condição mental dos doentes. Por causa desses supostos episódios, o Sr. Maillard justifica a mudança do método de tratamento adotado naquela clínica:

Na época em que aplicávamos meu primeiro sistema, e quando os doentes tinham o privilégio de andar por toda parte, bem à vontade, acontecia algumas vezes de caírem em crises perigosas, devido à irreflexão de alguns visitantes. Foi por isso que acabei adotando um sistema mais rigoroso de exclusão, em consequência do qual as pessoas que sabemos discretas são admitidas a nos visitarem. (POE, 2007, p. 203).

Ao tomar ciência de que o “sistema suave” não era mais adotado naquela instituição, o narrador demonstra certa decepção, já que o motivo da visita se deu pela curiosidade em relação ao método desconhecido por ele. Para justificar a mudança da terapêutica, Sr. Maillard, com o irrepreensível discurso médico de autoridade, pormenoriza:

O “sistema suave” era um perigo constante, e as suas vantagens não eram tantas quanto pareciam. Não pode haver uma experiência mais honesta do que a que se fez nesta casa, onde se praticou tudo o que a humanidade pode racionalmente sugerir. Lamento que não nos tenha visitado antes, para poder julgar pessoalmente [...] Vou contar em poucas palavras como era o sistema. A base principal era não contrariar o doente, deixá-lo fazer

a sua vontade. Não contradizíamos nenhuma fantasia que entrasse no cérebro do louco. Ao contrário, não só éramos indulgentes a esse respeito como os encorajávamos; e muitas de nossas curas permanentes foram efetivas. Não existe argumento que toque mais a frágil razão dos alienistas do que o *reductio ad absurdum* [redução ao absurdo]. (POE, 2007, p. 204).

No excerto transcrito, podemos observar a crítica de Poe à eficácia dos tratamentos de insanidade naquela época, já que até o método considerado mais eficaz, o “sistema suave”, foi considerado perigoso e teve resultado insatisfatório. Ademais, foi graças à aplicação deste “sistema suave” que fora possível a revolta dos loucos e a consequente tomada do poder pelos insanos, com a clausura dos funcionários. Nessa medida, inferimos que o autor ridiculariza a postura intransigente da ciência médica da época, bem como torna risível a percepção dos métodos de cura empregados.

Essa aquiescência da loucura é mencionada por Foucault como terapêutica empregada por alguns psiquiatras, que consistia em:

faz-se a realidade delirar de maneira que o delírio não seja mais delírio; desengana-se o delírio de maneira que ele não se engane mais. Em suma, trata-se de fazer a realidade entrar no delírio sob a máscara de figuras delirantes, de tal modo que o delírio fique repleto de realidade. Sob todas as proposições falsas do delírio, insinua-se sub-repticiamente, por um jogo de transformações, de máscaras, algo que é uma realidade; e se terá verificado assim o delírio. (FOUCAULT, 2012, p. 162).

Nesse sentido, Poe parece ter conhecimento sobre as “terapias” para o tratamento da loucura, visto que ficcionalizou em sua narrativa um exemplo do tratamento descrito por Foucault – satisfação dos delírios do paciente manicomial.

Tivemos alguns homens, por exemplo, que fantasiavam serem galinhas. A cura consistia em insistir nisso como se um fato fosse – acusar o paciente de estupidez caso não percebesse o tempo todo isso como uma realidade –, e daí recusar-lhe qualquer dieta semanal que não constasse da dieta das galinhas. Nesses casos, um pouco de milho podia operar milagres. (POE, 2007, p. 204).

Depois de longas horas de conversa entre o visitante e o diretor do hospício acerca da terapêutica empregada no tratamento da insanidade, é chegada a hora do jantar. Neste momento, o visitante tem contato com as outras personagens do conto, os supostos funcionários. A impressão do narrador foi de estranhamento pelos modos das personagens, dos quais dois terços eram de mulheres, a maioria delas com idade próxima aos setenta anos.

As vestes exageradas das personagens, o abuso no uso de joias e de acessórios foi descrito pelo narrador como avesso daquilo que o parisiense considerava de bom gosto; no entanto, o narrador relativiza a excentricidade daquelas pessoas ao se lembrar de que os habitantes do Sul da França possuíam maneiras diferentes de se comportar. Novamente, percebemos a fragilidade da afirmação de juízo a respeito da caracterização da insanidade, que levava em conta a aparência e os costumes, traduzindo-se numa abordagem para além da patologia e próxima à noção normatizante da medicina social. Acerca da impressão do narrador, temos:

Havia, em suma, no toalete daquelas senhoras todas, um ar de esquisitice que me remeteu à minha idéia original do “sistema suave”, a qual o Sr. Maillard tentava me fazer ver, pouco antes do jantar, que não era como eu pensava ser, e me vi jantando justamente com aqueles lunáticos todos; mas me lembrei que em Paris me informaram de que os sulistas da Provence eram particularmente excêntricos, com vastas noções antiquadas de tudo; e então, ao conversar com vários dos convivas, minhas apreensões foram-se desvanecendo por completo. (POE, 2007, p. 204).

A relatividade de critérios para a caracterização da insanidade, o que denota a labilidade da ciência psiquiátrica da época, pode ser notada na fala do narrador que, mesmo considerando excêntrico o comportamento e as vestimentas das personagens, não duvidou de estar entre pessoas lúcidas e abalizadas pela “notória autoridade” médica: “tudo o que eu estava vendo era notoriamente bizarro; mas afinal o mundo é composto de todo tipo de pessoas, com maneiras e modos de pensar os mais diversos, e cujos costumes são perfeitamente convencionais” (p. 207). Nesse excerto,

o narrador busca justificar a excentricidade daquelas pessoas pela diversidade de comportamentos existentes, convencionalizados pela sociedade e, portanto, relativos.

Durante a conversa que sucedeu ao jantar, as personagens relatavam ao convidado as “manias” dos lunáticos que, supostamente, presenciaram naquele manicômio. Cada um contava de forma minuciosa a sua própria “mania”, como se tivesse ocorrido com terceiros. O narrador não percebe, ainda assim, que estava entre os lunáticos. As manias eram diversas, desde a imitação de um bule humano até a de um queijo de Córdova. Os relatores gesticulavam e encenavam a forma como os “pacientes” se portavam. O cenário era grotesco: regado a muita bebida, música alta e desarmoniosa. Os loucos falavam alto e simultaneamente. Nesse ponto da narrativa, o leitor já está convencido de que se tratavam de insanos passando-se por pessoas “normais”, mas o narrador, com sua “cega” fé na figura da autoridade do Sr. Maillard, não percebe absolutamente nada. Nem mesmo quando observa que o nome do doente que relatava a sua mania era o mesmo do relator. O ingênuo narrador, curioso homem da ciência, é ridicularizado no conto de Poe, já que esse cientista não conseguia enxergar o que já estava óbvio para o leitor: tratava-se de pessoas insanas relatando a sua própria mania.

Madame Joyeuse, todos nós sabemos, era uma pessoa mais sensata. É verdade que tinha também lá a sua mania: era uma mania inspirada pelo senso comum e que divertia quem tivesse a honra de conhecê-la. Pois aquela senhora descobrira, depois de amadurecidas reflexões, que havia sido por acidente transformada em galo; mas na qualidade de galo, ela se comportava normalmente. Batia as asas, assim, assim, com um grande esforço, e seu canto era divino: cocorocó... cocoricó... cocococóricó, có...có... – Madame Joyeuse, peço-lhe que se acalme – interrompeu o dono da casa com certa rispidez. – Se não pode se portar decentemente como convém a uma senhora, saia da sala imediatamente. A escolha é sua! A senhora (que eu fiquei espantado de ouvir ser chamada de madame Joyeuse, depois da descrição que ele mesma fizera de madame Joyeuse) corou até as orelhas, bastante humilhada com a repreensão. Abaixou a cabeça e não emitiu uma sílaba sequer. (POE, 2007, p. 210).

Segundo Foucault (2012), esses relatos importam na medida em que conseguem materializar a doença do paciente. No excerto acima, o Sr. Maillard interrompe o relato da “mania” de Joyeuse ao estudante de psiquiatria, por não querer ser desmascarado perante o visitante que, familiarizado com essa prática

clínica, seguramente certificaria aquela mulher como louca, salvo se fosse estúpido, como demonstrou ser. A importância da anamnese clínica, detalhadamente explorada por Poe em seu conto, é assim discutida por Foucault:

A clínica é importante porque consiste não apenas em interrogar de certo modo pontualmente o doente, mas em fazer diante dos estudantes a anamnese geral do caso. Portanto vai se retomar diante deles [dos estudantes] todo o conjunto da vida do doente, vai-se fazer com que ele a conte, ou se ele não quiser contá-la, vai-se conta-la em seu lugar; vai-se proceder aos interrogatórios e, finalmente, o doente verá se desenrolar diante dele – seja com sua ajuda, se ele quiser falar, seja sem ela, se ele se encerrar no mutismo –, de todo modo, ele verá se desenrolar diante dele sua própria vida, que vai ter realidade de doença, pois é efetivamente apresentada como doença diante dos estudantes, que são estudantes de medicina. (FOUCAULT, 2012, p. 233).

Em dado momento, ouvem-se gritos que vinham da área externa à sala de jantar. O narrador fica muito apreensivo e percebe que os presentes ficaram ainda mais. Perguntando ao Sr. Maillard o motivo de tanta gritaria, este respondeu que se tratava de loucos agitados, e que o visitante não deveria dar importância a isso. Como o narrador ainda não havia tido contato com os “doentes”, não desconfiou que pudesse se tratar dos funcionários do manicômio que haviam sido encarcerados, mesmo após o Sr. Maillard detalhar que os internos eram do sexo masculino e muito vigorosos, perfil incompatível com o que o narrador concebia cientificamente como norma, já que ele acreditava que a maioria dos loucos era composta pelo sexo feminino. A confiabilidade da noção cartesiana do método é confrontada no conto de Poe, já que a “prática” não corresponde à “teoria”, pois refuta os dados estatísticos do cientista:

Os loucos, de vez em quando, começam a gritar em coro, excitando-se mutuamente, como acontece com frequência com um grupo de cães durante a noite. Às vezes este concerto de urros é seguido de um esforço simultâneo de todos para fugir. Neste caso, é sempre preciso a nossa interferência. – Quantas pessoas presas tem agora? – Não mais de dez, no momento. – Mulheres em geral? – Não. São todos homens muito vigorosos. – É mesmo? Pois eu sempre ouvi dizer que a maioria dos loucos pertencia ao belo sexo. (POE, 2007, p. 211).

Devido à exaltação dos ânimos dos presentes, com a gritaria vinda da área externa, o comportamento inadequado tornou-se ainda mais evidente. Embora tenha ficado extremamente incomodado com o que estava presenciando, o narrador foi convencido pelo Sr. Maillard de que tudo estava dentro da normalidade. O poder de convencimento do médico parece representar a crença extremada na ciência (mimetizada na figura do diretor), pois, ainda que as evidências apontassem o quadro de desvario coletivo, o narrador era levado a acreditar, por meio do discurso médico de autoridade, que estava entre pessoas que gozavam de pleno juízo, embora com alguma excentricidade, mas dentro do que o conhecimento “científico” do diretor julgava ser “aceitável” para o comportamento de pessoas sãs.

Aquela excelente senhora que falava ainda agora, com seus cocoricós, é inofensiva, não é, perfeitamente inofensiva? Quer dizer, ela só está ligeiramente atacada – disse eu, apontando para a testa – e não perigosamente afetada. – *Mondieu!* O que imagina o senhor? Esta senhora, minha velha e particular amiga, madame Joyeuse, é tão normal quanto eu. Ela tem lá suas excentricidades, claro, como, você sabe, todas as mulheres de idade são mais ou menos excêntricas! – Certamente... Certamente. Mas as demais senhoras e cavalheiros... – São todos meus amigos e meus guardiões – Interrompeu o Sr. Maillard, perfilando-se com altivez –, meus ótimos amigos e assistentes. – Como? Todos? – Perguntei. – As mulheres e os demais? – Sem dúvida – disse ele. (POE, 2007, p. 212).

Contornada a desconfiança do narrador, o diretor explicou o sistema terapêutico que havia adotado, há alguns dias, em substituição ao “sistema suave”. Sr. Maillard afirma que, embora a reclusão fosse rigorosa, o tratamento era considerado agradável para os doentes. O narrador quis saber se o tratamento fora inventado pelo Sr. Maillard. Ao que o diretor esclarece: “algumas partes do sistema devem ser atribuídas ao Dr. Alcatrão, sobre quem o senhor necessariamente já ouviu falar; e houve modificações no meu plano que fico feliz em atribuir ao célebre Sr. Pena, com quem, se não me engano, o senhor tem a honra de se relacionar” (p. 213). Ao embasar seu sistema em fictícios cientistas, o discurso médico do diretor parece alcançar ainda mais prestígio no entendimento do narrador que, inclusive, se envergonha de não ter ciência de tão ilustres pesquisadores: “sinto-me constrangido

de confessar que eu nem sequer ouvi falar antes de nenhum desses cavalheiros” (p. 213). Nesse ponto, já não há como o leitor conter o riso diante de tamanho despautério. Um homem da ciência, tido como lúcido e sagaz, sendo enganado “puerilmente” pelo diretor, supostamente, lunático. A perspectiva cética de Edgar Allan Poe frente à ciência médica parece atingir o seu ápice, no conto, nesse momento do relato.

Com a situação totalmente sob controle e diante das plenas conformidade e ingenuidade do visitante, o Sr. Maillard expõe o motivo de ter abandonado o uso do sistema terapêutico anterior. O diretor relata o episódio em que os loucos assumiram o lugar dos funcionários, encarcerando-os. O episódio foi ouvido com perplexidade pelo narrador ingênuo:

[...] numa bela manhã, os guardiões foram encontrados nas celas, de pés e mãos atados, vigiados pelos próprios loucos que haviam usurpado a função dos guardas. – Não diga? Nunca ouvi nada de mais absurdo na vida! – De fato. E tudo isso foi obra de um estúpido, um doido que tinha a mania de ter inventado o melhor sistema de governo que se podia imaginar (o governo dos doidos, bem entendido). E, propondo-se a fazer a experiência de sua invenção, persuadiu os demais doentes a juntarem-se a ele numa conspiração a fim de derrubar o poder reinante. – E conseguiu? – Sem dúvida. Os guardiões e os guardados tiveram respectivamente de trocar de posição. (POE, 2007 p. 215).

Espantado com o relato do diretor, o narrador questiona a duração dessa revolta, já que algo tão improvável assim, na concepção do narrador, não poderia durar muito tempo: “Mas deduzo que uma contra-revolução logo se formou. Uma coisa destas não pode durar muito. Os camponeses da vizinhança, visitantes do hospício, teriam dado o alarme” (p. 215). Ao continuar o relato sobre a revolução dos insanos, o Sr. Maillard descreve o líder da rebelião e justifica a eficácia do motim que, devido a algumas medidas adotadas pelos amotinados, não fora prontamente descoberto. O visitante cientista é qualificado, textualmente, como pessoa estúpida e inofensiva. O personagem-narrador continua representado ridiculamente no conto, sendo incapaz de perceber a menção do diretor a ele no seguinte relato:

[...] o chefe da rebelião era esperto demais e não admitiu a presença de visitantes. Uma única exceção, num dia, foi a de um cavalheiro de *aspecto muito estúpido* a ponto deles não terem razão de temê-lo. Eles deixaram que ele visse as dependências para se divertir um pouco com ele. Mas depois de terem desfrutado da cara dele, deixaram que fosse embora. (POE, 2007, p. 215, grifo nosso).

Os gritos que vinham da área externa recomeçaram, dessa vez, mais audíveis, indicando maior proximidade. Todos, inclusive o Sr. Maillard, que até esse ponto estava tranquilo, ficaram aflitos. O narrador, como era de se esperar, dada à sua ingenuidade ou à sua estupidez, continua não entendendo o que se passava. As janelas da sala são arrombadas e o que se passa no seu interior é assim descrito: “chegou a hora do clímax – a catástrofe do drama. Jamais esquecerei minhas próprias sensações de espanto e horror ao ver saltar pela janela e jogar-se para o meio de nós outros [...] um verdadeiro exército de monstros uivantes, que à primeira vista me pareceram chimpanzés...” (p. 217).

Os guardiões, ou “exército de chimpanzés”, como o narrador os concebia, conseguiram se libertar do cativeiro, retomaram o controle do manicômio, e apresentavam aquele aspecto físico devido ao método terapêutico adotado pelo Sr. Maillard, que consistia em besuntar a vítima de alcatrão e cobri-la com penas. Segundo Fabíola Lowenthal:

A expressão *tar and feather* representa uma forma de castigo ou punição física e moral que remonta à Europa Feudal, fazendo parte também da história das colônias Inglesas. A utilização de “alcatrão e penas”, jogados sobre a pessoa humilhada, é uma imagem quase que folclórica da Cultura Inglesa / Norte-americana. (LOWENTHAL, 2013, p. 132).

Rememorando a já discutida terapia de *reductio ad absurdum* – satisfação dos delírios dos internos, é provável que o Sr. Maillard tenha aplicado nos guardiões do manicômio, agora reféns dos lunáticos amotinados, a terapia que concebia como sendo a mais adequada. Reduzir os funcionários do manicômio ao que eles, provavelmente, demonstravam ser: animais violentos de grande porte, “um verdadeiro exército de monstros uivantes, que à primeira vista me pareceram

chimpanzés, orangotangos ou enormes mandris negros do cabo da Boa Esperança.” (POE, 2007, 216-7).

Conforme Bill Bryson (2011), no livro *Em casa: uma breve história da vida*, durante a Festa do Chá de Boston²⁵, o despachante aduaneiro britânico John Malcom foi sequestrado de sua casa em Maine e torturado com o método do alcatrão e penas. Bryson relata:

Normalmente o alcatrão quente era aplicado na pele nua com escovas duras, que já era um tormento; mas há registro de pelo menos um caso em que a vítima foi simplesmente segura pelos tornozelos e mergulhada de cabeça em um barril de alcatrão. Acrescentavam-se então punhados de penas e fazia-se a vítima desfilar pelas ruas, sendo com frequência espancada ou mesmo enforcada. Assim, não havia nada de alegre e jovial nessa tortura, e só podemos imaginar o horror de Malcom quando foi arrastado à força de sua casa, pela segunda vez, para receber outra “jaqueta ianque”, como era conhecido o suplício. Uma vez seco, levava dias para se esfregar delicadamente e retirar o alcatrão e as penas. (BRYSON, 2011, p. 132).

Ademais, sabendo-se que esse método de punição do “alcatrão e penas” era utilizado pelo nativo estadunidense como forma de humilhar seu colonizador, na época da “marcha para o oeste”²⁶, é possível inferir que a narrativa de Poe remeta-nos à problemática da psiquiatria como estratégia de poder/colonização de pessoas, já explorada nesse trabalho.

Acerca do momento de retomada da “ordem” e elucidação do impasse no manicômio, tem-se:

Recebi uma terrível cacetada, rolei sobre um sofá e lá fiquei estirado. Depois de uns 15 minutos, porém, durante os quais eu escutei com todos os meus ouvidos o que estava acontecendo, cheguei enfim a uma explicação satisfatória para aquela tragédia. Monsieur Maillard, ao que parece, ao me revelar a história do lunático que levava seus colegas à rebelião, estava apenas relatando suas próprias proezas. Este cavalheiro, cerca de uns três anos atrás, havia sido, sim, o diretor do asilo; mas acabou ele próprio enlouquecendo e tornara-se paciente. [...] Os guardiões, cerca de dez, tendo sido vencidos, foram untados de alcatrão e bem cobertos de penas e depois trancafiados nas celas do porão. (POE, 2007, p. 217).

²⁵ 16 de dezembro de 1773. Evento importante que antecede a Revolução Americana.

²⁶ Século XIX.

Mesmo depois de tomar conhecimento dos fatos, percebendo que aquele ao qual julgava como ilustre detentor do conhecimento científico, na verdade, era um lunático inteligente e persuasivo, que foi capaz de liderar a rebelião, subvertendo a ordem positivista, o narrador continua se referindo ao Sr. Maillard e ao método terapêutico com deferência, perceptível pela forma de tratamento utilizada pelo narrador e pela admiração externada pelo método bizarro: “O ‘sistema suave’, com importantes modificações, foi retomado no *château*; no entanto preciso concordar com monsieur Maillard que seu próprio ‘tratamento’ era o máximo. Como mui justamente ele observou, era ‘simples, limpo e delicioso: não dava trabalho’” (p. 217). No trecho transcrito, fica evidente a instabilidade do conceito de insanidade, já que o narrador era considerado portador de juízo perfeito, como se espera de um homem científico; por outro lado, contradiz-se em seu julgamento, quando avalia que o método que o diretor louco adotava suplantava em benefício o “sistema suave”, gérmen do que viria a ser o tratamento humanizado da loucura.

Como se não bastasse a completa desmoralização do narrador durante todo o conto, o trecho final da obra nos informa que o visitante buscou nas bibliotecas – sem sucesso, obviamente, a obra dos fictícios Dr. Alcatrão e Professor Pena. Esse engodo criado pelo Sr. Maillard para embasar e para tornar legítimo o seu discurso científico, ainda que, aos olhos do leitor, fosse um discurso absurdo, em nenhum momento foi contestado pelo narrador, dada a sua obsessão pela postura científica extremada e irascível que, sabidamente, vigia no século XIX: “procurei em todas as bibliotecas da Europa as obras do Dr. Alcatrão e do Professor Pena e, apesar de todos os meus esforços, não consegui, até o dia de hoje, obter um só exemplar” (p. 217).

Retomando a já exposta perspectiva de Ivan Teixeira, a de que o manicômio, no conto de Poe, possui a função de “problematizar o conceito de sanatório e ridicularizar, por meio do ambiente fechado do asilo, os métodos abertos de punição” (TEIXEIRA, 2010, p. 324), acreditamos que o propósito de Poe fora realizado com eficiência. Para além dessa problematização, temos a crítica à ciência positivista veiculada na figura do próprio cientista extremado que, nesse caso, tanto pode ser notada na personagem do narrador visitante quanto na personagem do Sr. Maillard.

Aquele, denotando a estupidez ocasionada pela crença absoluta e desmedida na ciência, e este, representando o extravasamento da tênue fronteira entre a razão e a loucura.

CAPÍTULO 3
CONSIDERAÇÕES EXTRA E
INTRA-LITERÁRIAS

3.1 A Revolução Francesa e os *corpora*

Há diversas menções na novela *O Alienista* sobre a Revolução Francesa. Cronologicamente, a novela *O Alienista* se passa em tempos coloniais. Analisando um trecho da narrativa em que D. Evarista regressa à Itaguaí, após uma temporada no Rio de Janeiro, o pesquisador André Dutra Boucinhas tece algumas considerações acerca do período no qual teriam se desenrolado os fatos narrativos. A partir de trecho d' "O Alienista":

Ele não vira o Rio de Janeiro desde o vice-reinado anterior; e D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a coisa mais bela que podia haver no mundo. O Passeio Público estava acabado, um paraíso, onde ela fora muitas vezes, e a Rua das Belas Noites, o chafariz das Marrecas, - feitas de metal e despejando água pela boca fora. Uma coisa galantíssima. O vigário dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. [...] Não admira, maior do que Itaguaí, e de mais a mais sede o governo... (ASSIS, 2007, p.266).

Boucinhas analisa o trecho supra-citado, discorrendo sobre as hipóteses que possibilitaram o delineamento temporal dos acontecimentos históricos contidos na narrativa. Considerando que o Rio de Janeiro era a sede do governo, a história teria transcorrido após o ano de 1763. Entretanto, outro dado fornecido na narrativa restringe um pouco mais esse período, já que é mencionada a existência de vice-reis, o que limitaria o período até o ano de 1808, data em que ocorre a mudança da corte para o Brasil. Segundo Boucinhas, a menção às obras do Passeio Público e ao chafariz das Marrecas permite-nos inferir que a história ocorre depois de 1785, já que as obras do Passeio Público ocorreram entre 1779 e 1783 e tendo sido inaugurado o chafariz das Marrecas em 1785. Outro dado relevante para o delineamento temporal é quando Padre Lopes diz não conhecer as obras citadas, por não ir ao Rio de Janeiro desde o vice-reinado anterior. Logo, Padre Lopes esteve na cidade do Rio de Janeiro na administração anterior ao reinado do conde de Figueiró (1778-1790), já que as obras citadas (Passeio Público e chafariz) datam do período mencionado. Diante desse cruzamento de dados (históricos e literários), Boucinhas avança a possibilidade da narrativa estar compreendida no período entre 1785 e 1801, período próximo ao

da Revolução Francesa – compreendida entre 1789 e 1799, excluindo-se o período napoleônico. Aprofundando ainda mais sua investigação, Boucinhas restringe o tempo da narrativa para o período 1786, 1787 ou 1788, a partir dos seguintes fundamentos:

Logo no início do conto, “El-Rei” tenta convencer Simão Bacamarte a ficar em Portugal, oferecendo-lhe inclusive a regência da Universidade de Coimbra. Partindo dos dados acima, “El-Rei” só poderia ser D. José I, que reinou de 1750 a 1777, ou D. Pedro III (1777-1786), rei consorte de D. Maria. No entanto, a hipótese de tratar-se de D. José I parece mais apropriada, pois em seu governo – através de Pombal – houve reformas na Universidade de Coimbra, entre elas a redução da influência da Igreja e a criação de departamentos voltados para as ciências naturais. Como sabemos que transcorrem 11 anos entre a saída do alienista de Portugal e o início de seu estudo da loucura (volta de Coimbra aos 34 anos, aos 40 se casa, tenta ter filhos durante 5 anos e só depois se dedica ao assunto) e que a história se passa depois de 1785 (inauguração do Chafariz das Marrecas), restam três opções: os eventos em Itaguaí começaram em 1786, 1787 ou 1788, pois são as únicas datas em que, retroagindo 11 anos, ainda encontraríamos D. José I no poder (BOUCINHAS, p. 112).

Dessa forma, teríamos três níveis temporais distintos na narrativa “O Alienista”, a saber: época cervantina, pela semelhança quixotesca; parábola política do século XVIII, pela referência à Revolução Francesa; e o paradigma científico do século XIX, pela discussão do cientificismo.

Também em Poe se observam algumas possíveis referências à Revolução Francesa. Além da ambientação do conto se efetivar em ambiente francês, o alienista revoltoso, Sr. Maillard, possui a mesma alcunha do líder da “Marcha sobre Versalhes”, ocorrida em 05 de outubro de 1789. Maillard, revolucionário que integrava a associação “Voluntários da Bastilha”, liderou o grupo numeroso de mulheres, que marchou em direção à Versalhes exigindo a volta da corte para Paris. Dias antes, em Versalhes, os oficiais do corpo de guarda ofereceram um banquete ao Regimento de Flandres, no qual a insígnia da França teria sido pisoteada. Este episódio de desrespeito a um símbolo nacional francês, aliado à fome que assolava a população parisiense, impulsionou os movimentos revoltosos que ficaram conhecidos historicamente como “Jornadas de Outubro”.

Especificamente na “Marcha sobre Versalhes”, as mulheres pediam pão, dado o estado de carestia daquelas pessoas. Elas também exigiam o retorno da corte para

Paris, a fim de que se implantassem medidas para a melhoria de suas necessidades básicas de sobrevivência. “As mulheres exigiam pão. A municipalidade, precariamente protegida, foi invadida e as armas foram saqueadas. Maillard, um dos chefes dos ‘Voluntários da Bastilha’, foi convidado a assumir a direção do cortejo” (LEFEBVRE, 1989, p. 202).

Nesse sentido, não pode passar despercebido que o Maillard de Poe também liderou uma revolta, com a maioria dos revoltosos pertencendo ao gênero feminino, na França, assim como o Maillard da “Marcha sobre Versalhes”. Ademais, durante o período de controle do manicômio pelos “loucos”, parece haver a satisfação das “necessidades” dos internos: abundância de comidas e bebidas para todos, e vestidos de luxo e joias para as mulheres. As extravagâncias na culinária e no vestuário, embora parecessem exageradas aos olhos do narrador, “tudo o que eu estava vendo era notoriamente bizarro” (POE, 2007, p. 207), poderia conotar o fim do regime de privações, possivelmente, imposto aos pacientes. Também os franceses humildes da pré-revolução encontravam-se em tempos difíceis. Tal urgência para a satisfação de suas necessidades básicas, inclusive de alimento, motivou as revoluções dos franceses, que se sentiam explorados e humilhados com a vida de luxo e fartura da monarquia, enquanto os súditos morriam à míngua.

3.2 Banquete

A partir dos estudos de Bakhtin sobre as imagens do banquete em Rabelais, teceremos algumas considerações sobre esse ritual festivo em Machado e Poe. Para o teórico russo, o banquete está ligado às festas, aos atos cômicos, à imagem “grotesca do corpo”, à “verdade alegre”, à “conversação sábia”, em suma, à boca e seus atos (tanto o exteriorizante da fala, quanto o interiorizante da nutrição). O corpo grotesco é aberto e inacabado, está em constante interação com o mundo, por meio da absorção da matéria exterior, o corpo se renova com a posse do alimento, incorporando-o à sua própria matéria. Para Bakhtin, “O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si” (BAKHTIN, 2010, p. 245).

Esse encontro do “homem com o mundo”, em termo bakhtiniano, se dá de forma alegre e triunfante. É o domínio do corpo vivo sobre o corpo abatido, da vida sobre a morte, do corpo dominante sobre o corpo dominado. Nesse sentido, o ato configura-se como premiação do vencedor. O ambiente do banquete é favorável à expressão da verdade. Nesse acontecimento social, imperam suas próprias regras, ou ausências destas. “O pão e o vinho libertam a palavra” (BAKHTIN, 2010, p. 249), inexistem as regras rígidas de outros rituais, aflora-se o primitivismo humano de busca pela saciedade, devido ao instinto de sobrevivência. O banquete também liberta o espírito, “toma a forma de antecipação de um futuro melhor. Isso confere um caráter particular às palavras do banquete, libertadas dos olhos do passado e do presente” (BAKHTIN, 2010, p. 250). “Acontece o mesmo na embriaguez: em seguida a um aumento súbito do sangue, as almas mudam com os pensamentos que elas contêm, e os homens, esquecidos dos males presentes, aceitam as esperanças de bens futuros” (HIPÓCRATES *apud* BAKHTIN, 2010, p. 250).

Por esse fulcro, o narrador da novela “O Alienista” nos insere na imagem do banquete oferecido por Bacamarte, em comemoração ao regresso da esposa. Nesse ambiente, aparentemente, descontraído, os convivas dão vazão aos arroubos da fala, regada à bebida e comida. Os convidados queriam externar seus votos de apreço à “musa da ciência” (ASSIS, 2007, p.272), à “esposa do novo Hipócrates” (ASSIS, 2007, p.272), como se isso pudesse abrandar a fúria científica do médico “inquisidor”, tentativa vã de se livrarem do confinamento na Casa Verde. Martim Brito, um dos oradores, pronuncia seu discurso eloquente no qual comparava D. Evarista à suprema criação divina: “Deus, disse ele, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e a pérola da coroa divina, Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista” (ASSIS, 2007, p. 272). Isso foi suficiente para deflagrar a internação do jovem “pintalegrete” (ASSIS, 2007, p. 272). Não por fúria ou ciúme doentio – o cientista não era dado às mundanidades –, mas por considerar que o jovem estava acometido de lesão cerebral, ao proferir desarrazoado elogio, “fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo...” (ASSIS, 2007, p. 273). O título do capítulo que contém esse episódio nos indica a severidade das ações do cientista, o “terror”. Ninguém estaria a salvo. Pela justiça sumária, Bacamarte detinha o poder,

legitimado pela ciência, para julgar e condenar ao encarceramento todos que não se enquadrassem em seus critérios dúbios e lábeis de normalidade.

No conto “O sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, Edgar Allan Poe vale-se da imagem do banquete para desmascarar as personagens, que até então não exteriorizavam nenhum indício de insanidade. No jantar, cada conviva relata (e representa) sua própria mania, como se fosse de terceiros, ao narrador visitante. A “verdade alegre” insurge no banquete, desvelando, para o leitor, comportamentos “inapropriados”. “Teve ainda Boulard, o pião. Sua mania singular, mas não de todo destituído da razão, era que o havia transformado em um pião. O senhor teria morrido de rir se o visse girando por horas e horas sobre um calcanhar só, deste modo, veja...” (POE, 2007, p. 210). Temos também em Poe, assim como o Martim Brito de “O Alienista”, um orador de “rara eloquência”, que fora considerado louco, chamava-se Buffon-Legend. Lembrando que os pacientes representam seus próprios delírios como se fossem de terceiros, o orador eloquente se apresenta assim:

– Conhecemos também Buffon-Legend – falou outro conviva –, um personagem extraordinário no gênero. Enlouqueceu por causa do amor. Ele imaginava ter duas cabeças. Uma, dizia ele, era a de Cícero; a outra era composta, sendo a de Demóstenes da testa até a boca, e a de Lorde Brougham, da boca até a ponta do queixo. Não era impossível que ele se enganasse, mas com certeza ele teria convencido a todos com suas palavras, porque era um homem de rara eloquência. Sua paixão pela oratória chegava a tal ponto que não conseguia evitar demonstrá-la. (POE, 2007 p.210).

Embora o narrador tenha demonstrado estranhamento ao presenciar as encenações dos convidados, ele relativiza tais comportamentos como sendo produto do excesso do vinho, aliado às excentricidades do povo do sul da França. A atmosfera triunfante do banquete obnubilava a razão do narrador que, assegurado pelo diretor do asilo (e seu título científico), não percebia o que era óbvio até para um leigo: o manicômio havia sido dominado pelos lunáticos e o banquete simbolizava o triunfo dos vencedores da “revolução”. A impressão do narrador é assim registrada: “O senhor Maillard era uma manancial de anedotas engraçadas. Falava com toda a liberdade de sua posição de diretor de uma casa de alienados. E

para minha surpresa, a loucura era o tema favorito de todos os convivas” (POE, 2007, p. 207).

Levando-se em conta a maestria de Edgar Allan Poe na arte contística, o clímax da narrativa se efetivando num banquete, dentro do manicômio, evidenciamos a pertinência dessa construção. Nesse sentido, teríamos o “palco” perfeito para o “ato teatral” de cada indivíduo. Não por acaso, o único momento da narrativa em que os “loucos”, excetuando-se os médicos – Maillard e narrador –, possuem voz se dá durante a realização do banquete. Para Pessotti,

É difícil não ver o manicômio como um teatro (ou um teatro de operações, como dizem os cronistas das batalhas). No século XIX, particularmente, o manicômio aparece como um cenário de grandes combates, de uma imensa tragédia. É ali que o Homo sapiens se encontra com sua negação. Pois, na medida em que sua identidade humana deriva da racionalidade, é ali que a desrazão mostra toda sua força e põe a nu a labilidade do homem. É ali, no manicômio, que a força do instinto atropela o frágil autocontrole do zoonpolitikon e desnuda a violência sutil e instituidora da norma. ... O manicômio aparece, no século XIX, como o espelho acabado da tragédia existencial humana. Não é sem motivo que o teatro, a loucura e a explosão devastadora do desejo reprimido, em forma de tragédia, andam juntos desde a Antiguidade (PESSOTTI, 2001 p.9-10).

Nem mesmo com a representação das manias dos loucos durante o espetáculo do banquete o visitante se dá conta de que está entre “loucos”. A “verdade alegre” que insurgiu naquele ato teatral não foi suficiente para que o narrador duvidasse do discurso científico do ex-diretor, agora paciente. Embora o Sr. Maillard tenha advertido que: “vai chegar o tempo em que poderá julgar por você mesmo o que acontece no mundo, sem confiar no disse-me-disse dos outros. Não acredite em nada do que você escutar e só na metade daquilo que você estiver vendo” (POE, 2007, p. 205), o narrador parece não entender a mensagem, por ser “um cavalheiro de aspecto muito estúpido” (POE, 2007, p.215), conforme a avaliação de Maillard.

3.3 Carnavalização

No conto “O sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena”, de Edgar Allan Poe, e no conto “O Alienista”, de Machado de Assis, observa-se o fenômeno da carnavalização, a inversão de “papéis” socialmente concebidos. Nos *corpora* analisados, a ordem está invertida e o que era concebido como exceção passa a constituir a regra: os “loucos” dominando os “lúcidos”.

Para José Rivair Macedo, em seu livro *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*, no mundo medieval, caracterizado por “rígidas distinções sociais e econômicas” (MACEDO, 2000, p. 228), as festividades representavam uma libertação temporária das normas e convenções sociais. Em nenhum outro momento ocorria a inversão dos papéis socialmente concebidos, a inobservância de normas de conduta e “quebra” de tabus.

Segundo Macedo, as festas correlacionavam-se ao calendário agrícola e simbolizavam o culto à fertilidade, fecundidade e abundância, algo primordial para uma sociedade agrária, medieval. Nesse sentido, os festejos carnavalescos não podem ser dissociados da simbologia mencionada, do caráter propiciatório. Macedo afirma que o carnaval medieval não pode ser considerado como “mera persistência do paganismo greco-romano” (MACEDO, 2000, p. 228), devendo ser considerado como incorporação e remodelação do paganismo à cultura religiosa medieval, sendo incluído no calendário litúrgico.

Macedo afirma que não há uma festa considerada como única ancestral do que entendemos por carnaval na modernidade, devendo ser atribuída sua origem a um conjunto de festividades, um “ciclo carnavalesco”, que se iniciava no inverno e terminava no início da primavera. Esse ciclo de festividades era denominado de “festas dos loucos” e “todas estiveram envolvidas em maior ou menor proporção com o divertimento, as mascaradas e danças, os excessos no beber e no comer, a algazarra, a sátira aos poderes estabelecidos e a inversão dos papéis tradicionais”. (MACEDO, 2000, p. 228-229).

O período de ocorrência desses festejos está implicado à ocorrência das festas pagãs e conservava vestígios dessas cerimônias. As festas pagãs estavam

relacionadas às mudanças das estações: as *Saturnalia* eram comemoradas em 17 de dezembro, as *Brumalia* em 25 de dezembro, as *Volcanalia* em 23 de junho, e as *Neptunalia* em 23 de julho. Segundo Macedo,

A igreja procurou cristianizar tais cerimônias sacrílegas, substituindo-as, em alguns casos, por festas propriamente cristãs. Nada a estranhar que o Natal viesse a ser comemorado no dia 25 de dezembro, em substituição às *Brumalia*, e que as *Volcanalia* fossem absorvidas pela comemoração em homenagem a São João Batista.(...) As festividades apontadas, enraizadas nas tradições ancestrais das populações europeias, resistiram ao processo de cristianização, sendo absorvidas pela via do sincretismo. (MACEDO, 2000 p.230).

Na esteira dessa condensação cultural, misto de sagrado e profano, ocorria a Festa do Asno, uma das “festas dos loucos”, no período medieval. O animal que nomeava o festejo, simbolicamente, representaria a sabedoria e está incluído nos costumes cristãos, podendo ser visualizado no presépio e na iconografia da chegada de Jesus na cidade de Jerusalém. Além dessa simbologia, “a identificação poderia dizer respeito aos representantes de Cristo. Nas obras satíricas, escritas ou visuais, bispos e padres às vezes eram identificados aos asininos” (MACEDO, 2000, p. 235). Paralelamente a isso, o autor nos afirma que o animal, dotado de “atributos fálicos”, também era associado à conotação de tolice. A Festa do Asno consistia, então, na exaltação da humildade e tolice simbolizadas por ele. A descrição do festejo é assim exposta:

Um animal ornamentado com a mirra e o báculo dos bispos era introduzido nos templos, montado por uma mulher que representava a Virgem Maria. (...) Dentro do recinto sagrado, os “foliões” dançavam, saltavam, comiam em demasia e entoavam canções ou hinos paródicos, jogando dados e outros “jogos de azar”. A festa comportava uma inversão temporária das regras morais e da ética rigorista do cristianismo, instaurando o “mundo às avessas”. Na liturgia propriamente dita, para cada oração maliciosa do oficiante, em vez do tradicional “amém”, os participantes proferiam um esplêndido (sic) “hin han”. (...) Juntava-se ainda à litania do asno cantos em vernáculo enaltecendo o vinho e os beberrões. No final do ofício burlesco, ao anúncio do “Ite, missa est”, toda a assistência respondia com gritos, risos, e zurros inflamados. Iniciava-se então uma procissão bufa fora do recinto, repleta de cantos, pilhérias e chacotas proferidas pelos beberrões do cortejo comandados pelo líder, o “bispo dos loucos”. (MACEDO, 2000 p.236, grifo nosso).

Após essa explanação, retomemos o conto de Poe. “–Teve um outro – contou um cavalheiro alto, que se achava à minha frente – com a mania de ser um burro, o que, falando metaforicamente, não deixava de ser verdade. Era um paciente rebelde e que dava muito trabalho”. (POE, 2007, p. 207). Um dos internos da *Maison de Santé* acreditava ser um asno. Durante o banquete, quando todos os convivas “representavam” seus delírios, o senhor Kock imitava um burro e foi repreendido por uma colega de internamento: “– Faça o favor de ficar quieto! (...) O senhor é quase tão burro quanto o pobre insensato que procura imitar...” (POE, 2007, p. 207). Após a repreensão, “o Sr. Kock então inclinou-se, beijou cerimoniosamente a sua própria mão e bebeu um copo de vinho com a senhora Laplace”. (POE, 2007, p. 208). Na personagem do Sr. Kock, podemos visualizar a representação de elementos da festa do Asno, tais como: a exaltação do humilhado (beijar a própria mão); o elemento fálico (além da representação do próprio animal, a pronúncia do nome da personagem remete à gíria inglesa utilizada para denominar o órgão sexual masculino – cock); o excesso de comida e bebida; os zurros; além da presença de uma mulher dominante. De maneira geral, o banquete de Poe pode ser definido como algo “que permitia a exaltação dos débeis, humildes, oprimidos e despossuídos em geral” (MACEDO, 2000, p. 236), estando em conformidade com a análise do historiador sobre a “Festa do Asno”.

O caráter de fertilidade, fecundidade e abundância típico dos rituais pagãos, que foram incorporados à cultura cristã medievá e que constitui a base dos festejos carnavalescos, é observado em várias personagens do conto de Poe. A propriedade fálica, essencial para o caráter de fecundidade, pode ser visualizada nas personagens que se identificavam com: bule de chá inglês, burro, garrafa de champanhe, pitada de tabaco, pão. O caráter da fertilidade (“grosso modo” capacidade de gerar vida) pode ser vislumbrado nas personagens que se identificavam com: galinha, Vênus de Milo, queijo de córdoba (à base de leite, elemento vital ao neonato) e abóbora (sementes-capacidade de germinação). Esses elementos remetem à questão da fecundidade/fertilidade em maior ou menor grau. O caráter da abundância é verificado, textualmente, nos excessos de: comida, bebida, gestual e comportamento das personagens. Para além da obviedade da inversão de papéis na *Maison de Santé*,

esses elementos reforçam a constatação do fenômeno da carnavalização no conto “O sistema do Dr. Alcatrão e do Professor Pena”, de Edgar Allan Poe.

No conto “O Alienista” de Machado de Assis, a noção de fecundidade, fertilidade e abundância ainda é mais ricamente explorada. Utilizando-se da parábola bíblica da gênese da espécie humana, o narrador nos inteira da fala de Martim Brito, eloquente orador, que profere o seguinte discurso durante o banquete de boas vindas à D. Evarista: “Deus, disse ele, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e a pérola da coroa divina, Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista”. (ASSIS, 2007, p. 272). A Eva (rista) do Adão-Simão, primeiro homem de sua “espécie” (médico alienista) em território brasileiro, fora “escolhida” como parceira ideal para que o homem vivesse eternamente no “paraíso”. Temendo se afastar dos desígnios da ciência, pois isso seria o “pecado original” para nosso alienista – aquilo que o tornaria vulgar e indigno, Simão Bacamarte escolhe sua parceira pela “provável” fertilidade, baseada em critérios científicos. “D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus” (ASSIS, 2007, p. 255), assim, evitaria “cair em tentação” (abandono do seu comprometimento integral à ciência).

Pelo excerto transcrito, Bacamarte escolhe sua esposa, tendo como requisito a falta de atrativos físicos. Essa postura corrobora a já mencionada postura calculista e insensível do personagem. Não que D. Evarista fosse considerada “feia” para o padrão de beleza convencionado, e bela ao seu amado, ela era “mal composta”, na opinião do narrador e do marido. Como já fora explorado, o único critério levado em consideração para o matrimônio, o da fertilidade-fecundidade, mostrou-se falho: “não lhe deu filhos robustos nem mofinos” (ASSIS, 2007, p. 255). Ademais, pela falta de atrativos físicos, Eva (rista) não ofereceu “perigo” a Bacamarte. Ele se manteve fiel à ciência, não cedeu à tentação mundana de se humanizar.

Embora o narrador insista em atribuir a falha do projeto de concepção à D. Evarista, a narrativa se mostra aberta à outra possibilidade. Ainda que tenha sido “bem sucedido” no âmbito profissional (como a narrativa, a princípio, nos leva a crer), Bacamarte fracassa em seu projeto de macho reprodutor. A responsável por esse desvio, assim como na narrativa bíblica (porém, em outros termos), é a mulher. À Eva (rista), é atribuído o fracasso desse projeto, mesmo tendo sido alimentada com

a “bela carne de porco”. Aliás, esse detalhe se mostra interessante quando recorremos a José Rivair Macedo. Segundo o historiador, ocorria no dia 1º de novembro, um ritual de caráter propiciatório na cultura Celta. A festa de *Samain* “comemorava a chegada sombria do inverno (momento associado, no plano simbólico, ao encontro dos vivos com os mortos) com um farto banquete ritual em que se comia muita carne de porco e se bebia muito vinho e cerveja” (MACEDO, 2000, p. 230). Sendo a carne de porco e as bebidas, de acordo com a tradição céltica, garantias de acesso ao “Outro Mundo” (mundo dos mortos), numa comparação entre “fertilidade” e “vitalidade”, a simbologia da ingestão desse tipo de carne por D. Evarista (viva-fértil) poderia ter a função de colocá-la em contato com Bacamarte (estéril, morto no sentido figurado).

Além dos aspectos já mencionados, outro elemento que nos indicia a carnavalização no conto “O Alienista” é a instalação de tão importante e inovadora instituição em uma cidade inexpressiva do interior. Sabidamente, por questões logísticas, espera-se que os grandes centros estejam mais bem preparados para receber grandes empresas/instituições. Nesse sentido, estranha-se o fato de que uma pequena cidade do interior sedie tão moderno empreendimento, visto que, em situação de “normalidade”, a instalação da Casa Verde deveria ocorrer no Rio de Janeiro. Também é de se estranhar que um médico tão ilustre, precursor do alienismo, eleja a pequena Itaguai como universo, após recusar distintos postos de trabalho. À maneira machadiana, esses elementos não nos parecem arbitrários, constituindo-se em alguns indícios do fenômeno de carnavalização presentes no conto.

3.4 O elogio da loucura

Possivelmente, Machado de Assis e Edgar Allan Poe conheciam a obra *O elogio da loucura*²⁷, de Erasmo de Roterdã, publicada em 1511. Texto dedicado a Thomas More, cujo sobrenome remete à *moria* – loucura, Roterdã relata estar em condições desfavoráveis “para compor obra séria” (ROTerdã, 1982, p. 7), tendo se

²⁷ Há a informação de que Machado de Assis possuía a tradução francesa dessa obra em seu acervo. Vide “A biblioteca de Machado de Assis”, organizado por José Luis Jobim.

“divertido” escrevendo *O elogio da loucura*. A personagem narradora – a Loucura – critica a sociedade europeia e seus costumes decadentes, num texto mordaz, ainda que não se classifique como “sério”. Esse recurso certamente propiciou ao humanista da renascença abordar assuntos melindrosos, já que a fala da “loucura”, assim como a do “parvo”, não podem ser levadas a sério. O texto escrito por um teólogo, que critica o obscurantismo da religião de sua época, propulsionou a Reforma Protestante de Lutero, já que continha críticas às práticas religiosas infames, entre elas a cobrança por indulgências.

Desde o início do texto, a deusa Loucura, princípio de todas as coisas e estágio natural humano, acentua que falará a “verdade”, essência da própria loucura. Tendo como sequazes: Amor-próprio, Adulação, Esquecimento, Preguiça, Volúpia, Demência e Delícias, a Loucura, filha do deus Pluto (riqueza) e da ninfa Neotetes (juventude), a Loucura foi amamentada por Mete (ebriedade) e Apélia (imperícia). Depois de exposta sua genealogia, a Loucura revela que a felicidade e a coisas boas da vida ocorrem graças a ela.

Michel Foucault, em seu livro *História da Loucura*, afirma que a loucura tem “algo a ver com os estranhos caminhos do saber” (FOUCAULT, 2012, p. 23). Por esse viés, vários segmentos são trazidos à baila por Roterdã em seu texto. Isso permite que Foucault associe o excesso de ciência (ou falsa ciência) à loucura, como se evidencia no excerto:

Erasmus reserva aos homens do saber um bom lugar em sua ronda dos loucos: depois os Gramáticos, os Poetas, os Retóricos e os escritores; depois os juristas; em seguida, caminham os “Filósofos respeitáveis por sua barba e seu manto”; finalmente a tropa apressada e inumerável dos Teólogos. Mas se o saber é tão importante na loucura, não é que esta possa conter os segredos daquele; ela é, pelo contrário, o castigo de uma ciência desregrada e inútil. Se a loucura é a verdade do conhecimento, é porque este é insignificante, e em lugar de dirigir-se ao grande livro da experiência, perde-se na poeira dos livros e nas discussões ociosas; a ciência acaba por desaguar na loucura pelo próprio excesso das falsas ciências. (FOUCAULT, 2012, p.24).

Percebem-se nos *corpora* desta dissertação, vários pontos de contato com o ensaio de Roterdã. Para o autor holandês, todas as paixões desregradas são produtos

da loucura. “A diferença entre o louco e o sábio é que o primeiro obedece às suas paixões, o segundo à razão”. (ROTerdã, 1982, p. 50). Segundo Roterdã, o sábio idealizado pelos estoicos deveria ser interdito das paixões. Porém, as paixões, consideradas doenças pelos estoicos, seriam as responsáveis pela condução do sábio ao cumprimento dos deveres da virtude, servindo-lhe de inspiração para o desejo de praticar o bem. Para ilustrar esse posicionamento, Roterdã cita um importante filósofo romano que, considerado desprovido de paixões, resume o ideal do sábio imaginado pelos estoicos:

Inútil é que Sêneca, esse estoico exagerado, diga ser o sábio inteiramente despido de paixões. Um sábio assim já não seria homem, seria uma espécie de deus, ou antes um ser imaginário que jamais existiu e jamais existirá; ou enfim, mais claramente, um ídolo boçal, privado de qualquer sentimento humano, e tão insensível quanto o mais duro dos mármore. (ROTerdã, 1982, p.50).

Essa descrição do sábio idealizado pelos estoicos parece ilustrar bem os alienistas Simão Bacamarte e Sr. Maillard. Tendo a ciência como ideal de vida, todo o resto torna-se secundário. Roterdã analisa esse perfil de sábio:

Como seria possível não abominar tão horroroso monstro, como seria possível não fugir de tão medonho espetro, de um homem dessa espécie, se existisse realmente? Surdo à voz da natureza, os sentimentos da ternura, da piedade, da benevolência não lhe causam no coração maior impressão do que se fosse feito da mais dura pedra. Nada lhe escapa, nada o engana; os olhos do lince não são tão penetrantes como os seus; examina, pesa tudo rigorosamente. Sem indulgência pelos semelhantes, só está contente consigo próprio. Julga-se o único rico, o único são, o único livre; crê, enfim, possuir tudo quanto se pode possuir neste mundo, mas é o único que assim crê. Sem cuidar de ter amigos, não é amigo de ninguém. Ousa até desprezar os próprios deuses, e tudo quanto se faz na terra é o constante objeto das suas críticas e das suas zombarias. Eis aí o animal tido pelos estoicos por modelo da perfeição e da sabedoria. (ROTerdã, 1982, p.51).

Além do “tipo” de “louco sábio” exposto por Roterdã e vislumbrado nas personagens médicas de Machado e Poe, outros “tipos” de loucos parecem ter sugestionado nossos autores na composição de seus contos. Os loucos “que não

cessam de exhibir os seus vãos títulos de nobreza” (ROTerdã, 1982, p. 73), por exemplo, figura também no conto de Machado. Em Roterdã, temos:

um diz descender de Enéias, outro de Bruto, mais outro do rei Artur. Por toda parte expõem estátuas e retratos de antepassados. Repetem-vos constantemente a ladainha dos seus avós e bisavós, nos lábios só trazem nomes e sobrenomes antigos e, apesar de todas as suas palavras, não passam de imbecis, inferiores às imagens que exibem. O amor-próprio fá-los viver uma vida feliz. (ROTerdã, 1982, p.73).

No conto de Machado, o “louco” com mania de grandeza é assim descrito:

A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta: _ Deus engendrou o ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu. (ASSIS, 2007, p.259).

A loucura da mulher, já explorada nessa dissertação, também é mencionada no texto de Roterdã: “mulher é sempre mulher, sempre louca, por mais que se esforce por o não parecer” (ROTerdã, 1982, p. 33). Semelhante matéria é observada em Poe: “ouvi dizer que a maioria dos loucos pertencia ao belo sexo” (POE, 2007, p. 211). A mania sumptuária estabelecida como diagnóstico que motivou a internação de D. Evarista, firmado por Simão Bacamarte, também é abordada por Roterdã: “É verdade que a mulher é um animal extravagante e frívolo; mas, ao mesmo tempo, é interessante e agradável. Vivendo com o homem, saberá temperar-lhe e adoçar-lhe, com as suas loucuras, a aspereza e rabugice”. (ROTerdã, 1982, p. 32). Por conta da frivolidade feminina citada por Roterdã, D. Evarista foi internada. Não conseguindo escolher o colar ideal para compor seu figurino, Bacamarte a condena ao internamento.

A loucura da mulher também é relacionada por Roterdã à sexualidade feminina, tida como algo impróprio também nos contos aqui abordados de Machado e de Poe, sobretudo quando aborda a loucura das mulheres idosas

(consequentemente, alterações provocadas pela menopausa), algo mencionado no conto de Poe: “pelo menos dois terços dos convivas eram de senhoras (...). Muitas delas, que não tinham menos de 70 anos, estavam decotadas e de mangas curtas, com uma profusão extraordinária de jóias” (POE, 2007, p. 206). Esse “furor uterino” é assim narrado n’*O elogio da loucura*:

O que é mais interessante ainda é ver essas mulheres decrépitas que a velhice parece ter, há longo tempo, tirado do número dos vivos, esses cadáveres ambulantes, essas carcaças infectas que exalam por toda parte um cheiro de sepulcro, gritar a todo instante: *Não há nada melhor que a vida!* Com o coração repleto de lúbricos desejos, só pensam nos meios de satisfazer o furor uterino que as domina ainda; procuram aqui e acolá, por toda a parte, um novo Faão que, por dinheiro, se esforce por lhes extinguir o fogo que as devora. Sempre ocupadas em se adornarem, emplastram o rosto, transcorrem o dia em frente do espelho, e tentam disfarçar de qualquer maneira os ultrajes secretos que os anos fazem à natureza. Umhas vezes exibem o seio flácido e nojento, outras procuram avivar o vigor dos seus amantes com gritinhos emitidos por uma voz trêmula e rota. Bebem, dançam com as jovens e escrevem, como estas, bilhetinhos amorosos aos seus queridos. (ROTTERDÃ, 1982, p.54).

No banquete de boas vindas à Dona Evarista em Machado, e no jantar oferecido pelo Sr. Maillard ao visitante narrador do conto de Poe, a loucura insurge com sua alegria característica e sua fala “solta”. Esse evento festivo também é abordado por Roterdã:

O que é certo é que não há banquete que não seja triste e insípido, quando não reina a alegria da loucura. Se num banquete não se encontra quem seja realmente louco ou queira parecê-lo, paga-se um bufão, ou manda-se vir um parasita jovial que, com os seus ditos jocosos e as suas brincadeiras, isto é, com as suas loucuras, expulsa o silêncio e a melancolia e faz rir os convivas. (ROTTERDÃ, 1982, p.34).

Acerca da loucura na oratória filosófica, a personagem de um rapaz humilde em Machado de Assis, “que fazia um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano” (ASSIS, 2007, p. 258) fora considerado louco por Simão Bacamarte e, consequentemente, internado na Casa Verde. De mesma sorte, o personagem orador de Poe, Buffon-Legend, que “imaginava ter duas cabeças. Uma, dizia ele, era a de Cícero; a outra era composta, sendo a de Demóstenes da testa até a

boca, e a de Lorde Brougham, da boca até a ponta do queixo” (POE, 2007, p. 210), era um homem de rara eloquência e não evitava demonstrar seu talento, motivo pelo qual se tornou interno na *Maison de santé*. No texto de Roterdã, a loucura dos filósofos é assim demarcada:

Depois deles vêm os filósofos, homens assaz respeitáveis certamente pela barba e pela túnica, homens que se jactam de ser (sic) os únicos sábios da terra e consideram os seus semelhantes vãs sombras a se agitarem na superfície do globo. (...) Mas a natureza, infinitamente acima das ideiazinhas desses filósofos, ri-se deles e das suas conjecturas. Prova evidente de que não possuem nenhum conhecimento certo é que, sobre as suas diferentes opiniões, discutem acalorada e incompreensivelmente. Nada sabem, e orgulham-se de tudo saber. (ROTerdã, 1982, p.94).

Pelos fatores abordados nesse tópico, parece aceitável a hipótese de que Machado de Assis e Edgar Allan Poe conheciam *O elogio da loucura*, tendo “incorporado” na composição de seus respectivos contos, “O Alienista” e “O Sistema do doutor Alcatrão e do professor Pena”, vários aspectos abordados por Erasmo de Roterdã.

3.5 O louco criminoso

Na obra seminal à redação deste trabalho, *O poder psiquiátrico*, de Michel Foucault, há o seguinte questionamento: “por que esse interesse dos psiquiatras pelo crime, por que reivindicar tão fortemente assim, e de certo modo tão violentamente, o fato de o crime eventualmente pertencer à doença mental”? (FOUCAULT, 2012, p. 320). O motivo de tal reivindicação é exposto de forma bastante objetiva. Não sendo a medicina psiquiátrica do século XIX calcada na “verdade”, essa ciência nascitura se justificaria a partir da necessidade de proteção da sociedade. Pela perspectiva de que o louco era um criminoso em potencial, fazia-se necessário sua contenção. Pela impossibilidade de fundamentação da medicina psiquiátrica em “verdade”, ela fundar-se-ia na prática de “defesa social”:

E a determinação, a vinculação de uma loucura a um crime e, no limite, da loucura a todo crime era o meio de fundar o poder psiquiátrico, não em termos de verdade, pois precisamente não é de verdade que se trata, mas em termos de perigo: estamos aqui para proteger a sociedade, já que no âmago de toda loucura está inscrita a possibilidade de um crime. Vincular a um crime algo como a loucura é, a meu ver, claro que por razões sociais, uma maneira de safar o indivíduo, mas de maneira geral, no nível do funcionamento geral dessa assinalação de loucura no crime, há a vontade dos psiquiatras de fundar sua prática em algo como uma defesa social, pois eles não podem fundá-la em verdade. (FOUCAULT, 2012 p.320).

Esse “tipo” do louco criminoso é explorado por Machado. Em “O Alienista”, há o interno manicomial que cometeu duplo homicídio: “Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois; ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade”. (ASSIS, 2007, p. 259). Em Poe, não temos, entre as manias relatadas pelos próprios loucos, nenhum interno do “tipo” louco criminoso. Contudo, há de se falar que os pacientes, liderados pelo Sr. Maillard, tomaram à força o estabelecimento de saúde, mantendo os funcionários do asilo em cárcere privado, adotando a prática da tortura física como forma de “tratamento”. Esse comportamento, por si só, já remete à figura do louco criminoso analisado por Foucault que, constituindo-se ameaça à paz social, dado seu potencial ofensivo-agressivo, fundamenta a existência da psiquiatria e seus dispositivos de correição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edgar Allan Poe e Machado de Assis, ao ficcionalizarem os discursos das suas épocas, externaram semelhantes posturas críticas frente ao saber médico psiquiátrico intransigente do século XIX. A partir da representação da ciência desmedida nas personagens dos médicos, fica evidente a postura cética dos autores acerca da medicina psiquiátrica daquele tempo.

Poe e Machado, fazendo uso da sátira e da ironia em suas narrativas, problematizam importantes questões ainda pouco exploradas naquela época. A reflexão sobre os critérios para a classificação da insanidade, a ineficácia dos métodos de cura e o manejo da loucura como instrumento de poder são exemplos dessas questões.

Nos contos de Machado de Assis e Edgar Allan Poe, temos a problemática da instrumentalização da medicina psiquiátrica, com o propósito classificatório e segregante. A “máxima” iluminista de que ter “saber” é ter “poder” é representada nas personagens médicas, que passam da curiosa condição de alienista para a de alienado, denotando a fragilidade da “Razão”, que se pretendia positiva, absoluta.

A crítica à relatividade dos critérios para a classificação da loucura e os falíveis métodos de cura são percebidos nos *corpora*, sendo a crítica aos métodos de cura presente no conto de Poe de forma mais pontual que no texto de Machado, por referenciar e por ridicularizar os métodos terapêuticos, inclusive por alusão ao sistema de tortura para o tratamento da insanidade que intitula o conto do autor estadunidense. Já Machado de Assis, ao representar a postura irascível de Simão Bacamarte, denota a relatividade de critérios para o estabelecimento da insanidade, bem como a imprestabilidade de uma ciência extremada que não possibilitou nenhum avanço ao cientista. Semelhante destino teve a personagem psiquiatra de Poe, que também não contribui, “positivamente”, com a ciência.

O espaço de internamento ficcionalizado nos *corpora*, como dissertamos, vai ao encontro dos preceitos científicistas que norteavam a nascente psiquiatria do século XIX. Consoante à doutrina de Comte, a observação dos fenômenos deveria reger o cientista em suas pesquisas. A busca pela “verdade”, por meio da observação e verificação, motivou a criação dos “zoológicos” humanos, instituições panópticas que legitimariam o poder que emana do médico alienista, aquele que detém o

“saber”, logo, o poder. Embora simbolizassem a modernidade, os manicômios ficcionalizados nos *corpora* representam o retrocesso: a tortura e o sofrimento humano, temática explorada em ambas as narrativas, cada uma em sua medida.

Esse *status* de “verdade” da medicina psiquiátrica é ricamente explorado pelos autores. Em Machado, a “ciência é coisa séria”. Bacamarte não deveria (nem poderia) explicar seus critérios motivadores de internação da maioria da população itaguaiense a leigos. Também em Poe, a soberba científica é realçada. O Sr. Maillard vale-se de fictícios cientistas, supostos inventores do método terapêutico “alcatrão e penas”, para justificar o método de tortura adotado na *Maison de Santé*. Ainda que tudo e todos parecessem excêntricos, sob a perspectiva do estudante médico narrador, as informações dadas não suscitaram dúvidas, por serem proferidas por uma autoridade científica, o médico que se tornou paciente.

A questão da loucura nas mulheres é abordada por ambos os autores, problematizando o entendimento da época de que a mulher é um ser, potencialmente, doente. Esse entendimento era produto do determinismo que aferia a “qualidade” dos indivíduos a partir de seu gênero, cor da pele, etnia etc. Em Machado, a “total ausência da dinastia dos Bacamartes” (ASSIS, 2007, p. 255) é atribuída à D. Evarista, conforme insinua o narrador cronista. Em Poe, a maioria das pacientes era composta por senhoras da terceira idade. Apenas uma mulher jovem, viúva, compunha essa população. Essa amostra de personagens femininas “loucas” condiz com o entendimento da época sobre a histeria ou furor uterino. As naturais variações hormonais femininas e até mesmo o interesse sexual eram vistos como sintomas de doenças mentais. Em suma, as mulheres eram propícias aos males físicos e mentais, sobretudo às que se desviassem da noção de “normalidade”.

Várias referências, em comum, são observadas em ambos os contos. A obra *O elogio da loucura*, de Erasmo de Roterdã, parece seminal à composição dos textos. Vários “loucos” de Roterdã reaparecem em Machado e Poe: o sábio-louco, o que tem mania de grandeza, o que faz bom uso da retórica e da oratória, as mulheres etc. Além disso, os contos analisados enfocam o tênue limite entre normalidade e loucura, o que, de certa forma, a Loucura narradora em Roterdã se esforça para delimitar.

Pontuamos os indícios de carnavalização presentes nos contos. O “mundo às avessas”, no qual os “loucos” subjugam os “normais”, é um forte dispositivo dos contos. Além dessa análise de carnavalização em primeiro plano, exploramos o caráter propiciatório do fenômeno: fecundidade, fertilidade e abundância. O banquete é uma figura importante na insurreição da loucura. Amparados nos estudos de Bakhtin sobre a temática, percebemos a similaridade dessas abordagens nas narrativas. Em Machado, a abundância de comida e bebida propicia os “arroubos” da fala, algo que motiva a internação de um personagem e antecede uma “internação em massa”. Em Poe, é durante o banquete que as personagens são “desmascaradas”. As “representações” das manias dos internos, feitas por eles mesmos como se fossem de terceiros, situa o leitor no ambiente de anormalidade, o que apenas não fora percebido pelo ingênuo narrador.

Várias alusões à Revolução Francesa são percebidas nos *corpora*. Em Machado a alusão é mais contundente, sendo percebida até mesmo no título de um capítulo, O terror. Em Poe, o nome da personagem principal, Sr. Maillard, coincide com o nome do líder da “Marcha sobre Versalhes”, importante acontecimento que antecede o ápice da Revolução.

Ao problematizar a instalação do hospício numa cidade, Machado amplia a discussão de Poe, antes isolada do contexto social, restrita a uma floresta do sul da França. Ademais, ao inserir uma figura religiosa na trama, Machado explora a tradicional tensão entre o poder espiritual e o terrestre, personificando o Deus-Ciência.

Embora separados geograficamente, com um lapso temporal na produção dos *corpora*, os textos parecem ser catalisadores da “denúncia” de Poe e Machado à loucura contida nos excessos da própria ciência, compartilhando, assim, entre si, a postura crítica na abordagem ficcional da loucura. Isso indica que não somente Machado era leitor e tradutor de Poe (poema “O Corvo”), mas que também pode ter se inspirado no conto do autor estadunidense para a composição do seu texto “O Alienista”, conforme análise contida nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo Eduardo. “O positivismo no Brasil: breve apresentação do problema para um leitor europeu”. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.21, p. 185-194, 1988.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. “O Alienista”. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. [p. 254-300].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. Org e Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BOSCO, João. O barbeiro-cirurgião na arte. 2013. Disponível em: <http://medicineisart.blogspot.com.br/2010/08/os-barbeiros-cirurgioes-na-arte.html>
Acesso em: 28 out. de 2015.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOUCINHAS, André Dutra. Machado de Assis e a (sua) Revolução Francesa. In: *Revista Machado de Assis em Linha*. Ano 2, número 4, dezembro de 2009. Disponível em: http://machadodeassis.net/revista/numero04/rev_num04_artigo06.asp
Acesso em: 20 ago 2016.

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Rezende. *Machado de Assis: uma viagem à roda de livros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

BRYSON, Bill. *Em casa: uma breve história da vida doméstica*. Trad. Isa Maralando. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CELESTINO, Késia Tavares. *Entre Calíope e Clio: a loucura sob a pena da Literatura e da História*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.

CHASSOT, Attico. *Para que(m) é útil o ensino?* Canoas: Ed. Ulbra, 2004.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positivista. In: *Vida e obra*. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

CORBANEZI, Elton. O terror do positivo: o alienista e o positivismo comteano. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 22.1, 2015.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

DEL PRIORI, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2015.

FISCHER, Luís Augusto. *Machado e Borges: e outros ensaios sobre Machado de Assis*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

FLORES DA CUNHA, Patrícia Lessa. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: Unisinos, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. *O Poder Psiquiátrico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1997.

FROSCH, Friedrich. O tenebroso problema da patologia cerebral. In: *A obra de Machado de Assis*. Ministério das Relações Exteriores. Governo Federal. 2006.

GIANNOTTI, José Arthur. *Vida e obra de Auguste Comte*. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEFEBVRE, Georges. *O surgimento da Revolução Francesa*. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LIMA, Odair José Silva. *A sátira da loucura em Poe e Machado: “The system of dr.Tarr and Professor Fether” e “O alienista”*. Monografia (Graduação em Letras) – Departamento de Letras e Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/1432>. Acesso em: 06 ago. 2015.

LOWENTHAL, Fabíola. A Tentação de Criar no Traduzir: uma tradução comentada de RememberingNeedleman, de Woody Allen. Revista *TradTerm*, São Paulo, v. 22, Dezembro/2013, p. 123-146

MACEDO, José Rivair. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Editora Unesp, 2000.

MACHADO, Roberto *et al.* *Da (n)ação da norma*. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARIA, Luzia de. *Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Um sistema instável: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX. In: *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Org. Yonissa Marmitt Wadi e Nádia Maria Weber Santos. Uberlândia: EDUFU, 2010.

“Memória da loucura”. Desenvolvido por Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos, Coordenação-geral de Documentação e Informação, s.d. Apresenta a história da Psiquiatria no Brasil, documenta as diversas formas de tratamento, as personalidades relevantes, as influências estrangeiras e retrata a assistência psiquiátrica, marcada por isolamentos e terapêuticas repressoras e desumanas. Disponível em:

<http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/mostra/retratos06.html>.

Acesso em 29 out. 2015.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MORELOS, Baez; ROMINA, Laura. *Breve historia de la psicopatologia y evolucion de las creencias con respecto a los transtornos mentales*. Disponível em: http://www.academia.edu/6769437/BREVE_HISTORIA_DE_LA_PSICOPATOLOGIA_Y_EVOLUCION_DE_LAS_CREENCIAS_CON_RESPECTO_A_LOS_TRANSTORNOS_MENTALES_ALUMNA_BAEZ_MORELOS_LAURA_ROMINA.

Acesso em: 25 set. 2015.

MORGAN, Madeleine Prudence. *William Acton and Medical Discourse in Mid-Nineteenth Century Britain*. University of Exeter as a thesis for the degree of Doctor of Philosophy in History. 2011. Disponível em: <https://ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10036/3379/MorganM.pdf?sequence=2>. Acesso em: 25 set. 2016.

NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua Literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NEVES, Gilson. *Machado de Assis e o Mito Antissemita – a genealogia como contraponto crítico ao estereótipo do judeu em Papéis Avulsos*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.

PESSOTTI, Isaias. *O século dos manicômios*. São Paulo: Editora 34, 2001.

PESSOTTI, Isaias. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 2001.

POE, Edgar Allan. O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena . In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Trad. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. [p. 201-2017].

PONTES, Cleto. *Machado de Assis, Lima Barreto e o hospital psiquiátrico*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.

QUINET, Antonio. *Psicose e Laço Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: dinâmica do poder em “O Alienista”*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

WEBER SANTOS, Nádia Maria. “Psiquiatria e História Cultural: a literatura como fonte e a loucura como objeto”. In: *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Org. Yonissa Marmitt Waldi e Nádia Maria Weber Santos. Uberlândia: EDUFU, 2010.

VECCHI, Roberto. *Morte e progresso. Cultura brasileira como apagamento de rastros*. Org. Francisco Foot Hardman. São Paulo: Editora UNESP, 1998.